



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA (PPGH/UFFS)**

**SCHEILA MARIA BOLZAN**

**ELITES POLÍTICAS, CIDADE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL:  
CHAPECÓ, 1950-1955**

**CHAPECÓ- SC**

**2022**

**SCHEILA MARIA BOLZAN**

**ELITES POLÍTICAS, CIDADE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL:  
CHAPECÓ, 1950-1955**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.  
Orientador: Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga  
Coorientador: Prof. Dr. Francimar Ilha da Silva Petrolí

**CHAPECÓ- SC**

**2022**

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

, Scheila Maria Bolzan  
ELITES POLÍTICAS, CIDADE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL:  
CHAPECÓ, 1950-1955 / Scheila Maria Bolzan . -- 2022.  
107 f.:il.

Orientador: Doutor Gerson Wasen Fraga  
Co-orientador: Doutor Francimar Ilha da Silva Petroli  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da  
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em História,  
Chapecó,SC, 2022.

1. Chapecó. 2. Modernização. 3. Desenvolvimento  
Regional. 4. Rivalidade Política. I. Fraga, Gerson  
Wasen, orient. II. Petroli, Francimar Ilha da Silva,  
co-orient. III. Universidade Federal da Fronteira Sul.  
IV. Título.

**SCHEILA MARIA BOLZAN**

**ELITES POLÍTICAS, CIDADE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL:  
CHAPECÓ, 1950-1955**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Este trabalho de dissertação foi defendido e aprovado pela banca em:

28/09/2022.

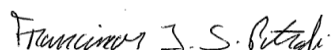
**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof.º. Dr.º. Gerson Wasen Fraga - UFFS

Orientador



---

Prof.º. Dr.º. Francimar Ilha Petroli

Coorientador



---

Prof.ª. Dr.ª. Eunice Sueli Nodari - UFSC

Avaliadora



---

Prof.ª. Dr.ª. Samira Peruchi Moretto - UFFS

Avaliadora

## AGRADECIMENTO

Agradecer é um ato tão simples, mas é uma forma de mostrar às pessoas como o apoio e orientação delas foi importante. Nestes últimos dois anos, muitas pessoas foram fundamentais para esta trajetória se concretizar.

Primeiro, quero agradecer a Deus, pois hoje eu entendo que ele planeja o melhor caminho em nossas vidas, para que possamos trilhar com mais leveza. Em seguida, agradeço à pessoa mais importante nesta jornada, meu esposo, Vitor Da Luz. Tenho certeza que sem você ao meu lado, eu não teria conseguido. Foi muito mais do que esposo, foi amigo e companheiro de todas as horas. Incentivou-me desde o primeiro momento, acalmando-me nas madrugadas em que batia o desespero e mesmo algumas vezes cansado estava disposto a me acompanhar nas muitas viagens até Chapecó.

Aos meus pais Selvino e Maria Goreti Bolzan, que foram minha base e minha inspiração. Sempre estiveram ao meu lado, incentivando-me, muito orgulhosos de eu ter chegado até aqui. À minha avó Martina Brasso, que, mesmo sem entender por que eu precisava estudar tanto, sempre me ajudou da forma que pôde, com suas orações e seus abraços.

Aos professores Dr. Gerson Fraga e Dr. Francimar Petrolí, meus orientadores, pela atenção, paciência e incentivo nesta jornada. Sempre acreditando que era possível e mostrando qual o melhor caminho a traçar. Sinto-me orgulhosa de tê-los como orientadores.

Agradeço, em especial, à Prof<sup>a</sup>. Samira Peruchi Moretto, Coordenadora da PPGH. Uma pessoa que admiro e respeito muito como profissional e como ser humano, pela sua humildade e comprometimento, obrigada por ter acreditado em mim desde a graduação e por ter me incentivado a estar aqui. A todos os professores do PPGH pelos ensinamentos. À CAPES e à Universidade Federal da Fronteira Sul - que me proporcionou uma educação gratuita e de qualidade durante estes anos. À professora Dr. Eunice Nodari que gentilmente aceitou o convite de participar da banca, fazendo importantes contribuições ao trabalho.

Agradeço ao Centro de Memórias do Oeste de Santa Catarina CEOM/Unochapecó e ao Centro de Memórias da Cooperalfa CEMAC, por terem disponibilizado as fontes para a pesquisa e sempre, que solicitado, terem me atendido gentilmente em seus acervos.

Agradeço às minhas gestoras Silvia Giachini May e Graciele Esposito que, além de gestoras escolares, foram grandes amigas. Nestes últimos dois anos, estiveram ao meu

lado me ajudando muito, ouvindo minhas lamentações e meu desespero nestes últimos meses, mas suas palavras e abraços me acalmaram.

Às minhas colegas professoras da Educação Básica, Sueli Bitono, Vânia Giroto, Olivete Macetti e Marilene Pantano, que foram grandes amigas durante estes últimos tempos, aconselhando-me, ouvindo minhas angústias nos momentos em que estávamos na escola, sei o quanto vocês estavam torcendo por mim.

Por fim, quero agradecer aos alunos que estiveram comigo nestes últimos dois anos, em especial às minhas turmas dos 9º anos das escolas E.E.F Toldo Velho e E.E.F Profa Neli Ottoni Lange, que todas as semanas me perguntavam como estava a escrita do meu trabalho. Obrigada pelo aprendizado que me proporcionaram e por me fazerem rir em alguns dias escuros.

## RESUMO

O presente trabalho busca compreender como ocorreram os discursos de cidade moderna em Chapecó, durante os primeiros anos da década de 1950. Chapecó é uma cidade localizada no Oeste de Santa Catarina foi criada no ano de 1917. Após essa data, intensificou-se na região a atuação das companhias colonizadoras, que trabalhavam para trazer colonos do Rio Grande do Sul para a região. A empresa que teve maior destaque foi a Companhia Colonizadora Bertaso, que pertencia ao Coronel Ernesto Bertaso. Além de atuar na colonização, ele e seu filho Serafim Bertaso foram figuras importantes para pensar o espaço urbano de Chapecó e contribuíram para a modernidade que se pretendia implantar e que teve início nos anos de 1930. O objetivo geral da pesquisa, é entender como os jornais *A Voz de Chapecó* e *O Imparcial*, que circularam no início da década de 1950, apresentaram os seus debates sobre política e cidade, e como ambos contribuíram para a modernização e o desenvolvimento de Chapecó, após as eleições de 1951, que modificaram o cenário político chapecoense. Ao observar as fontes, tivemos a intenção de compreender a forma como as notícias proferidas pelos sujeitos da cidade influenciaram na economia e no desenvolvimento local. Como objetivos específicos, propomos compreender quem eram os autores das notícias veiculadas nos jornais. Analisar qual posição defendiam ou combatiam. Identificar que relação eles tinham com os partidos políticos locais. Entender como as políticas municipais foram abordadas. E compreender como a modernidade e o desenvolvimento foram tratados por eles.

Nos propomos assim a compreender como ocorreu o projeto modernizador urbano entre os anos de 1950-1955, essa delimitação temporal decorre do fato de que durante os primeiros anos da década de 1950, ocorreram consideráveis mudanças políticas em Chapecó, devido ao surgimento de novos partidos e lideranças envolvidas nas eleições de 1950. Foi um início de década que trouxe significativas mudanças para a história chapecoense, com eleições municipais bastante conturbadas e o linchamento de quatro pessoas em praça pública. No decorrer de vários anos, os jornais e as ações dos homens públicos foram voltados a desconstruir a ideia de uma cidade sem ordem. Serão as páginas dos jornais nossas aliadas na busca por compreender como esse projeto modernizador foi ganhando forma e culminou na criação do Chapecó Alimentos (SAIC), o primeiro frigorífico de grande porte que ganhou destaque e importância econômica. Buscamos pensar como os discursos proferidos nos jornais contribuíram para a concretização do sonho de transformar uma pequena vila em uma cidade de destaque. Prestamos atenção

também ao fato de como a rivalidade política causada pelas eleições de 1950, e que se fez presente durante os 5 anos, involuntariamente, contribuiu para ações concretas de melhoramento no espaço urbano, pois foram a rivalidade e as mudanças políticas, que acentuaram as críticas relacionadas ao desenvolvimento urbano de Chapecó e suas fragilidades, ao mesmo tempo que estimularam os agentes públicos a buscar soluções aos problemas apresentados. Para a realização desta pesquisa, utilizamos fontes diversas: fontes jornalísticas, fontes iconográficas, entrevistas orais, livros de época, entre outros.

Palavras-Chave: Chapecó. Modernização. Desenvolvimento. Rivalidade Política.



## ABSTRACT

The present study/work searches to understand how the speeches of “modern city” have occurred in Chapeco during the first years of the 1950s. Chapeco city, which is located in the West region of Santa Catarina State, was founded in 1917. After this date, the colonizer companies' activities intensified while bringing for the region settlers from Rio Grande do Sul. The company with more emphasis was called Companhia Colonizadora Bertaso, which belonged to Colonel Ernesto Bertaso. Besides acting in the colonization, the Colonel and his son Serafim Bertaso were important figures to think about the urban space of Chapeco city and contributed to the modernity which was intended to install and that began in the 1930's. The general goal of the research is to understand how the newspapers *A Voz de Chapecó* and *O Imparcial* (*The Voice of Chapeco city and The Impartial*), which circled in the beginning of the 1950s presented their debates about politics and the city and how both contributed to the modernization and development of Chapeco city after the 1951 elections, modifying the chapecoense political scenery. Observing the sources, it was intended to understand the way the news spread by the individuals from the city influenced the economy and the local development. As specific aims, it is proposed to understand who were the authors of the news propagated in newspapers. Analyze which position was defended and combated. Identify the relation these individuals/newspapers had with local political parties. Understand how the city policies were addressed. And, understand how modernity and development were treated by them.

It is proposed then, to understand how the urban modernizing project occurred between 1950 and 1955. This time delimitation derives from the fact that during the first years of the 1950s considerable political changes occurred in Chapeco city due to the appearance of new parties and leaderships evolved in the elections of 1950. It was the beginning of a decade which brought meaningful changes to the chapecoense history, with very troubling city elections and the lynching of four people in the public park. In the course of many years, the newspapers and the public men's actions were turned to deconstruct the idea of a city without order. The newspaper's pages will be our allies in search of understanding how this modernizing project started to gain shape and culminated with the creation of Chapecó Alimentos (SAIC), the first large-scale meatpacking company that gained prominence and economic importance. It is sought to understand how the speeches written in the newspapers helped the dream of transforming a small town into a

prominent city to become reality. It was given attention to the political rivalry caused by the 1950 elections of and that had been, unintentionally, present along the five subsequent years, contributing to concrete actions of improvement in urban spaces because it was the rivalry and the political changes which emphasized the criticism related to the urban development of Chapeco city and its fragilities, at the same time that stimulate the public agents to search for solutionated the presented problems. To carry out this research, several sources were used such as: journalistic sources, iconographic sources, oral interviews, period books, among others.

Keywords: Chapeco city. Modernization. Development. Political Rivalry.

## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 01-Chapecó na década de 1940.	40
Figura 02- Vista parcial de Chapecó na década de 1950.	40
Figura 03 - Desenho da cidade de Chapecó, criado em 1938.	50
Figura 04- Vista parcial de Chapecó na década de 1970.	51
Figura 05: Recorte do jornal O Imparcial de 4 de Maio de 1952.	73
Figura 06- Imagem da Matriz Santo Antônio em 1945.	77
Figura 07- Vista da área central de Chapecó em 1956.	77
Figura 08- Imagem da Catedral Santo Antônio em 1960.	77
Figura 09- Desenho da cidade de Chapecó 1950.	79
Figura 10: Mapa de ocupação urbana em Chapecó na década de 1950.	84
Figura 11: Mapa de ocupação urbana em Chapecó na década de 1950.	85

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CEOM – Centro de Memória do Oeste Catarinense

CEMAC Centro de Memória Alfa/ MaxiCrédito

DNIT– Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes

EFAPI – Exposição-Feira Agropecuária Industrial e Comercial de Chapecó

FIESC–Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PRF– Polícia Rodoviária Federal

PRP – Partido Republicano Progressista

PSD – Partido Socialista Democrático

PSP – Partido Social Progressista

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

SAIC – Sociedade Anônima Indústria e Comércio Chapecó

UDN – União Democrática Nacional

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>1. O IMPARCIAL E SUA PARCIALIDADE.....</b>	<b>21</b>
1.1 O JORNAL ENQUANTO FONTE HISTÓRICA.....	21
1.2 O IMPARCIAL E SUA PARCIALIDADE NA POLÍTICA CHAPECOENSE.....	31
<b>2. ENTRE A RIVALIDADE POLÍTICA E O DESENVOLVIMENTO.....</b>	<b>42</b>
2.1 CHAPECÓ AOS PASSOS DO DESENVOLVIMENTO.....	46
2.2 ENTRE OS DESMEMORIADOS E OS AMIGOS DA ONÇA.....	54
2.3 A ADMINISTRAÇÃO DE JOSÉ MIRANDA RAMOS .....	65
<b>3. MODERNIZANDO ATRAVÉS DOS DISCURSOS.....</b>	<b>68</b>
3.1 O NOVO ESPAÇO CIDADINO É DISCUTIDO NO JORNAL .....	69
3.2 A INDUSTRIALIZAÇÃO COMO IMPULSIONADOR DA MODERNIDADE... 81	
3.3 A RURALIDADE TAMBÉM SE FEZ PRESENTE NO DISCURSO DE MODERNIZAÇÃO.....	89
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>95</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>100</b>
<b>FONTES .....</b>	<b>100</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>101</b>

## INTRODUÇÃO

Chapecó é uma das poucas cidades<sup>1</sup> planejadas em sua gênese no Brasil, ela fica localizada na região Oeste de Santa Catarina, uma das últimas regiões a serem colonizadas no Estado. Durante o final do século XIX e início do século XX, a região Oeste esteve envolvida em uma série de conflitos territoriais ligados às questões de Palmas e Misiones (Argentina), além da disputa de limites territoriais com o Paraná até 1916, resolvida após a Guerra do Contestado. Após a delimitação das terras, o Estado de Santa Catarina precisava desenvolver a região. Em agosto de 1917 quatro novos municípios foram criados na área que anteriormente estava sob litígio, entre eles estava Chapecó, que possuía maior expansão territorial e reunia uma diversidade populacional considerada atrasada pela elite estadual.

Fazia-se necessária a ocupação da região que acabara de ser criada. A atuação das companhias colonizadoras foi primordial, pois estimulou a chegada de descendentes de europeus na região. No ano de 1918, a Companhia Colonizadora Bertaso, Maia e Cia recebeu do governo do Estado a concessão de terras devolutas para iniciar o processo de colonização de parte do território do Oeste Catarinense. A família Bertaso foi a principal responsável pela colonização da cidade de Chapecó, eles se preocuparam em efetuar o planejamento urbano e a construção de uma cidade moderna. Fernando Vitória<sup>2</sup> destaca em seu trabalho que nos anos que seguiram a colonização, Chapecó carregava o status de ser uma cidade planejada.

Precisamos destacar que o progresso<sup>3</sup> desejado para Chapecó não foi possível em apenas uma década, foi uma construção que levou muitos anos. O sonho veio com Ernesto e Serafim Bertaso e envolveu vários membros da sociedade chapecoense na

---

<sup>1</sup> O IBGE define cidade como sendo: Local com habitações, comércio, escola, igrejas, clubes, etc. e logradouros públicos; sede de município; localidade com o mesmo nome do município a que pertence e onde está sediada a respectiva Prefeitura. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Dicionário Cartográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 1993, p. 95.

<sup>2</sup> VITÓRIA, Fernando Antonio. **De “Velho Xaçepó” a “Polo formador de polos”**: A construção discursiva da “Capital do Oeste”. 2011. 156.p. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

<sup>3</sup> Segundo o Dicionário de Política “A idéia de Progresso pode ser definida como idéia de que o curso das coisas, especialmente da civilização, conta desde o início com um gradual crescimento do bem-estar ou da felicidade, com uma melhora do indivíduo e da humanidade, constituindo um movimento em direção a um objetivo desejável.” BINETTI Saffo Testoni. Progresso. **Dicionário de política**. 1. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, v. 1, p. 1010. O objeto desejado pelos idealizadores da cidade de Chapecó, era atingir a modernização do espaço urbano, reestruturando e reorganizando não apenas os espaços, mas promovendo mudanças na forma de vida da sociedade.

busca por transformá-la em uma cidade desenvolvida. Chapecó tinha tudo para progredir e se tornar a Capital do Oeste, como é chamada nos dias atuais. Foi uma luta que se iniciou nos anos de 1930, momento em que o urbano começou a ganhar forma, e só se consolida, de fato, após a década de 1960 e 1970 com a solidificação de várias agroindústrias e também com a Efapi (Exposição-Feira Agropecuária, Industrial e Comercial de Chapecó), que já era um evento reconhecido na região. Outro aspecto importante para o desenvolvimento local, foi a criação das primeiras universidades. São esses alguns dos elementos que possibilitaram a transformação do espaço urbano e também o reconhecimento da cidade em nível nacional.

As décadas de 1930 e 1940 foram decisivas para a cidade, foi nesse período em que se pensou a transformação de uma vila rural com aspectos de interior em uma cidade moderna, planejada e estruturada para o progresso. Francimar Petrolí<sup>4</sup> trabalha o período e mostra como essas décadas foram decisivas na história de Chapecó, seu trabalho é fundamental para entendermos a mudança estrutural da cidade. O que era, até aquele momento, um vilarejo do sertão, começou a ganhar forma de cidade urbana, a energia elétrica foi instalada, as casas passaram a ter aspectos de modernidade, alguns costumes da população foram alterados a partir dos discursos dos jornais e das leis municipais que obrigaram as pessoas a transformar seus hábitos. É importante destacar a atuação do engenheiro civil Serafim Enoss Bertaso, que até 1950 teve papel de destaque para a reestruturação urbana de Chapecó, durante esse período, não atuou apenas como engenheiro, mas, na década de 1940, também como prefeito e conseguiu efetivar muitas leis e normatizações com o intuito de remodelar o espaço urbano da vila. Planejou as ruas, fez a racionalização do espaço urbano e do cemitério e trabalhou na mudança dos hábitos da população e no embelezamento das casas urbanas.

Quando falamos em cidade planejada, temos que levar em consideração que não estamos nos referindo apenas a um planejamento estrutural, relacionado à construção de avenidas largas para o centro da cidade, do cemitério e de outros espaços públicos, como a igreja e a praça central da cidade. Pesavento<sup>5</sup> afirma que as cidades desejadas existiram como um elemento simbólico, onde, muitas vezes, o que se desejava não era

---

<sup>4</sup> PETROLI, Francimar Ilha da Silva. **Um desejo de cidade, um desejo de modernidade (Chapecó, 1931-1945)**. 2008. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

<sup>5</sup> PESAVENTO, Sandra J. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos*. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro v.8, n.16, 1995, p. 283.

possível de ser alcançado, pois a modernização não trazia apenas benefícios para melhorar o bom funcionamento urbano, mas também trazia problemas sociais, ambientais e estruturais. As mudanças necessárias para transformar a cidade perpassavam as mudanças físicas, existia uma tentativa de transformar a cidade através de suas práticas e do modo de vive-la. Sabemos que existiu também uma grande preocupação em transformar as pessoas que ali moravam em cidadãos civilizados<sup>6</sup>, mudando seus costumes, que eram considerados muito rurais e não mais adequados para o novo espaço urbano que estava sendo construído. Os jornais se tornaram importantes para divulgar e conscientizar a população das mudanças que foram ocorrendo. É com o objetivo de compreender tais mudanças que utilizamos na pesquisa os meios de comunicação impressos, por serem de fundamental importância para compreendermos os primeiros anos da década de 1950. Em suas publicações encontramos uma série de discursos modernizadores com cunho político e social.

O presente trabalho analisou as mudanças urbanas de Chapecó durante os primeiros cinco anos da década de 1950, observando algumas questões, como o linchamento, as eleições de 1950<sup>7</sup> e a construção da primeira agroindústria na cidade. Essas três questões foram de extrema importância para o desenvolvimento local, destacando que o linchamento foi um acontecimento que estagnou a economia de Chapecó, e foi seguido de eleições que mudaram a conjuntura política municipal. Após o linchamento passou-se a buscar alternativas para desenvolver a cidade, os grupos políticos, perceberam que seria necessário a criação de uma empresa, para movimentar a economia local. Neste contexto foi criada a Chapecó Alimentos, a qual contribuiu para a consolidação da modernização urbana após 1960, e foi decisiva para o desenvolvimento. Os jornais, foram fonte importante para a construção da presente pesquisa, tiveram papel de destaque na proliferação de discursos, sejam eles políticos

---

<sup>6</sup> Durante a década de 1940 e 1950 existia a ideia de que a população do interior do estado não era civilizada. Que nesta região só existiam pessoas sem lei. Zedar Perfeito da Silva escreveu em seu livro, quando esteve na região durante os anos de 1950, que: “Realmente, lendo-se o que escrevem os jornais, tem-se a impressão de que a população de Chapecó é composta de gente sem lei nem grei; que ali predominam a força e o revólver; que autoridades não existem; e que não há menor seção, a menor disciplina de ordem política social.[...]” SILVA, Zedar Perfeito da. **Oeste catarinense**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1950. p. 317. Desta forma buscava-se uma transformação social, com a ideia de civilizar a população para alcançar o desenvolvimento. Outro objetivo era de mudar os hábitos da população, que remetiam ainda a aos espaços rurais, como a criação de porco no perímetro urbanos. Estes costumes não eram mais adequados para uma cidade que estava almejando seu desenvolvimento.

<sup>7</sup>A respeito ver: HASS, Mônica. **Os partidos políticos e a elite chapecoense: um estudo do poder local 1945 – 1965**. Chapecó: Argos, 2000.



ou sociais. A imprensa se colocou como agente de intermediação das discussões políticas e modernizadoras do espaço citadino.

Durante as décadas de 1940 e 1950, circularam em Chapecó os primeiros jornais editados na cidade, que atuaram como disseminadores de discursos. Foram eles: o jornal *A Voz de Chapecó*, o primeiro semanário local que surgiu no ano de 1939; o jornal *O Imparcial* e o *Jornal do Povo* que surgiram no ano de 1951. Os dois últimos jornais foram criados após o linchamento de quatro pessoas e das eleições de outubro de 1950. Tanto o linchamento quanto as eleições são acontecimentos que mudaram o cenário político da cidade.

Os jornais *A Voz de Chapecó* e *O Imparcial* foram fundados por membros de partidos políticos e tinham a função de ser porta-vozes das ideias de seus fundadores, dentro do jogo de poder local. De forma distinta, o *Jornal do Povo* assumiu uma posição independente. Os três jornais são fundamentais para podermos compreender o desenvolvimento de Chapecó em 1950. As análises, porém, foram feitas com maior expressividade nos periódicos *O Imparcial* e *A Voz de Chapecó*<sup>8</sup>, conciliando-as, em alguns momentos do trabalho com o *Jornal do Povo*, para entendermos determinados acontecimentos. Sempre levando em consideração a metodologia para utilização de jornais dentro da pesquisa histórica, como destaca Tânia de Luca<sup>9</sup>, tomando cuidado para identificar a diferença da narração do acontecimento e o próprio acontecimento.

O interesse por observar os discursos de modernidade proferidos nos jornais locais, com intuito de compreender a formação da cidade, surgiu ainda durante a graduação, após percebermos a falta de trabalhos históricos regionais que retratem os primeiros anos de 1950. Visualizamos, assim, a possibilidade do tema. Sendo que durante a monografia, limitamo-nos a um período menor, trabalhamos com o triênio 1950/1951/1952, identificando como se fortaleceram as práticas discursivas após o linchamento de quatro pessoas em praça pública em 1950. Foi durante o trabalho de conclusão de curso que surgiu o desejo de continuar a pesquisa, ampliando assim o recorte temporal. Durante a dissertação de mestrado, procuramos compreender como

---

<sup>8</sup> É importante destacar que a escolha por utilizarmos apenas os jornais *O Imparcial* e *A Voz de Chapecó*, está relacionada à falta de existência de exemplares do *Jornal do Povo*. Da mesma forma, o jornal *A Voz de Chapecó* não será utilizado em todo o trabalho, pois parou de circular antes de 1955.

<sup>9</sup> LUCA, Tania Regina. “A história dos, nós e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas**. 2º Ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 139

foi construído o perfil de cidade idealizada até 1955, aprofundando o debate sobre os discursos que foram proferidos pelo jornal *O Imparcial* durante os anos de 1951 a 1955. Pensamos em como o projeto desenvolvimentista de Chapecó ganhou fôlego nesses cinco anos, levando em consideração que a gestão municipal de Chapecó, durante esse período, era de oposição aos colonizadores e idealizadores do discurso de modernidade. Este também que foi um período em que houve necessidade de criar uma agroindústria para desenvolver a economia local.

O tema central da pesquisa é “elites políticas, cidade e desenvolvimento regional: Chapecó, 1950-1955”, tendo como principal problema identificar os discursos que emergiram nos jornais, com intuito de construir uma Chapecó moderna e debater questões de desenvolvimento, problemas sociais e questões políticas<sup>10</sup> da cidade, em um cenário bastante conturbado e com muita rivalidade. Procuramos compreender como os jornais, através de suas publicações diárias, conscientizaram e disseminaram um discurso de modernização para a cidade e qual foi a influência política nas publicações e como a rivalidade entre os dois grupos partidários distintos contribuiu para intensificar estes debates.

O objetivo geral da pesquisa é entender como os jornais *A Voz de Chapecó* e *O Imparcial*, que circularam no início da década de 1950, apresentaram os seus debates sobre política e cidade e como ambos contribuíram na modernização e no desenvolvimento de Chapecó, após as eleições de 1951, que modificaram o cenário político chapecoense. Ao observar as fontes, tivemos a intenção de compreender a forma como as notícias proferidas pelos sujeitos da cidade influenciaram na economia e no desenvolvimento local. Como objetivos específicos, propomos compreender quem eram os autores das notícias veiculadas nos jornais. Analisar qual posição defendiam ou combatiam. Identificar que relação eles tinham com os partidos políticos locais. Entender como as políticas municipais foram abordadas. E compreender como a modernidade e o desenvolvimento foram tratados por eles.

---

<sup>10</sup> O termo política segundo Júnior está associado à ideia de bom governo da cidade, remete a cidadãos que trabalham para o benefício da polis. Definido também como sendo a arte de governar uma cidade. A conceituação de Júnior está estritamente ligada à ideia de política utilizada neste trabalho. Ao identificarmos nas páginas dos jornais os discursos políticos, a principal intenção é compreender como os habitantes (nos referimos aqui, especificamente aos habitantes letrados que escreviam nos jornais e estavam envolvidos na política local) pensavam ações para melhorias da polis, buscando sua modernização. JUNIOR, Durval Muniz A. História e política, ou a arte de fazer escolhas. **Estudos Ibero-Americanos** (PUC/RS). v. 45, p. 186-191, 2019, p.188.

Pensando que existe pouca produção historiográfica sobre a prática discursiva na região Oeste de Santa Catarina no início da década de 1950, e para contribuir com esta historiografia, analisamos o início da segunda metade do século XX. Problematizamos a história local a partir da cultura urbana, da história cultural e política, em uma perspectiva mais voltada à análise da cidade através de sua prática discursiva do desenvolvimento e da modernização. Refletimos sobre sua construção imaginária, com uma abordagem da história e da linguagem, mas pensamos, também, na história política e sua influência para o progresso local. A partir dessa análise, buscamos perceber a cidade através de seus traços, suas palavras e discursos, e foi possível compreender quem discutia a cidade na década de 1950 e pensava no desenvolvimento local, essas pessoas eram de grupos da elite local, na sua maioria eram membros de partidos ou tinham cargos políticos, eram advogados, vereadores e empresários que escreviam nestes jornais. Compreendendo estas informações facilitou que para que fosse feita uma leitura diferente dos discursos publicados nos jornais durante os anos de 1950 e 1955.

Precisamos, porém, compreender a cidade enquanto um objeto de estudo para a história. Para isso utilizamos algumas referências que abordam a questão mais ampla das cidades e também alguns autores que já trabalharam sobre o tema no contexto regional e local, que falam de Chapecó antes, durante e após o período estudado. Com relação à cidade enquanto um objeto de pesquisa para a história, nomes fundamentais para o estudo são os de Sandra Jatahy Pesavento e Maria Stella Bresciani.

Pesavento em suas publicações: “Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias”<sup>11</sup>, “Cidade Imaginária: Literatura, História e Sensibilidade”<sup>12</sup> e “Muito Além do Espaço: por uma história cultural do urbano”<sup>13</sup> traz uma visão de cidade imaginária, idealizada e sonhada, que é produto das imagens e dos discursos. Nesse mesmo sentido, Bresciani em “A Cidade: Objeto de Estudo e Experiência Vivenciada”<sup>14</sup> vem ao encontro de Pesavento, ao falar da questão da cidade imaginada e idealizada.

---

<sup>11</sup> PESAVENTO, Sandra J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo. Vol. 27, n. 53, jan./jun. 2007. p.11-23

<sup>12</sup> PESAVENTO, Sandra J. Cidades imaginárias: literatura, história e sensibilidades. **Fênix: Revista de História e Estudos Culturais**. [S. l.], Vol 6, ano VI, n. 1, jan./fev./mar. 2009. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/vol18sandra.php>. Acesso em: 20 agosto. 2016.

<sup>13</sup> PESAVENTO, 1995.

<sup>14</sup> BRESCIANI, Maria Stella. A cidade: objeto de estudo e experiência vivenciada. In: **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, v. 6, n. 2, p. 9-26, nov. 2004.

Elas trazem pontos importantes a serem observados, como a modernidade que envolve e envolveu a cidade ao longo do tempo e também a imagem e a estética que é construída dessa cidade, adentrando no empobrecimento de discursos que vieram com a modernização.

A conceituação de cidade e modernidade são essenciais para o desenvolvimento do trabalho. Entendemos o conceito de cidade segundo a definição de Kalina Silva e Maciel Silva<sup>15</sup> “[...] uma cidade é um aglomerado populacional organizado em um espaço geográfico específico, que possui administração própria, e onde a maioria dos habitantes não trabalha na produção de alimentos”<sup>16</sup>. Ainda trazem uma ideia de Karl Marx de que “[...] a cidade representou a primeira grande divisão de trabalho na história, a divisão entre cidade e campo.”<sup>17</sup> É nesse sentido que poderíamos compreender a cidade como um espaço distante do rural, onde a produção agrícola não caberia. No entanto, em nosso trabalho, utilizamos uma visão mais recente do estudo da história urbana e da história das cidades. Charles Monteiro destaca que “A cidade não pode ser entendida unicamente no interior de seus limites, cada vez mais fluidos, ela está em relação mais ou menos estreita com o espaço que a circunda. Sendo o centro de um território, de uma rede ou estrutura que liga urbano e rural, bem como várias cidades entre si.”<sup>18</sup>. Dessa forma, devemos pensar a cidade e sua construção a partir de todo seu território, preocupando-nos não somente com o espaço urbano, mas também com o espaço rural que pertence a ela. Para isso será necessário analisar as fontes em um contexto mais amplo que engloba discussões a respeito de sua totalidade.

Jacques Le Goff<sup>19</sup> definiu a modernidade como um sentimento de ruptura com o passado. Porém, Silva e Silva no dicionário de conceitos históricos alertam para a atenção que devemos ter quando falamos sobre modernidade.

Falar em modernidade é pisar em um terreno de contradições, pois esse conceito é muitas vezes posto em oposição ao de tradição, que pode ser considerada de um ponto de vista saudosista ou como algo retrógrado. Por um lado, em determinadas circunstâncias, o discurso modernizador, em particular em sua vertente da *eficácia*, do progresso, torna-se apenas uma ilusão para muitas pessoas, ou aparece como algo destrutivo e opressor (o progresso técnico pode ser antiecológico e promover a desigualdade social).

---

<sup>15</sup> SILVA, Kalina V; SILVA, Maciel H. Cidade. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 51-52.

<sup>16</sup> SILVA e SILVA. 2012, p. 51.

<sup>17</sup> SILVA e SILVA, 2012, p. 52.

<sup>18</sup> MONTEIRO, Charles. Entre História Urbana e História da Cidade: questões e debates. **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 5, n.1, jan./jun. 2012, p. 106.

<sup>19</sup> LE GOFF, Jacques. História e memória. São Paulo: Ed. Unicamp, 1994, p.170.

Mas, por outro, a tradição também pode conter elementos muito conservadores das relações de dominação entre pais e filhos, homens e mulheres, grupos dominantes e dominados etc., enquanto a modernidade, em sua vertente da *autonomia*, propõe a igualdade e a liberdade.<sup>20</sup>

Precisamos então compreender, durante a análise das fontes, em que sentido ocorreu o emprego do termo modernidade para transformar a cidade. Uma vez que os discursos estão estritamente ligados à busca por progresso, eles podem ser pensados talvez de uma forma opressora que aprofunda a desigualdade.

A historiografia regional nos mostra o que vinha sendo idealizado por alguns membros da sociedade, para romper com traços de atraso e ruralidade que ainda se faziam presentes no espaço urbano de Chapecó. Apresentam alguns problemas que surgiram durante as décadas de 1940 e 1950. Monica Hass, destaca em seus livros “O Linchamento: que muitos querem esquecer”<sup>21</sup> e “Os Partidos Políticos e a Elite Chapecoense: um estudo de poder local 1945-1965”<sup>22</sup>, de forma bem detalhada, questões sociais e políticas que emergiram entre as décadas de 1940, 50 e 60, possibilitando, assim, entender os contextos dos eventos que marcaram o início da década de 1950, como as eleições de outubro e o linchamento. Ambos geraram uma série de discussões e grande rivalidade política que foram apresentadas em colunas dos jornais locais.

Francimar Ilha da Silva Petrolí, em sua dissertação “Um ‘Desejo de Cidade’, um ‘desejo de Modernidade’ (Chapecó, 1931-1945)”<sup>23</sup>, mostrou como ocorreu a criação do desejo de cidade moderna, ideia que se fez presente a partir de 1940. Esse trabalho possibilitou traçar alguns caminhos para a pesquisa, pois além de contribuir para percebermos como a busca pela modernidade não foi um processo tranquilo, também contribuiu para entendermos a cidade através de suas palavras, imagens e discursos.

Fernando Antônio Vitória em “De ‘Velho Xapecó’ a ‘polo formador dos polos’: A construção discursiva da ‘Capital do Oeste’. [1970-1980]”<sup>24</sup>, buscou entender a formação dos discursos sobre Chapecó como “polo formador dos polos”, que emergiu nas décadas de 1970 e 1980, momento que se concretizava a tão sonhada modernização.

---

<sup>20</sup> SILVA e SILVA, 2012, p. 300.

<sup>21</sup> HASS, Mônica. **O linchamento que muitos querem esquecer**: Chapecó, 1950-1956. Chapecó: Argos, 2013.

<sup>22</sup> HASS, 2000.

<sup>23</sup> PETROLI, 2008.

<sup>24</sup> VITÓRIA, 2011.

Outro trabalho é de Cristiomar Golo “Reconfigurações Espaciais no Oeste Catarinense: considerações acerca do rural e do urbano (1917-2013)”<sup>25</sup>, o qual levanta questões importantes para pensar Chapecó na década de 1950, desde discursos jornalísticos que tinham a intenção de apresentar a modernidade, até questões espaciais e geográficas que contribuíram para uma melhor compreensão de Chapecó no período.

Utilizamos também da obra de Eunice Sueli Nodari, “Etnicidades Renegociadas: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina”<sup>26</sup>, que, no capítulo intitulado “Construindo as Cidades: aspectos socioculturais”, faz uma discussão importante sobre as cidades de Joaçaba e Chapecó até a metade do século XX. Apresenta também os discursos que foram utilizados em Chapecó para transformá-la na cidade dos sonhos da elite<sup>27</sup> e a cidade real exatamente como ela se apresentava no cotidiano. Utilizaremos como norte também o trabalho de conclusão de curso de Scheila Maria Bolzan, “Política, Discurso e Cidade: Chapecó-SC início dos anos 1950”<sup>28</sup> nele são trabalhadas as práticas discursivas de Chapecó durante os anos de 1950 e 1951. O presente trabalho é continuidade da pesquisa “Política, Discurso e Cidade: Chapecó-SC início dos anos 1950”, e busca contribuir com a produção historiográfica que existe sobre o assunto durante os primeiros anos da década de 1950.

---

<sup>25</sup> GOLO, Cristiomar. **Reconfigurações espaciais no Oeste Catarinense: considerações acerca do rural e do urbano (1917- 2013)**. 2013. 135 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

<sup>26</sup> NODARI, Eunice S. **Etnicidades renegociadas: práticas socioculturais no oeste de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 2009.

<sup>27</sup> O termo elite foi utilizado neste trabalho a partir da ideia de que existiam em Chapecó uma minoria com conhecimento acadêmico que detinha o poder, ocupando cargos de influência na cidade. Este grupo trabalhou para a construção da modernização. Segundo Bobbio, podemos definir elite como: [...] teoria segundo a qual, em toda a sociedade, existe, sempre e apenas, uma minoria que, por várias formas, é detentora do poder, em contraposição a uma maioria que dele está privada. [...] em cada sociedade, o poder político pertence sempre a um restrito círculo de pessoas: o poder de tomar e de impor decisões válidas para todos os membros do grupo, mesmo que tenha de recorrer à força, em última instância. [...] toda a sociedade há uma classe “superior” que detém geralmente o poder político e o poder econômico, à qual se deu o nome de “aristocracia” ou Elite. [...] BORBBIO, Norberto. **Elite. Dicionário de política**. 1. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, v. 1, p. 385. Quando Borbbio comenta que a o poder está restrito, e que este é o poder de impor e tomar decisões, mesmo que para isso seja necessário recorrer à última instância. Identificamos situações em Chapecó em que a última instância da força foi utilizada para silenciar pessoas que criticavam determinadas ações ou homens públicos dessa elite local, como veremos no capítulo 2 desta pesquisa.

<sup>28</sup> BOLZAN Scheila Maria. **Política, discursos e cidade: Chapecó-SC, início dos anos 1950**. 2017. 62 f. TCC (graduação)- Curso de licenciatura em História, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Chapecó, 2017.,

Durante o trabalho, encontramos a necessidade de olhar para a colonização e o planejamento da cidade. Muraro<sup>29</sup> define a palavra colonização como o espaço a ser ocupado ou população que pode ser dominada. Aponta ainda que toda a forma de colonização traz consigo a dominação e termos, como cultivar, civilizar, desenvolver e até mesmo salvar. Entre as ideias que surgem com a palavra colonização, a que mais nos intriga é a de civilizar e buscar civilidade em uma região que está sendo colonizada. Foi necessário recorrermos ao “Dicionário de Conceitos Históricos” para entendermos o conceito de civilização, o qual aponta várias definições ao longo da história. Segundo os autores, na França iluminista o termo tinha o significado moral de que “ser civilizado era ser bom, **urbano**, culto e educado”<sup>30</sup>. Destacamos o a palavra urbano por chamar a atenção no sentido de que ser civilizado era ser urbano, o rural ou a pessoa ligada ao interior não era considerada civilizada. E vai além, utilizando Bagby, que também define civilização como “[...] tipo de cultura encontrada em **idades**, considerando cidade qualquer aglomerado humano onde a maioria dos habitantes **não estivesse diretamente ocupado com a produção de alimentos.**”<sup>31</sup> Ao fazermos uma análise de alguns dos conceitos apresentados por Silva. K, Silva. M., fica claro que a ideia de muitos dos colonizadores de Chapecó era trazer modernidade e progresso.

É fundamental destacar que o discurso do colonizador é um “discurso urbano” acerca da cidade, ou seja, um discurso que é a “expressão de um desejo”, o desejo de transformar uma “vila rural” em uma “cidade moderna”. Estas representações construídas em torno da pequena Passos dos Índios deixam transparecer a ideia da inexistência do urbano, da inexistência da modernidade. Dessa forma, é importante procurar perceber a “construção imaginária” do urbano por parte da elite local.<sup>32</sup>

Nesse sentido, pensamos que o objetivo da modernidade estava muito relacionado à colonização e à civilidade que se buscava para Chapecó, com o objetivo de transformar uma vila rural, como era Passo dos Índios, na Capital do Oeste, como é conhecida hoje, visando implantar a civilidade na região. Quando olhamos especificamente para a colonização de Chapecó e para os discursos de modernidade presentes nas páginas dos jornais durante os primeiros anos da década de 1950, podemos

---

<sup>29</sup> MURARO, Valmir Francisco. Sobre fronteiras e colonização. In: RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir José; ZARTH, Paulo A. (Org.). **História da Fronteira Sul**. Porto Alegre, RS: Letra & Vida, 2015. p. 167-189.

<sup>30</sup> SILVA. K, SILVA. M, 2012, p. 59-62. (grifo nosso)

<sup>31</sup> SILVA. K, SILVA. M, 2012, p.60. (grifo nosso).

<sup>32</sup> PETROLI, 2008, p. 34.

perceber que a grande preocupação era apagar a ideia de sertão, mostrando que Chapecó era uma cidade planejada e moderna.

Para desenvolver o presente trabalho utilizamos como fonte principal os jornais, são eles *O Imparcial*, em que foram pesquisados os exemplares de 1951-1955, e está disponível no Centro de Memórias do Oeste de Santa Catarina-CEOM/ Unochapecó; *A Voz de Chapecó* de 1950-1953, disponível para pesquisa no Centro de Memórias do Oeste de Santa Catarina-CEOM/ Unochapecó e *Jornal do Povo* 1951-1952, disponível na Biblioteca Pública Municipal de Chapecó. Sabendo da importância de conhecer metodologias de como trabalhar com as fontes para desenvolver uma boa pesquisa, foram utilizadas algumas referências que possibilitaram entender o jornal de forma diferenciada.

Os jornais tem grande quantidade de informação, mas, segundo Silva. K, Silva. M<sup>33</sup>, toda produção humana torna-se fonte para o conhecimento da história, é importante lembrar que a fonte é uma construção do historiador e de suas perguntas. Ou seja, apenas conseguimos retirar do jornal aquilo que perguntamos de forma adequada a ele. A preocupação com uma leitura adequada dessa fonte é necessária. Por muito tempo, o jornal não foi visto com bons olhos pelos historiadores como fonte histórica. Somente a partir da terceira geração da escola dos Annales é que surgiu o seu reconhecimento e a nova possibilidade de investigação.

Com o objetivo de identificar forças políticas e seus discursos, foram analisados, na pesquisa, os jornais da década de 1950 em Chapecó, percebendo que eles não são um veículo neutro dos acontecimentos, mas sim que seus discursos demonstram os interesses aos quais os jornais estão vinculados. É preciso levar em consideração, segundo Calonga<sup>34</sup>, para quem os discursos eram produzidos e quais eram os seus objetivos ao atingir o leitor.

Quando trabalhamos com jornais, sabemos que da mesma forma como os registros feitos por historiadores, os jornalistas também buscam retratar a verdade dos fatos, porém com uma interpretação particular dos acontecimentos, carregada de subjetividade e sentimentos ideológicos e culturais. O historiador precisa compreender

---

<sup>33</sup> SILVA. K, SILVA. M, 2012, p. 158-162

<sup>34</sup> CALONGA, Maurilio Dantielly. O jornal e suas representações: objeto ou fonte da história? **Revista de Comunicação & Mercado/UNIGRAN**, Dourados, vol. 01, n. 02 – edição especial, p. 79-87, nov 2012.



tais questões, e estabelecer seus problemas e questionamentos, levando-os em consideração. Marialva Barbosa aponta para algumas perguntas que devem ser respondidas ao longo de uma pesquisa com os impressos.

[...] nesse sentido, essa história deve ser sempre a de um sistema, no qual tanto as materialidades dos impressos como os atores envolvidos nessa construção têm importância. A história da imprensa como sistema revela o circuito da comunicação, colocando em prevalência práticas humanas. É preciso responder quem escrevia nessas publicações, com que propósito, como eram essas publicações, a quem se dirigiam esses periódicos, quem era esse sujeito que denominamos leitor, público, espectador, entre uma multiplicidade de substantivos, e, sobretudo, como ele entendia os sinais impressos naquelas páginas; [...]<sup>35</sup>

Segundo Barbosa, além de analisar os discursos é necessário considerar a teoria da história e análises históricas, dando destaque ao tempo, espaço e sujeito histórico, garantindo assim confiabilidade no que está sendo produzido.

O presente trabalho está dividido em três capítulos, sendo que o primeiro capítulo apresenta algumas questões metodológicas de como pensar a imprensa e a história, a importância da utilização da imprensa e os cuidados que devemos tomar com a mesma. Além de apresentar o jornal *O Imparcial*, mostrando seu posicionamento dentro das questões políticas e, principalmente, o poder de influência que esse meio de comunicação impressa tinha em uma cidade pequena.

No segundo capítulo, pensamos o urbano em Chapecó, retornando aos anos que antecederam 1950 para compreendermos quais medidas foram tomadas pelos colonizadores para obter o progresso e a modernidade. Além de recorrermos às fontes para compreendermos como começou a ser concretizado o discurso modernizador durante os primeiros dois anos da década de 1950. Fazemos também uma análise com relação à rivalidade política que estava presente durante esse período, compreendendo de que forma os intensos debates de rivalidade influenciaram negativa ou positivamente o desenvolvimento. Ao final do segundo capítulo, de forma sucinta abordamos a administração de José Miranda Ramos, sua atuação como prefeito, e medidas que colaboraram para o desenvolvimento de Chapecó.

E por fim, no último capítulo, trabalhamos especificamente com os discursos de modernidade que foram proferidos nas páginas do jornal *O Imparcial*, analisando os traços e os rumos que a cidade vai ganhando no decorrer da década de 1950. Uma análise

---

<sup>35</sup>BARBOSA, Marialva. Cenários de transformação: Jornalismo e História no século XX. In: **Revista FAMECOS (Online)**, Porto Alegre, v. 19, n. 2 p. 458-480, maio/ago. 2012. p. 462

das questões sociais que preocupavam a sociedade naquela época, como o problema da mendicância, fato que ganhou destaque nas páginas dos jornais. Observamos também a modernização e a concretização de algumas ações, como a construção da igreja católica e da Chapecó Alimentos. Por fim, trabalhamos a ruralidade e sua modernização, que também ganhou destaque nas páginas do semanário impresso.

## 1. O IMPARCIAL E SUA PARCIALIDADE

A necessidade de conhecer a fonte que está sendo estudada e analisá-la da melhor maneira é algo imprescindível em um trabalho de pesquisa histórica. Sendo assim, faz-se necessário entender a intervenção do jornal na sociedade, observar quem são seus editores, quem é o proprietário do jornal e qual a linha política que esse jornal segue.

Seguindo essa linha de pensamento, é inviável utilizar os periódicos como fonte histórica sem conhecer sua trajetória, sua posição política e outros fatores que influenciavam no que foi divulgado no semanário. Dessa forma, este capítulo tem o objetivo de apresentar questões nesse sentido.

O jornal *O Imparcial*, que é objeto principal deste estudo, foi utilizado como fonte de pesquisa para pensarmos a exposição de interpretações e discursos sobre a cidade, que acabaram transformando e influenciando o modo de vida dos cidadãos. As formas de pensar a cidade, que são apresentadas nos jornais, não podem ser generalizadas, pois não representavam o modo de pensar de todos os cidadãos da época, mas refletiam muito nas práticas e modo de vida do chapecoense.

O jornal estudado neste capítulo tem um projeto político bem acentuado que deixa clara sua posição política, a de oposição ao grupo que por anos administrava Chapecó. Seus ideais eram expostos cotidianamente nas páginas do jornal ao leitor, sendo assim, é engano pensar no periódico apenas como informativo, sua missão não era apenas levar informação, ia muito além disso. Fica claro no momento da criação do *O Imparcial* que seu interesse era político, tinha como objetivo apresentar uma visão diferente da que vinha até então sendo publicada na imprensa chapecoense.

### 1.1 O JORNAL ENQUANTO FONTE HISTÓRICA

Quando refletimos a respeito da história e da imprensa, sabemos que tanto o jornalista quanto o historiador têm o compromisso com a verdade e com valores. O que encontramos em ambos é a interpretação dos acontecimentos e não a sua reprodução exata. O trabalho do historiador, quando analisa a imprensa, acaba tendo relação com seu próprio tempo, por isso existe a necessidade de alguns cuidados. Durante este trabalho, buscamos compreender os discursos dos jornais de Chapecó durante os anos de 1950 a 1955 e como eles tiveram influência na modernização e progresso locais.

De Luca<sup>36</sup> destaca que por muitos anos os jornais não foram vistos com bons olhos pelos historiadores, eles não eram considerados as fontes mais seguras para basear um trabalho histórico. Com a *Nova História* (terceira geração dos *Annales*), porém, algumas ideias de metodologias na história foram repensadas. Esse foi também o momento em que a história cultural ganhou destaque. Aqueles que por muito tempo foram considerados fontes suspeitas e que não tinham relevância no trabalho histórico, com o passar dos anos, transformaram-se em material riquíssimo e valioso, possibilitando ao historiador compreender alguns acontecimentos da humanidade, por meio de seus registros.

Nesse sentido, Capelato<sup>37</sup> discute o jornal enquanto objeto de estudo histórico, alertando principalmente para a credibilidade das fontes, para ela a notícia e o anúncio devem ser usados com bastante cautela. Na historiografia recente, reflete-se sobre o significado do documento, isso torna a pesquisa mais confiável. O historiador de hoje tem a noção de compreender que os fatos são fabricados e não dados, diferente do que acontecia no passado, quando se tinha a ideia de que se está no jornal, é verdade. O jornal utilizado de maneira correta possibilita que entendamos a vida cotidiana e muitos aspectos sociais do período estudado.

É a função do historiador perceber os fatos jornalísticos e a interferência que eles sofrem. Os fatos não são elementos subjetivos de quem os está produzindo, mas carregam interesses aos quais o jornal está vinculado. Tais interesses podem ser percebidos nas páginas dos jornais *O Imparcial* e *A Voz do Chapecó*, durante os primeiros anos de 1950, quando os fatos levaram a discussões políticas tendenciosas, atendendo a interesses estreitamente ligados aos grupos que controlavam aqueles jornais e as posições a que estavam vinculados.

Interessante é entender segundo Capelato<sup>38</sup>, que por muito tempo os jornais foram classificados em boa imprensa e a má imprensa. Pertenciam ao último grupo aqueles que feriam os bons costumes e a ordem, esses sofriam ameaças e punições, muitas vezes tendo que trabalhar na clandestinidade. Podemos destacar como exemplo a primeira fase do jornal *A Voz de Chapecó*, entre 1939-1941, que foi marcada por intensas discussões e conflitos entre diferentes grupos políticos, tanto que o periódico

---

<sup>36</sup> LUCA, 2010, p.112.

<sup>37</sup> CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988, p.20.

<sup>38</sup> CAPELATO, 1988, p. 27.

foi denunciado e fechado pela ditadura do Estado Novo. As divergências e conflitos tornaram-se mais complicados a partir dos anos 1950<sup>39</sup>, com ameaças principalmente nos três primeiros anos da década, quando a rivalidade política se acentuou e as publicações nos jornais baixaram o nível, ferindo a moral e os bons costumes.

Não devemos pensar a imprensa como um objeto neutro e nem unicamente responsável por transmitir informações aos seus ouvintes e leitores. Ela é um mecanismo de forças e de intervenção em vários aspectos da vida econômica, cultural e política. Principalmente por atuar como construtora de consciência coletiva, voltada a seus próprios interesses e valores. Os veículos de comunicação de maior prestígio acabam consolidando valores na sociedade e podem ser considerados veículos formadores de opinião pública, que atendem a interesses e aspirações, com o objetivo de controlar determinados grupos.

O jornal enquanto fonte histórica é riquíssimo em detalhes, pois contém memórias do dia a dia local. Dessa forma, pode ser considerado um arquivo do cotidiano. Seus discursos, porém, também estão atrelados à visão de mundo de épocas específicas. Nesse sentido, Espig pede cuidado ao lermos e analisarmos os jornais.

[...] coloca-se enfaticamente a importância de que cruzemos continuamente a informação jornalística a fontes de outra ordem e à bibliografia referente ao tema. Apenas por meio de um trabalho cuidadoso evitaremos o perigo de tomar preconceitos profundamente arraigados como informações de ordem cultural. Cabe certamente, um grande cuidado metodológico sobre cada informação cultural trazida pelos órgãos de imprensa. Acreditamos que o cruzamento de dados, conjugado à crítica e a comentários bibliográficos pertinentes, serão o melhor caminho para uma análise criteriosa e de qualidade.<sup>40</sup>

O jornal como fonte histórica é muito interessante, mas para isso é importante que desvendemos alguns determinantes que agem sobre os discursos deles e que tomemos alguns cuidados. Percebe-se a necessidade de uma leitura fina e muito intensa

---

<sup>39</sup> É importante destacar que tanto em Santa Catarina como em Chapecó, o processo de redemocratização de 1945 impulsionou a criação de novos jornais. Segundo Greizi Ciotta e Luciane do Valle em seu livro **“Pioneiros da imprensa de Chapecó: história de vida e trajetória profissional”**, destacam que as eleições de 1950 foram estimuladoras do surgimento de novos jornais em todo o Estado. Estudando a história da imprensa local, percebemos que Chapecó, também foi impulsionado por esta mesma ordem, com a criação de dois novos jornais, que além de representarem o desenvolvimento da imprensa no Estado, tinham a intenção de informar os seus leitores, que muitas vezes ficavam desinformados devido à falta de meios de comunicação de circulassem na região. Porém, o plano de fundo destes jornais que surgiram na década de 1950, era atender aos interesses políticos. Lembrando que de forma geral não apenas os jornais, mas os meios de comunicação como um todo, como por exemplo o rádio, tiveram o mesmo objetivo em todo o Estado de Santa Catarina, eles surgiram para atender os interesses políticos.

<sup>40</sup> ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, V. XXIV, n.2, p. 269-389, dez. 1998. p.282.

da fonte jornalística para que não ocorram erros, uma leitura que contemple não apenas o texto explícito, mas que leve em consideração o que está implícito. Conseguindo, assim, também desvendar o posicionamento político e ideológico do periódico em estudo, para perceber, a partir disso, como sua posição pode influenciar os discursos que são proferidos.

Com a clareza de que os periódicos são produzidos por indivíduos carregados de consciência influenciadora nos seus discursos, a utilização da imprensa escrita como fonte histórica deve ocorrer por meio de uma discussão teórico-metodológica. Mesmo que alguns jornais se coloquem como veículos imparciais na divulgação de fatos, é praticamente impossível que eles consigam sua imparcialidade. Sendo assim, algumas perguntas passam a fazer parte dos questionamentos à fonte, para que assim possamos obter respostas mais concretas sobre os fatos históricos. O primeiro passo é compreender a intervenção do jornal na sociedade, quem são os editores e proprietários, quais são os seus objetivos, qual sua ideologia política e econômica. Isso tudo vem ao encontro de alguns apontamentos feitos por Capelato.

[...] Para compreender a participação de um jornal na história, o pesquisador faz, de início, algumas indicações: quem são seus proprietários? a quem se dirigem? Com que objetivos e quais os recursos utilizados na batalha pela conquista dos corações e mentes?

Com esses dados preliminares é possível delinear um perfil provisório do periódico eleito como objeto/fonte de estudo. O primeiro levantamento fornece pistas para definir os caminhos a serem investigados.<sup>41</sup>

Nesse sentido, De Luca destaca a importância de identificar alguns aspectos do jornal, como:

[...] em síntese, **os discursos adquirem significados de muitas formas**, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos **temas, a linguagem e a natureza do conteúdo** tampouco se dissociam do **público que o jornal ou revista pretendem atingir**. [...]

[...] Daí a importância de se **identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos**, que dão conta de intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhado por seus propugnadores. Igualmente importante é **inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros**, aí incluídos os de caráter publicitário. Ou seja, à análise da materialidade e do conteúdo é preciso acrescentar aspectos nem sempre imediatos e necessariamente patentes nas páginas desses impressos.<sup>42</sup>

---

<sup>41</sup> CAPELATO, 1988, p.13-14.

<sup>42</sup> LUCA, 2010, p. 140 (grifo do autor).

Vemos que os cuidados metodológicos são primordiais para que o trabalho tenha sua relevância, mas as preocupações são muitas quando nos referimos à imprensa enquanto fonte histórica. Marialva Barbosa<sup>43</sup> destaca que é preciso observar quem escreve nas publicações dos jornais e qual seu propósito. Devemos levar em consideração quem era o público leitor dos periódicos, como eram entendidos os sinais impressos na época de sua edição/impressão. Ela ainda destaca que devemos dar a devida atenção às práticas humanas que estão envolvidas no processo que é divulgado nos jornais. Para que o trabalho tenha relevância histórica, no entanto, é necessário utilizar a teoria e metodologia da história, pensando tempo, espaço e sujeitos humanos que ganham destaque nas páginas dos jornais.

A mais importante diz respeito ao que estamos tentando reinterpretar: o jornalismo está inserido num processo comunicacional e é este processo que deve ser interpretado à luz das possibilidades do passado. Operando num sistema midiático a história do jornalismo é a re-narração desses sistemas e a compreensão dos processos humanos envolvidos nesse circuito.<sup>44</sup>

Além de observar o público que o jornal pretende atingir, é preciso, também, tomar outros cuidados importantes que permeiam o trabalho com os jornais, como sua linha editorial, questões de cunho financeiro, entre outros. É preciso atentar para a motivação do jornal em publicar determinada notícia e, além disso, observar o destaque que foi dado à reportagem e o local em que se deu a publicação. Essas são questões importantes que podem dar norte e ajudar a compreender a real força daquele discurso jornalístico que é proferido na página do impresso, pois o jornal/imprensa se coloca como classe dominante.

O trabalho com o jornal é um desafio para o pesquisador, pois há várias questões que ele precisa problematizar. Entre elas está a leitura crítica e cuidadosa do jornal, levando em consideração que é uma leitura feita fora do tempo em que ele foi escrito. E diferente do que ocorria com os leitores da época desse periódico, o pesquisador não é, de forma alguma, o leitor ideal, pois ele terá mais cautela ao observar os textos. Espig<sup>45</sup>, também alerta os historiadores que utilizam os jornais como fonte que tomem alguns cuidados, para não cometerem erros, aconselha que façam uma crítica interna ao

---

<sup>43</sup>BARBOSA, 2012.

<sup>44</sup>BARBOSA, 2012, p. 470.

<sup>45</sup>ESPIG, 1998.

conteúdo jornalístico, tendo convicção de que o jornal não é imparcial nem totalmente confiável.

Nesse sentido, Elmir corrobora Espig quando se refere aos historiadores como leitores empíricos, pois o jornal teria sido produzido para leitores-modelo.

Nesse caso, a atitude mais prudente – lugar onde desde sempre mora a virtude – é manter a suspeição. Amarrar-se ao mastro da nau, não para suspender o juízo definitivamente qual fôssemos céticos, mas a fim de melhor avaliar a situação. Historiadores são leitores empíricos de textos que foram produzidos para leitores-modelo, mas que encontraram, na sua trajetória de recepção – por vezes imprevisíveis –, outros leitores reais.<sup>46</sup>

Seria o que o próprio autor chama de uma “leitura intensiva”, ou seja, uma leitura feita em um momento diferente daquele em que o texto foi produzido, com um olhar diferente daquele que teria o leitor real ou modelo.

Uma característica dos semanários chapecoenses durante a década de 1950 é o enaltecimento de determinados personagens, ao mesmo tempo em que ocorre o trabalho para denegrir a imagem de outras figuras públicas. Vimos isso quando o jornal *A Voz de Chapecó* enaltece a figura da família Bertaso – família colonizadora de Chapecó que pensou o progresso e planejou a cidade para a modernidade- e seus parceiros políticos da antiga gestão municipal. Enquanto o jornal *O Imparcial* vinha com uma linha ideológica contrária, com o objetivo de desconstruir a imagem de boazinha dessa mesma família e de seus aliados. O embate de forças produziu acalorados discursos e uma rivalidade acentuada nos semanários analisados.

Ao pensarmos a organização de um periódico, percebemos que alguns assuntos jamais são tratados pela imprensa, enquanto outros ganham destaque frequente nas páginas dos jornais. Da mesma forma, isso acontece com determinados personagens que ganham destaque nas notícias, ao mesmo tempo que outros, mesmo sendo precursores de fatos, acabam apagados ou esquecidos.

Depois de distorcida, retorcida e recriada ficcionalmente, a realidade é ainda assim dividida pela imprensa em realidade do campo do Bem e realidade do campo do Mal, e o leitor/espectador é induzido a acreditar não só que seja assim, mas que assim será eternamente, sem possibilidade de mudança.<sup>47</sup>

Nesse sentido, a imprensa precisa ser observada como pano de fundo para a construção hegemônica de determinadas camadas sociais, tendo papel político decisivo,

---

<sup>46</sup> ELMIR, Claudio Pereira. Uma aventura com o Última Hora: O jornal e a pesquisa histórica. **Anos 90**, Porto Alegre, v.19, n.36, p. 67-90, dez. 2012, p. 78.

<sup>47</sup> ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação da grande imprensa**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016, p. 50.



pois trabalha como organizadora do desejo popular, possibilitando a predominância de uma classe sobre a outra. Pensando a imprensa ligada a um partido político que atua na organização do desejo popular, fica visível em Chapecó, durante os primeiros anos da década de 1950, a existência de três jornais que estavam ligados a partidos políticos e que deixavam explícitas suas posições. O principal objetivo, de fato, era a construção de uma opinião política negativa a respeito do grupo adversário e a visão positiva dos projetos políticos desenvolvidos por determinados grupos. Que chamam para si a responsabilidade de debates, em um momento em que um dos poucos meios de comunicação era o impresso, fazendo, assim, a demarcação de posições ideológicas na sociedade. Isso vem ao encontro do que Capelato<sup>48</sup> comenta com relação aos jornais conseguirem adeptos de uma causa, seja empresarial ou política, mesclando os interesses políticos e os lucros.

Mesmo que esses meios de comunicação busquem apresentar uma ideia de imparcialidade, como no caso do jornal chapecoense cujo nome remete a isso, é impossível que ela ocorra, pois eles fazem parte da sociedade e estão envolvidos nos problemas citadinos diariamente. Outro ponto a ser observado, são as empresas que patrocinam os periódicos, com seus anúncios publicitários tendenciosos, induzindo, assim, os jornais a produzir informações de acordo com os seus interesses. Ou seja, o jornalismo sempre toma posição específica com relação a suas divulgações.

Segundo Zicman, a imprensa como fonte histórica tem uma série de vantagens, entre elas sua periodicidade, que possibilita uma sequência de arquivos cotidianos, os quais registram a memória diária de alguns acontecimentos. “[...] para os historiadores, jornal é antes de tudo uma fonte onde se “recupera” o fato histórico - uma ponte ou trampolim em direção à realidade - não havendo, entretanto, interesse por sua crítica interna.”<sup>49</sup>

Zicman chama a atenção para os cuidados que os historiadores devem tomar, lembrando sempre que, o que está sendo divulgado na imprensa não é apenas uma mera repetição de acontecimentos, pelo contrário, está carregado de interesses próprios de cada jornal. A realidade apresentada pela imprensa é uma realidade própria, escrita com uma linguagem própria, chamada por Zicman de “escrita da imprensa”.

---

<sup>48</sup> CAPELATO, 1988, p. 15.

<sup>49</sup> ZICMAN, René Barata. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. **Revista História e Historiografia**, São Paulo, n. 4, p. 89-102, jun. 1985, p.90.

Ao discutir a história da imprensa em nosso país, Zicman<sup>50</sup> comenta que entre 1945/50 a imprensa no Brasil se limitava a pequenas empresas, bem limitadas e que primavam pela sua posição política, que, segundo ele, era chamada de imprensa de opinião “[...] está Imprensa tinha características claramente políticas e apaixonadas, ultrapassando a simples função de “espelho da realidade” para tornar-se instrumento ativo de opinião pública.”<sup>51</sup>

O jornal acaba tomando posição e, conseqüentemente, faz com que seu público forme opinião a respeito dos acontecimentos, essa é a função dos meios de comunicação, formar opinião e colaborar na tomada de decisão.

Assim é sustentável a afirmação – pelos menos em caráter de hipótese de trabalho – de que os órgãos de comunicação se transformaram em novos órgãos de poder, em órgãos político-partidários e, é por isso que eles precisam recriar a realidade onde exercer esse poder, e para recriar a realidade eles precisam manipular as informações. A manipulação, assim, torna-se uma necessidade da empresa de comunicação, mas como a empresa não foi criada nem organizada para exercer diretamente o poder, ela procura transformar-se em partido político.<sup>52</sup>

A imprensa, desde seu surgimento, foi colocada como uma força política, sendo utilizada por governantes e constantemente vigiada e controlada. Capelato<sup>53</sup> chama a atenção para a “empresa jornalística”, que trabalha para uma mercadoria política, no sentido de que o público e o privado se confundem, perdendo assim seu foco. Principalmente por estar muito atrelada ao lucro e à questão empresarial, deixando de lado a informação como um direito de todos. O que ocorre, porém, é que a informação acaba se tornando um problema nas mãos dos poderosos. A dominação das informações ocorre no sentido de omitir ou então de dar destaque ao que é vantajoso para o grupo político que controla o jornal. “Na grande imprensa, onde se mesclam interesses políticos e de lucro, os recursos para a sedução do público são indispensáveis. A concorrência de mercado obriga cada jornal a enfrentar os adversários com as armas mais apropriadas à clientela que pretende atingir”<sup>54</sup>.

Os jornais vão além da divulgação de informações, eles têm a função de tornar públicas as ideias políticas de determinado grupo. Além disso, têm o intuito de mobilizar seu público, ganhando audiência para que com isso consigam conquistar poder.

---

<sup>50</sup> ZICMAN, 1985.

<sup>51</sup> ZICMAN, 1985, p.91.

<sup>52</sup> ABRAMO, 2016, p. 61

<sup>53</sup> CAPELATO, 1988.

<sup>54</sup> CAPELATO, 1988, p. 15

Barbosa<sup>55</sup> utiliza-se de Gramsci para fazer uma interpretação dos jornais enquanto intelectuais orgânicos que se transformam em grupos dominantes de uma hegemonia social e do governo político. Eles não exercem função explícita junto aos Estados, não estão no comando diretamente dito, são na verdade executores do grupo dominante que busca o consenso espontâneo dos leitores. São, os impostores de uma visão de mundo idealizada por eles próprios.

Os jornais atuam como forças dirigentes superiores, mesmo que em função de objetivos específicos se liguem a um ou outro grupo e, dessa forma, exercem o papel de estado maior intelectual do partido orgânico. Daí também ser fundamental a construção da imagem de independência e neutralidade. Quem desenvolve essa ideia da imprensa atuando como “partido” e como um “estado maior” do partido orgânico é Gramsci. Em *Maquiavel, a política e o Estado Moderno*, o pensador italiano destaca a frequência com que esses veículos reafirmam a sua independência para serem reconhecidos pelo público como força superior dirigente.<sup>56</sup>

A ideia de imprensa dotada de interesses e com um posicionamento político marcante, traz consigo a noção de um meio que possibilita manipulação e intervenção na vida social e que, ao mesmo tempo, deixa evidente seu caráter empresarial, de um aparelho que além de modificar ideias sociais, também precisa obter lucro para permanecer ativo. Sendo assim, as questões econômicas e políticas permeiam diariamente as páginas dos jornais. Além de se manterem economicamente, os jornais carregam consigo a capacidade de formadores de opinião pública.

No que diz respeito à imprensa, esse contraste entre o jornal como empresa capitalista, que já é, e sua posição como servidor de um poder que corresponde a relações predominantemente pré-capitalistas, parece contraditório. Mas há frestas por onde se pode perceber a realidade do quadro com clareza: o aparecimento de jornais de virulenta oposição, confrontando aqueles jornais que se subordinam ao poder; as campanhas sucessórias extremadas, sem correspondência com o caráter e o programa das correntes em choque, sem as grandes diferenças que poderiam justificar exteriormente a violência com que se defrontam; a necessidade, para os detentores do poder, de comprar opiniões da imprensa[...]<sup>57</sup>

Nesse sentido, a imprensa é na verdade utilizada como força de poder para comprar opiniões; Sodré destaca ainda que os jornais têm a intenção de apresentar fatos políticos e não a política, sendo assim, existe a necessidade de endeusar ou destruir certos indivíduos. “[...] Não se trata de condenar a orientação, ou a decisão, ou os

---

<sup>55</sup> BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil (1900-2000)**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 152.

<sup>56</sup> BARBOSA, 2007, p. 151-152

<sup>57</sup> SODRÉ, Nelson W. **A História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 276.

princípios - a política, em suma - desta ou daquela personalidade; trata-se de destruir a pessoa, o indivíduo”<sup>58</sup>.

Outra questão que ganha destaque no texto de Sodré é em relação à propaganda. No mundo capitalista, os jornais precisam de lucro para sobreviver, e seus anunciantes são os que pagam os gastos, são também os que definem os rumos que o jornal deve tomar, delineando assim a sua posição. É o momento em que o jornalismo passa a ser chamado de jornalismo de empresa. A imprensa capitalista ganha um caráter de instrumento de alienação e não apenas um instrumento de comunicação social. Exercendo, assim, influência sobre a sociedade e padronizando algumas práticas e comportamentos.

Ao contrário da ideia de Sodré<sup>59</sup>, Rudiger<sup>60</sup> afirma que no Brasil surgiu, principalmente durante as primeiras décadas do século XX, uma categoria de jornal classificada como político-partidário, um jornal criado pelos próprios partidos políticos e que não tinha preocupação econômica, pois seu principal objetivo era fortalecer a ideia dos partidos e dar impulso aos candidatos que estavam no poder.

Os partidos encarregaram-se de montar suas próprias empresas e lançar periódicos pelos quais assumiam inteira responsabilidade. Nesse contexto, surgiram as redações, os jornais começaram a ter uma organização editorial e se consolidavam a racionalidade em seu funcionamento. Os políticos foram progressivamente tomando o lugar dos tipógrafos na função social de jornalistas.<sup>61</sup>

Segundo Rudiger, o jornalismo político-partidário criou a ideia de que o papel do jornal é opinativo, tendo como objetivo veicular a opinião dos partidos na sociedade, além de transmitir a doutrina deles e, dessa forma, dirigir a opinião pública.

Entretanto, as preocupações econômicas não estavam na ordem do dia. A manutenção dos periódicos não constituía um problema financeiro, mas um problema político. O lançamento dos jornais não visava ao lucro mercantil, mas à doutrina da opinião pública [...]<sup>62</sup>

Os jornais eram organizados por lideranças políticas e permitiam aos partidos intervirem na esfera pública, garantir êxito na campanha eleitoral e criar espaços de discussão de problemas da sociedade, com o intuito de garantir a hegemonia, causando debates acalorados.

---

<sup>58</sup> SODRÉ, 1999, p.277.

<sup>59</sup> SODRÉ, 1999.

<sup>60</sup> RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do Jornalismo**. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2003.

<sup>61</sup> RUDIGER, 2003, p. 35

<sup>62</sup> RUDIGER, 2003, p. 39

Em Chapecó, observa-se, nos três periódicos locais, a necessidade capitalista de eles se manterem ativos por meio dos patrocinadores, pensando no lucro e na sobrevivência, utilizando-se, ao mesmo tempo, do jornalismo político-partidário. Essa foi uma característica marcante dos três semanários que surgiram durante os anos de 1940/1950 na cidade. Fundados por partidos políticos, tanto o jornal *O Imparcial*, como o jornal *A Voz de Chapecó* deixavam explícita sua posição política, e não tiveram a intenção de esconder sua ligação com partidos e candidatos.

No próximo subcapítulo, trabalhamos mais a fundo as questões político-partidárias presentes nos semanários locais. Apresentamos os três jornais que circularam por Chapecó e analisamos sua posição enquanto jornais ligados a partidos políticos.

## 1.2 O IMPARCIAL E SUA PARCIALIDADE NA POLÍTICA CHAPECOENSE

O historiador, ao fazer a análise dos documentos, deve estabelecer conexão com vários personagens que atuaram na imprensa da época. Segundo Capelato, esse diálogo possibilita a compreensão e uma “[...] história mais viva, mais humana e mais rica[...].”<sup>63</sup>. É na busca pela aproximação com personagens que, ao final do capítulo, mostraremos como os três periódicos surgiram em Chapecó, durante os anos de 1940 e 1950. Para que possamos, assim, identificar e compreender o jogo político que ocorreu na cidade na década de 1950, observando a importância do jornal *O Imparcial* nesse jogo.

A história política de Chapecó ganhou destaque a partir de 1895 quando ocorreram as delimitações das fronteiras entre Brasil e Argentina, sendo criada a Colônia Militar de Xanxerê, que pertencia aos campos de Palmas. No entanto, foi somente no início do século XX que começou o processo de colonização da região, após o fim da Guerra do Contestado, resolvendo as questões de limites entre Paraná e Santa Catarina. O governo do Estado, então, passou a mostrar interesse em ocupar a região e no ano de 1918 a Companhia Colonizadora Bertaso, Maia e Cia recebeu do governo terras devolutas da Baronesa de Limeira.

Os primeiros anos do século XX foram marcados pela chegada dos primeiros colonos gaúchos que começaram a migrar para o Oeste de Santa Catarina, motivados principalmente pelas vastas áreas de terra disponíveis, pois as antigas colônias do Rio

---

<sup>63</sup> CAPELATO. 1988, p. 21.

Grande do Sul acumulavam excedentes populacionais e, não havia terra suficiente para todos. Segundo Radin<sup>64</sup>, a migração do Rio Grande ocorreu devido ao crescimento demográfico, ao esgotamento do solo e, principalmente, à inviabilidade de divisão dos lotes agrícolas no Rio Grande. Os migrantes e imigrantes perceberam na região Oeste de Santa Catarina a possibilidade de um mundo novo.

A atuação das companhias colonizadoras na região intensificou a ocupação desse espaço por migrantes, ganhando destaque, em Chapecó, a colonizadora Bertaso, na figura do seu proprietário coronel Ernesto Bertaso, uma personalidade de prestígio local que teve visibilidade social e política durante as primeiras décadas do século XX. Segundo Hass, sua atuação se caracterizou pelo mandonismo local.

O poder chapecoense, desde a criação do município, em 1917, até por volta da metade da década de 1950, caracterizou-se por um forte mandonismo local, que se identifica com aspectos do coronelismo brasileiro. O poder político do município, durante esse período, esteve na maior parte do tempo nas mãos dos coronéis ou de pessoas ligadas a eles. A sua dominação tinha por base a supremacia econômica e os laços de dependência. A estrutura de dominação e as formas de controle social faziam parte de uma cultura social e política resultante das relações de poder da época, em que o público e o privado eram complementares.<sup>65</sup>

É interessante destacar que o coronel Ernesto Bertaso e sua família, mesmo tendo iniciado o processo de colonização de Chapecó em 1918, só passaram a ter domínio e exercer cargos políticos após 1940, com as mudanças na estrutura política federal. Antes desse período, a atuação política e a influência coronelista estavam associadas a outros homens públicos indicados pelo governo federal e estadual.

Foi durante o período de dominação da figura do coronel Bertaso que ocorreu a criação do primeiro meio de comunicação na cidade, o jornal *A Voz de Chapecó* criado no ano de 1939 pelo coronel Ernesto Bertaso, sócio proprietário e responsável pelo processo de colonização de Chapecó, e por seus amigos Juiz Antônio Selistre de Campos, outra personalidade importante principalmente para a construção de uma ideia de progresso na região, e Vicente da Cunha que era advogado provisionado e trabalhava para a empresa colonizadora Bertaso.

---

<sup>64</sup> RADIN, José Carlos. Um olhar sobre a colonização da fronteira sul. In: RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir Jose; ZARTH, Paulo A. (Orgs). **História da Fronteira Sul**. Porto Alegre: Letra & Vida – Universidade Federal da Fronteira Sul. 2015. p.14

<sup>65</sup> HASS, 2013, p.33

Desde sua criação até o ano de 1950, o jornal *A Voz de Chapecó* tratava de inúmeras questões políticas conforme demonstrado por Petrolí<sup>66</sup>, não propriamente da política partidária, pois os partidos políticos existentes no Estado Novo foram colocados na ilegalidade, mas apresentava-se como um meio de comunicação local que exercia sua função social e informava os moradores locais. A ideologia do jornal mudou nos primeiros anos de 1950, ele ganhou uma roupagem política ligada ao PSD (Partido Socialista Democrático) e aos interesses da família Bertaso. Isso ocorreu devido à rivalidade política acentuada que se fazia presente em Chapecó.

O ano de 1950 foi um período que esteve atrelado a uma série de mudanças estruturais, tanto nos jornais como na forma de pensar a cidade, isso acabou influenciando decisivamente o cenário de Chapecó. A década de 1950 foi marcada por várias modificações no Brasil, entre elas a ideia de modernizar o país, e junto com elas os jornais também sofreram influências e passaram por modificações.

[...] E nada mais condizente com o momento social da década de 1950 do que se transformar mais do que em porta-vozes da modernização, mas em seu próprio emblema, produzindo um jornalismo em padrões completamente diversos do que fora feito até então, pelo menos nos discursos com que referendam esse processo. Nada melhor também para conseguir audiência do que divulgar ao extremo que produzem um discurso que apenas espelha o mundo. E conseguir audiência é sempre conseguir poder.<sup>67</sup>

Segundo Barbosa, é na década de 1950 que grandes transformações ocorreram no mundo jornalístico e os jornais buscavam trazer a modernidade aflorada para seus discursos, para com isso atingir o maior número de leitores possível. A nova imprensa brasileira estava surgindo com grandes transformações na produção do jornal e na face do jornalismo.

Foi durante o período conhecido como *bela época*, que iniciou nas últimas décadas do século XIX e primeiras décadas do século XX, em que surgiu no mundo a modernidade que trouxe consigo o progresso tecnológico. A nova fase, que estava ganhando força, foi materializada não somente com máquinas, mas também com ideias, estilos de vida e mudanças de comportamento. As mudanças trazidas pela *bela época* ganharam impulso em muitas cidades brasileiras já estruturadas e de alguma maneira respingaram, mesmo que mais tarde, na busca pela modernização de Chapecó.

---

<sup>66</sup> PETROLI, 2008.

<sup>67</sup> BARBOSA, 2007, p. 15.

A imprensa teve papel de destaque no processo de mudança. Tornou-se produto da ideia modernizante da cidade, difundindo valores e práticas de alguns idealizadores da elite local. Aqueles que escreviam nas páginas dos jornais estavam atrelados ao mesmo anseio dos idealizadores da cidade planejada e partilhavam do desejo da civilização e do progresso. Daí a necessidade de redesenhar o espaço urbano e anunciar nas páginas dos semanários os novos sinais de civilização ligados ao saneamento, aparelhos urbanos, mudanças de comportamentos, hábitos e muitas práticas modernizadoras. A imprensa, enquanto meio de comunicação passível de influenciar seus leitores, tomou para si a responsabilidade de promotora da civilidade. Podemos perceber no trecho a seguir retirado do jornal *O Imparcial* que para a modernização chegar, era necessária a ajuda de toda a população local

[...] Os leitores deste jornal já devem ter ideia do que é ou poderá ser Chapecó sem querer fazer uma ampla descrição da nossa “urbs”, vamos apenas descrever mais uma faceta dela. Chapecó é uma cidade em formação, vila recém emancipada, seu progresso data de poucos lustros. Há poucos anos passados era esta cidade apenas a sede de uma Empresa Colonizadora, hoje, porém, é a sede de um dos maiores municípios de S. Catarina. Libertada de seu característico colonial e independente de seus antigos protetores, **avança sozinha no caminho do progresso para se tornar uma estrela de real grandeza no oeste Catarinense**. Uma cidade não é um ser individual, mas sim um todo coletivo, que não deverá nunca se dividir para não se esfalçar. [...] Mister se faz, que os moradores de Chapecó, os chamados filhos adotivos se esforcem, trabalhem num ambiente de cordialidade, **pondo de parte suas opiniões políticas ou religiosas para que possamos fazer com que nossa pequena cidade se transforme numa grande cidade**. Há muita coisa por fazer, isto está ao alcance de qualquer um perceber mas o que mais falta está fazendo é o espírito de cooperação e de boa vontade para unirmos e juntos formarmos o feixe indestrutível de que nos fala conhecida parábola bíblica. Falta aqui pessoas amigas da cidade, que venham dentro de suas possibilidades econômicas e intelectuais, prestarem o seu valioso apoio às entidades administrativas, ajudando a levar a bom termo a tarefa difícil de dirigir uma comuna municipal<sup>68</sup>. [...] <sup>69</sup>

O autor da publicação está preocupado com questões da cidade e do seu desenvolvimento. Utiliza-se, portanto, do meio de comunicação para instigar a população a colaborar com o que ele chama de caminho do progresso. Ele destaca, ainda, ser necessário deixar de lado questões políticas e religiosas, para pensar no bem comum e na melhoria da cidade. São esses os apelos feitos pelos jornais que buscavam convencer a população da necessidade de trabalhar pela melhoria e pela modernização. Com objetivo de trazer a cidade para o debate, em Chapecó durante a década de 1950,

---

<sup>68</sup> Toda transcrição aqui realizada das fontes está com grafia atualizada.

<sup>69</sup> GONZAGA, Gustavo. Cooperamos antes de criticarmos. **O Imparcial**. Chapecó, 25 de fev. 1951, p.1. Grifo nosso.



foi vista nas páginas dos jornais uma leitura específica sobre o urbano que vinha se modernizando, fazendo interpretações de problemas, reforçando e principalmente criticando caminhos contrários à modernização.

Estamos nos referindo a um momento conturbado da história de Chapecó, uma cidade pequena que, na década de 1950, tinha apenas 2.633 habitantes<sup>70</sup>, que viviam na sede do distrito e que por algum tempo carregou consigo o status de uma cidade violenta. No ano de 1950 houve uma sequência de incêndios em residências urbanas, inclusive a igreja católica da cidade foi alvo das queimadas, o que causou revolta nos católicos fervorosos. O incêndio da igreja culminou no linchamento de quatro pessoas consideradas culpadas de atear fogo nela. O fato teve repercussão nacional, trouxe medo à população e despertou nela a ideia de que Chapecó era uma cidade de forasteiros.

Podemos observar o relato de um antigo morador de Chapecó sobre o que se pensava da cidade na época: “Ninguém acreditava na cidade. Era mais fácil você ir embora de Chapecó, as pessoas irem embora do que virem morar aqui. As pessoas tinham medo dos bandidos, dos incêndios, dos assaltos, do que ocorria na época sem punição[...]”<sup>71</sup>.<sup>72</sup> Na entrevista, o senhor José Bohner mostra o medo que estava presente na população, após a série de incêndios e o incidente do linchamento. Perante esse cenário, os jornais tinham a obrigação de transformar a mentalidade dos chapecoenses e, além disso, precisavam desconstruir a imagem de cidade perigosa. Dessa forma, o ano de 1951 foi marcado por muitos desses discursos nas páginas dos jornais.

[...] Na esfera municipal resta muito a fazer, mas é somente com um conagraçamento geral, e com o apoio dos vereadores eleitos sob esta ou aquela legenda, ao prefeito, poderá fazer-se um governo pelo qual aspira a população laboriosa do município, tão duramente afetado pelos trágicos acontecimentos que repercutiram em todo o país e até no estrangeiro. [...] <sup>73</sup>

---

<sup>70</sup> É importante destacar que 2.633 habitantes viviam na sede do distrito de Chapecó, o município todo tinha vários distritos e uma abrangência territorial bastante grande, sendo assim a população urbana do município de Chapecó era de 9.756 habitantes, a grande maioria desses distritos, nas décadas seguintes, foram desmembrados e emancipados. Informações obtidas no site do IBGE no censo demográfico de 1950.

<sup>71</sup> Segundo as autoras que publicaram as entrevistas, as mesmas foram transcritas na íntegra, respeitando a linguagem coloquial dos entrevistados, isso pode acarretar na presença de alguns vícios linguísticos. (As entrevistas estão disponíveis no livro “Pioneiros da imprensa de Chapecó: história de vida e trajetória profissional” de Luciana do Valle e Greizi Ciotta).

<sup>72</sup> BOHNER, José. Entrevista concedida dia 10 de março de 2005. CIATTA, Gleizi. VALLE, Luciana do. **Pioneiros da imprensa de Chapecó: história de vida e trajetória profissional**. Florianópolis: Insular. 2007, p. 152.

<sup>73</sup> ERING, Leopoldo Olavo. Homens de “Boa Vontade”. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, 31 de dez.1950, p.4.

Fica nítida a preocupação do jornal na busca por sensibilizar os políticos locais sobre a necessidade de trabalhar pelo povo, com o objetivo de modificar a visão que se tinha sobre a cidade e fazer transparecer o civismo de sua população laboriosa. Além disso, a citação do jornal traz um apelo a outro problema que floresceu naquele momento em Chapecó, as disputas políticas.

A cidade vinha de um ano de eleição em que os ânimos estavam exaltados, o grupo político dominante, que colonizou e governou a cidade a partir de 1940, representado pela figura do coronel Bertaso<sup>74</sup> e sua família, perdeu as eleições municipais de 1950. Nessa virada de década, ocorreu uma mudança no cenário político, novas lideranças surgiram e ganharam força, com apoio estadual venceram as eleições, tirando de cena figuras tradicionais.

Os partidos políticos de Chapecó perceberam a necessidade de criar jornais para que, além de garantirem as eleições, também pudessem discutir as questões da cidade e da administração pública. Os reais interesses políticos dos jornais locais eram muito claros inclusive para a população da cidade. Observemos a entrevista de uma figura importante de Chapecó, que comenta:

Em 1951 então a situação perdeu a eleição, ganhou a eleição a União Democrática Nacional, no estado e em Chapecó. É claro que precisavam ter um meio de comunicação para manter o poder, para manter-se no poder, então fundaram um jornal, um jornal também para defender suas idéias políticas, suas ideologias, fundaram *O Imparcial*<sup>75</sup>

Em Chapecó, durante o fim da década de 1940 e início de 1950, os jornais estavam estreitamente ligados a questões políticas. Os responsáveis pelas publicações dos jornais eram pessoas de destaque social, com poder de influência e com interesses ideológicos bem definidos. Deixavam clara sua posição partidária direta, apoiando dirigentes ou candidatos envolvidos na política local. Eram pessoas influentes, uma espécie de caciques políticos que tinham em mãos controle e influência.

---

<sup>74</sup> O Coronel Ernesto Bertaso foi o primeiro colonizador a chegar em Chapecó e recebeu do governo do Estado terras devolutas para iniciar a colonização da região Oeste de Santa Catarina. Em troca, deveria fazer a abertura de estradas e construir espaços públicos que facilitassem a vida dos imigrantes que estavam chegando. A família Bertaso é um nome muito conhecido na região e foi decisiva principalmente para o planejamento e idealização da cidade.

<sup>75</sup> PATUSSI, Dino. Entrevista concedida dia 04 de maio de 2005. CIATTA, Gleizi. VALLE, Luciana. **Pioneiros da imprensa de Chapecó: história de vida e trajetória profissional.** Florianópolis: Insular. 2007, p. 100.

Os jornais *A Voz de Chapecó* e *O Imparcial* foram dois meios de comunicação que trabalharam contra e a favor do poder público chapecoense, com apoio explícito a figuras políticas, como é caso do *O Imparcial* que defendia o prefeito José Miranda Ramos, que esteve no poder em Chapecó durante 1951. Em contrapartida, o *A Voz de Chapecó* defendia membros políticos ligados ao PSD (Partido Socialista Democrático). Nesse combate de forças, a imprensa tinha papel decisivo, o poder político e econômico só poderia ser defendido por meio da manifestação de opiniões que ocorriam através dos meios de comunicação. O que aparece nas páginas de ambos os jornais é a busca por melhorias, com objetivo de fomentar o desenvolvimento econômico da cidade, para fazer predominar os discursos de ordem e progresso em Chapecó, principalmente para estabelecer valores morais e adequar os comportamentos sociais da população dessa pequena cidade.

Segundo Ciotta e Valle<sup>76</sup>, o primeiro jornal a circular em Chapecó foi o jornal *O Xapecó*, o qual era um quinzenário e tinha a intenção de reivindicar benfeitorias para a Colônia Militar. Posteriormente, surgiram outros impressos, como o *A Voz de Chapecó*, que surgiu no ano de 1939 e tinha como sócios apoiadores o coronel Bertaso, o Juiz Antônio Selistre de Campos e o advogado Vicente da Cunha. O objetivo central desse jornal era defender a administração que governou Chapecó até 1950 e os interesses do PSD (Partido Socialista Democrático) e da família Bertaso. Ele circulava aos domingos e tinha duas ou três folhas impressas, com assinatura anual no valor de Cr \$50,00. É importante destacar que o jornal *A Voz de Chapecó*, por volta de 1941, parou de circular devido à censura política do Estado Novo, retomando suas atividades no ano de 1946 e estendendo sua circulação até meados de 1950. Nas eleições de 1947, foi criado em Chapecó o *Jornal d' Oeste*, ligado a UDN (União Democrática Nacional), que se colocava contrário ao jornal *A Voz de Chapecó* e ao PSD (Partido Socialista Democrático). Ele, porém, foi extinto no ano seguinte às eleições. Mais tarde, no ano de 1951, surgiu outro jornal, *O Imparcial*, ligado ao partido União Democrática Nacional (UDN) e ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). O jornal foi fundado pelo coletor federal Paulo Marques e também Alexandre Tiezerini que era ligado às famílias Pasqualoto, Belani e Cansian, figuras tradicionais até hoje. No mesmo ano, foi criado o *Jornal do Povo*, tendo como proprietário Rubens de Carvalho Rauen, presidente do

---

<sup>76</sup> CIOTTA, Gleizi. VALLE, Luciana. **Pioneiros da imprensa de Chapecó: história de vida e trajetória profissional.** Florianópolis: Insular, 2007.

diretório municipal do PSD (Partido Socialista Democrático), e dirigido pelo advogado e servidor público Carlos Danilo de Quadros.

Diferente dos jornais *A Voz de Chapecó* e *O Imparcial*, o *Jornal do Povo* tinha uma linhagem menos marcante no que se refere à questão política, isso pode ser percebido claramente nas páginas do periódico, Dino Patussi, em uma entrevista, também destaca essa ideia:

*O Jornal do Povo* era de outra dimensão, não teve muita expressão política. Era um jornal mantido, basicamente, mantido pelo Dr. Rubens, pela família dele e pelos correligionários. Porque na época os jornais de expressão eram *A Voz de Chapecó* e *O Imparcial*, pela questão partidária, por serem dos dois partidos mais importantes e mais, eram dos maiores grupos econômicos da cidade.<sup>77</sup>

Não o devemos colocar como um jornal neutro, pois sabemos que essa neutralidade não existe, nesse caso, especificamente, o proprietário estava ligado ao PSP (Partido Social Progressista), mesmo que fosse um partido de menor relevância municipal, teve ligação política e acabou sendo influenciado pela emoção dos sentimentos políticos.

Segundo Espig<sup>78</sup>, geralmente os articulistas dos jornais mostram sua opinião acerca dos fatos tratados, carregando-os de noções morais e valores. A opinião que é expressada nas páginas dos jornais acaba assumindo uma implicação política, fazendo julgamentos de figuras públicas, criando polêmica tanto com pessoas como com instituições jornalísticas. Característica típica do que foi visto nos jornais chapecoenses durante os primeiros anos da década de 1950. Quando havia dois jornais de correntes ideológicas e políticas distintas que deixavam claras seu posicionamento político. De um lado um jornal ligado à situação, que exaltava as atitudes dela e menosprezava a antiga gestão da cidade. Do outro lado, um jornal de oposição, que deixava clara sua crítica, noticiando inaptidões e ações equivocadas por parte do governo municipal.

No entanto, não foi apenas a imprensa escrita que tomou para si a responsabilidade de buscar mudanças e desconstruir a imagem negativa criada de Chapecó após o linchamento. Barbosa<sup>79</sup> acredita que a grande transformação que ocorreu na imprensa na primeira metade do século XX esteja ligada às misturas da comunicação, momento em que a imprensa escrita passou a dividir a cena com os meios de comunicação sonoros, como o rádio e a televisão. E a partir de então, a imprensa

---

<sup>77</sup> PATUSSI, 2007, p. 100.

<sup>78</sup> ESPIG 1998.

<sup>79</sup> BARBOSA, 2007.

escrita que era única e soberana, impulsionada pela tecnologia, ganhou aliados para divulgar suas ideias, fossem eles imagéticos sonoros ou somente sonoros. Em Chapecó, o início de 1950 não é marcado apenas pela criação de meios de comunicação escrita, é nesse início de década que surgiu também uma emissora de rádio, com intenção de proferir o discurso de progresso e ordem na cidade. Podemos observar na entrevista de José Bohner:

Eu acredito que a chegada do meu pai tem muito a ver com o progresso da cidade. A programação que ele fez na rádio tinha como objetivo desmanchar o tabu e a idéia fixa que a população tinha, que aqui só tinha bandido e não tinha condição. Passamos a fazer um programa dizendo que aqui era um bom lugar para morar, que o progresso existia.<sup>80</sup>

A coletividade dos meios de comunicação chapecoense, tinha o mesmo objetivo, independentemente de ser escrito ou sonoro, todos buscavam desconstruir a imagem negativa que foi criada com o linchamento e trazer a ideia de progresso para a cidade que estava se delineando.

Ao fazermos uma observação a longo prazo, percebemos que tanto os agentes interessados no discurso modernizador quanto a imprensa tiveram êxito. Pois, ao final da década de 1950, após anos de dedicação, já havia sido implantado no município uma agroindústria e o desenvolvimento econômico e social já era visível.

As fotografias nos ajudam a compreender as mudanças no espaço urbano, a perceber como o trabalho e a articulação dos grupos envolvidos com a construção da modernização conseguiram alcançar seus objetivos. Observamos a figura 01 de Chapecó no ano de 1940, que mostra a vista da área central da cidade; a imagem faz parte do acervo do CEOM, da coleção cidades. Podemos perceber que, na década de 1940, o projeto de modernização começava a ganhar fôlego; ele, porém, somente tornou-se realidade e passou a ser concretizado nas décadas seguintes.

Na figura 02 já é possível perceber a mudança estrutural da área central da cidade, após 1956 quando a catedral já havia sido reconstruída. As edificações da cidade ganharam nova face, onde antes tinham casas de madeira, as construções de alvenaria tomavam espaço. A avenida Getúlio Vargas que era de chão batido, nos últimos anos da década de 1950 já possuía canteiros centrais e uma estrutura de urbanidade.

---

<sup>80</sup>BOHNER, 2007, p. 155.



*Figura 01-Chapecó na década de 1940. Fonte: Acervo do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM). Coleção Cidade de Chapecó.*



*Figura 02- Vista parcial de Chapecó na década de 1950. Fonte: Acervo do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM). Coleção Cidade de Chapecó.*

Observando as duas imagens, percebemos que Chapecó na década de 1940 tinha um aspecto de espaço rural, mas com a intensificação dos trabalhos, criação de leis, regulamentação de normas e disseminação de discursos proferidos nos jornais, as mudanças começaram a aparecer. Nos anos que seguiram 1950, os aspectos de modernidade e urbanidade chegaram até Chapecó. O espaço central começou a ganhar forma, com ruas largas e edificações modernas, entre elas a catedral Santo Antônio, projetada pelo arquiteto paulista Cristiano Betamin, o mesmo arquiteto que projetou a basílica de Aparecida, em São Paulo.

Defende-se que as mudanças estruturais verificadas na cidade de Chapecó tornaram-se possíveis devido a uma série de fatores, entre eles a instalação da Chapecó Alimentos (SAIC), que foi decisiva para que Chapecó não estagnasse após o linchamento. Sobre as questões que contribuíram para a modificação de Chapecó, trabalhamos mais nos próximos capítulos da pesquisa, em que passamos a entender como foram surgindo e ganhando espaço os discursos de modernidade nas páginas dos jornais, durante a década de 1950 e a perceber de que forma eles tiveram êxito. Procuramos compreender como a rivalidade política prejudicou, mas também contribuiu para o andamento da cidade, por fim, buscamos entender as questões agrícolas e o envolvimento da agroindústria no processo de modernização.

## 2. ENTRE A RIVALIDADE POLÍTICA E O DESENVOLVIMENTO

As décadas de 1930 e 1940 foram decisivas para a construção da história urbana de Chapecó. Foi a partir de 1930 que os problemas da urbanização e modernização começaram a preocupar parte da elite local. Desde a criação oficial do município, Chapecó era visto como um pequeno povoado localizado na região mais atrasada do estado. Com o passar dos anos, parte da sociedade começou a pensar em uma forma de romper com o atraso e buscar o desenvolvimento para a região. Isso só foi possível através de ações concretas que começaram a ganhar destaque no final da década. Um dos primeiros passos, segundo Petrolí<sup>81</sup>, foi o reconhecimento de Chapecó enquanto cidade, o que somente ocorreu em 1939 pelo poder público estadual.

O desenvolvimento que se propunha para Chapecó estava muito além de questões estruturais do espaço urbano, era necessário modificar o social também para alcançar o desenvolvimento. Durante a pesquisa pensamos a utilização do termo desenvolvimento a partir da ideia de que:

O desenvolvimento deve ser encarado como um processo complexo de mudanças e transformações de ordem econômica, política e, principalmente, humana e social. Desenvolvimento nada mais é que o crescimento – incrementos positivos no produto e na renda – transformado para satisfazer as mais diversificadas necessidades do ser humano, tais como: saúde, educação, habitação, transporte, alimentação, lazer, dentre outras.<sup>82</sup>

A conceituação de desenvolvimento abordada por Oliveira, define grande parte da preocupação dos grupos que pensavam Chapecó enquanto cidade projetada para o futuro. Durante os anos 1930, 1940 e 1950, o principal objetivo da elite era transformar não apenas o espaço estrutural do centro da cidade, mas também movimentar a economia, estimulando a chegada de novos imigrantes do Rio Grande do Sul. Para que estes imigrantes se interessassem pela região era necessário melhorar a educação, a saúde, além de se preocupar com a infraestrutura viária e as questões de deslocamento tanto urbano quanto intermunicipal, que ainda eram muito precárias.

O desenvolvimento que se buscava para Chapecó era de melhorias em vários aspectos, buscava-se o progresso e a modernização, apagando traços de um espaço rural

---

<sup>81</sup> PETROLI, 2008, p.33.

<sup>82</sup> OLIVEIRA, Gilson Batista. de. Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento. **Rev. FAE**, Curitiba, v.5, n.2, 2002, p.40.



pouco desenvolvido. O termo progresso, segundo Binetti<sup>83</sup>, está sendo utilizado na perspectiva de pensar o bem-estar da sociedade.

Os termos desenvolvimento e progresso passaram a ter importância no Oeste Catarinense para romper com o preconceito que existia sobre a região, ligado ao atraso e à falta de civilidade. Desde a viagem do governador do governador Adolfo Konder em 1929 já existia uma ideia de atraso e falta de desenvolvimento da região Oeste, Petrolí apresentou em seu trabalho a visão que as pessoas que moravam no litoral Catarinense tinham da região:

Tanto as representações sobre Chapecó construída no litoral, em relação ao Oeste, quanto as construídas na própria região, mostram-nos que a questão do isolamento territorial era o problema principal para a região não ser civilizada. Discurso este também reforçado, pela historiografia mais “clássica” sobre o Oeste. Apesar de a região contar com a efetiva presença indígena, não era considerada uma região povoada e civilizada.<sup>84</sup>

O isolamento territorial, citado por Petrolí, refere-se às precárias estradas que ligavam o Oeste às demais regiões do estado. Seria apenas a integração com o resto do estado que traria a civilidade e o desenvolvimento para Chapecó. A facilidade poderia ser vista não apenas com o escoamento de mercadorias, mas também com a chegada de produtos e a ligação direta com o litoral catarinense. O problema foi abordado por Petrolí a partir de uma publicação do jornal *A Voz de Chapecó* no ano de 1939, mostrando que a elite chapecoense há vários anos já estava pensando em encontrar soluções para romper com o isolamento territorial.

O problema das estradas que ligavam Chapecó ao litoral era antigo e passou a ser discutido ainda no Estado Novo de Getúlio Vargas, com o projeto Marcha para o Oeste. Mesmo problematizado anos antes, não houve soluções imediatas e o problema da ligação ao litoral do Estado continuou sendo alvo de críticas recorrentes nos meios de comunicação, durante os anos 1950. Em uma publicação de 20 de abril de 1952 no jornal *A Voz de Chapecó*, Luiz Abs da Cruz escreveu, com o título “Problemas de Chapecó”<sup>85</sup>, uma reportagem que comentava sobre uma possível solução para acabar com a distância e dificuldade da ligação com a capital do Estado. Segundo ele, até que não chegassem as motoniveladoras para abrir a rodovia, a solução seria aumentar a pista do aeroporto Ernesto F. Bertaso, para que fosse possível iniciar uma linha aérea três

---

<sup>83</sup> BINETTI, 1998, p. 1010.

<sup>84</sup> PETROLI, 2008, p.50

<sup>85</sup> CRUZ, Luiz Abs. Problemas de Chapecó. *A Voz de Chapecó*. Chapecó, p. 1, 20 de abr. 1952.

vezes por semana com destino a Florianópolis. Na mesma publicação, Luiz Abs da Cruz ainda comentou que era possível estar em Florianópolis e regressar no mesmo dia “[...] sem os percalços da terrível viagem terrestre, sem demolir os carros nas estradas ainda feitas a casco de burro, sem as preocupações dos pneus que se desgastam, sem as rampas brutais da Serra do Coração[...]”<sup>86</sup>. Percebemos que as condições da viagem terrestre não eram nada agradáveis e a solução não era resolver esse problema construindo uma rodovia que possibilitasse acesso mais fácil, até porque parecia ser algo ainda distante de ocorrer. Seria mais fácil encontrar uma estratégia rápida e barata, que se resumisse na criação de uma linha direta por via aérea. Já que a construção da rodovia BR-282<sup>87</sup>, que ligaria o Oeste ao litoral, além de ser uma obra que envolveria altos investimentos, também demandaria anos para ser concluída. Segundo Piekas<sup>88</sup>, o trecho que liga o Oeste catarinense ao restante do estado levou 56 anos para ser finalizado

A proposta da primeira parte deste capítulo é pensar o que já foi produzido sobre as questões políticas e o desenvolvimento de Chapecó até 1950, para que possamos compreender se os problemas que surgiram nos anos 1930 e 1940, quando a modernidade se tornou uma questão central, são os mesmos debatidos alguns anos mais tarde. Ao falarmos das produções anteriores a esta pesquisa, é interessante comentar que existem as publicações de Petrolí, Nodari, Hass e Alba. Autores que são base para pensarmos o processo de modernização e desenvolvimento de Chapecó. Cada um deles traz uma abordagem diferente sobre a cidade. Hass<sup>89</sup> trabalha a história política de Chapecó em um recorte temporal bastante abrangente. A geógrafa Rosa Salete Alba<sup>90</sup>, em sua pesquisa, apresenta a formação do espaço urbano de Chapecó, voltado a

---

<sup>86</sup> CRUZ, 1950, p. 1.

<sup>87</sup> “A obra que teve início em 1954 e tinha como objetivo transformar as antigas estradas em uma única rodovia, só terminou em 2010, com a conclusão do trecho de São Miguel Oeste a Paraíso. Os 684 quilômetros de rodovia estão sob os cuidados da Polícia Rodoviária Federal (PRF), responsável pelo policiamento e atendimento, e DNIT responsável pela administração da rodovia. No princípio eram apenas caminhos que ligavam comunidades remotas, mas de acordo com a FIESC (2014), no atual cenário, a rodovia se caracteriza como uma espinha dorsal do sistema viário do Oeste, pelo grande fluxo de mercadorias que escoam. [...] Constata-se que a integração socioeconômica de Santa Catarina em suas várias regiões de economia diversificada, se dá pela Rodovia BR 282, artéria vital para o desenvolvimento regional. Cidades crescem e se desenvolvem às suas margens[...]” PIEKAS, Andrezza A. S. **Análise da influência da rodovia br 282 como vetor de desenvolvimento, a partir da presença de atividades econômicas industriais**. 2015. 130 f. Dissertação (Mestrado) Curso de Pós-Graduação em Administração - Universidade do Oeste de Santa Catarina - Chapecó, 2015. p. 71.

<sup>88</sup>PIEKAS, 2015. p. 71.

<sup>89</sup>HASS, 2000.

<sup>90</sup>ALBA, Rosa Salete. Espaço urbano: os agentes da produção em Chapecó. Chapecó: Argos,2002.

mudanças espaciais que ocorreram em longo prazo, dá destaque para a construção das agroindústrias e ao desenvolvimento dessas até o processo de modernização.

Já Nodari<sup>91</sup> vai além das mudanças do espaço citadino, tem um olhar voltado às questões étnicas e à memória pública que foi construída ao longo dos tempos com a chegada dos imigrantes. Petrolí<sup>92</sup> se diferencia em seu trabalho por se dedicar especificamente em pensar a cidade planejada e desejada pelos colonizadores, além de mostrar as principais mudanças estruturais e sociais que ocorreram entre 1931 e 1945, período do Estado Novo.

Na segunda parte do capítulo, a proposta é compreender como a rivalidade política ganhou as páginas dos jornais, observando os debates e as críticas sobre as questões da urbanização e do desenvolvimento de Chapecó. Fazemos uma análise de publicações veiculadas nos jornais *A Voz de Chapecó* e *O Imparcial*, que foram os propagadores de intensos debates políticos, esses não contribuíram para desconstruir a imagem negativa criada de Chapecó com o linchamento, pelo contrário, estimularam novos conflitos que levaram ao assassinato do intendente-exator por um membro do PSD (Partido Socialista Democrático). A rivalidade perpassou a ordem política, tornando-se de cunho pessoal, com ataques à família Bertaso, aos membros da administração de José Miranda Ramos e até mesmo ao Juiz de Direito da Comarca de Chapecó. As acusações e denúncias eram escritas e divulgadas por dois advogados bastante conhecidos na época: Roberto Machado era ligado à UDN (União Democrática Nacional) e ao PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e escrevia no jornal *O Imparcial*, e Luiz Abs da Cruz, membro do PSD (Partido Socialista Democrático), tinha sua coluna no jornal *A Voz de Chapecó*. As publicações de ambos tiveram consequências graves, como censura e perseguição.

Para finalizar o capítulo, a proposta é analisar de forma breve a administração de José Miranda Ramos. Nesse momento do trabalho, buscamos apresentar quem foi Miranda Ramos, como ele chegou a Chapecó e como conseguiu ser eleito prefeito municipal. A partir das páginas dos jornais e dos atos públicos, temos a intenção de compreender quais foram suas principais metas de trabalho na tentativa de desenvolver Chapecó. Observamos os investimentos na área da educação e da infraestrutura, que ainda eram bastante precários e precisavam de uma atenção especial.

---

<sup>91</sup> NODARI, 2009.

<sup>92</sup> PETROLI, 2008.

## 2.1 CHAPECÓ AOS PASSOS DO DESENVOLVIMENTO

A proposta deste subtítulo é pensar como estava sendo construída a ideia de Chapecó como uma cidade planejada até os anos de 1950. Para que isso fosse possível, fizemos uma discussão historiográfica sobre Chapecó. Importante destacar, quando falamos das obras já escritas, que Petroli<sup>93</sup> se preocupa em estudar um recorte temporal da Era Vargas de 1931-1945. Nodari<sup>94</sup>, em seu recorte temporal, opta por trabalhar a construção da cidade até 1954, por ser o período em que Getúlio Vargas estava no poder. Nosso trabalho se diferencia justamente por não se preocupar diretamente com o governo de Getúlio Vargas, pensamos a política em aspecto nacional. Tendo, no entanto, como impulsionador a política municipal e a administração de José Miranda Ramos.

Chapecó foi criado oficialmente no ano de 1917, destacamos que o desejo de desenvolvimento e modernidade só passaram a fazer parte da mentalidade dos seus habitantes a partir de 1930 e 1940. Segundo Alba<sup>95</sup>, o urbano de Chapecó até 1940 não passava de uma pequena vila, onde não existia a preocupação com mudanças estruturais. Sua economia estava atrelada à agropecuária e o comércio era limitado a casas de secos e molhados. Segundo a autora, foi a partir de 1950 que as mudanças mais significativas tiveram início. Os primeiros passos para essas mudanças começaram duas décadas antes, quando se passou a pensar a cidade para o futuro, havendo a necessidade de melhorias em vários espaços públicos. Iniciou-se, assim, a execução do projeto modernizador. Petroli afirma que:

Através da análise das fontes, percebemos que a cidade do futuro, do Coronel Ernesto Francisco Bertaso, foi sendo construída, do ponto de vista do imaginário, desde o início dos anos 1920. Mas, é a partir do início dos anos 1930, que emerge com mais força toda uma preocupação local com a elaboração de um “projeto de cidade moderna” para Chapecó. Importante destacar que o ano da fixação definitiva da vila Passo dos Índios, como sede oficial do município de Chapecó, em 1931, também corresponde ao ano da elaboração de um projeto de cidade para a respectiva vila (futura cidade).<sup>96</sup>

Durante seu trabalho, Petroli comenta que a cidade para o futuro era um sonho do coronel Ernesto Francisco Bertaso, foi seu filho, Serafim Bertaso, quem criou o primeiro projeto da cidade e passou a reordenar os passos que Chapecó tomaria em

---

<sup>93</sup> PETROLI, 2008.

<sup>94</sup> NODARI, 2009.

<sup>95</sup> ALBA, 2002, p. 29.

<sup>96</sup> PETROLI, 2008, p. 87

direção ao futuro. “É importante enfatizarmos, nesta questão, que o Coronel Bertaso tinha condições de decidir sobre o ordenamento espacial da cidade, ou seja, era ele o “empresário” comercializador de terras, não somente no interior, mas também de lotes da própria “cidade”.<sup>97</sup> Sua influência até 1940, porém, foi apenas como colonizador, não esteve à frente de nenhum cargo público. Os Bertaso apenas começaram a se envolver nas questões políticas locais no ano de 1944. E, assim, passaram a ter mais influência para conquistar seu objetivo de modernizar a cidade. Isso ocorreu com a nomeação de Serafim Bertaso a prefeito de Chapecó. Nesse momento, os grupos vinculados à colonização voltaram a dominar o poder político local. Mesmo antes dessa data, os Bertaso já trabalhavam duro para o desenvolvimento urbano. Petrolí afirma que, em 1930, a criação do traçado do desenho da cidade foi uma idealização assinada por ambos. Serafim, por ter formação na área de engenharia, possivelmente teria idealizado o projeto e seu pai, que era um dos colonizadores, investiu na ideia buscando construir uma cidade para o futuro. Ernesto Bertaso sempre se preocupou em apoiar o desenvolvimento local, incentivando empreendimentos que trariam o progresso para Chapecó. Os jornais também tiveram um papel importante para Serafim Bertaso demonstrar seus interesses e implantar mudanças tanto estruturais como sociais.

Após criar o jornal *A Voz de Chapecó*, ele buscou disciplinar a população local, durante os anos 1930 e 1940, através de suas publicações veiculadas no jornal. Suas publicações tinham relevância por ser ele um membro instruído da elite chapecoense e um dos responsáveis por pensar a cidade para o futuro.

Sabemos que o referido autor tinha interesses próprios ao colocar suas ideias, pois, para ele, sendo um dos sócios da Empresa Colonizadora Ernesto F. Bertaso, responsável pelo loteamento da cidade, quanto melhor a cidade se apresentasse para si e para os outros, maior seria o número de pessoas que poderiam ser atraídas. Mais do que isso, ele estava querendo construir sujeitos-cidadãos, moradores da cidade, que se diferenciavam dos habitantes da colônia, apresentando “bom gosto” e sendo “civilizados”. É o olhar de um membro da elite que arroga para si a perspectiva e a forma de construção do espaço urbano.<sup>98</sup>

Nodari, da mesma forma que Petrolí, tem a convicção de que Serafim Bertaso esteve à frente dos trabalhos de melhoramento da cidade durante a década de 1940, mas chama a atenção para o real interesse envolvido nessa mobilização dos Bertaso. Não era

---

<sup>97</sup> PETROLI, 2008, p.94

<sup>98</sup> NODARI, 2009, p. 90

apenas um sonho que estava sendo idealizado, era também uma estratégia para atrair mais clientes para a empresa colonizadora.

Observando as fontes, não encontramos, nos primeiros anos da década de 1950, publicações de Serafim Bertaso nos jornais locais, isso não quer dizer que sua preocupação com a transformação do espaço urbano tivesse diminuído ao longo dos anos. Mônica Hass relata, ao citar uma entrevista de Ernesto Pasqualli em 1988, que “[...] o frigorífico Chapecó foi idealizado pelo Bertaso para incentivar a vinda de pessoas para cá, após a chacina, pois não venderam um pedaço de terra por dois anos.”<sup>99</sup> Isso mostra que a movimentação da família Bertaso e de seus aliados políticos na criação do Frigorífico Chapecó foi intensa. Percebemos, também, que mesmo fora do poder e sem publicar suas ideias nos jornais, a família sempre se preocupou com o desenvolvimento da cidade. O principal objetivo era estimular a economia local, para que assim a colonizadora conseguisse vender mais lotes de terra.

A venda de lotes e a chegada de novos moradores movimentaram o comércio, aumentando os lucros. É importante destacar que uma parcela considerável de apoiadores dos Bertaso era de comerciantes, industriais, entre outros. O estímulo ao desenvolvimento local vinha a beneficiar o coletivo. Justifica-se assim a grande preocupação com o crescimento de Chapecó e sua urbanização. Percebemos então que o debate sobre o desenvolvimento de Chapecó e a discussão sobre a cidade, ocorria principalmente entre os membros da elite, que, de certa forma, estavam buscando interesses particulares, pois se a cidade estivesse em constante desenvolvimento, os donos das colonizadoras venderiam mais terras, conseqüentemente, os industriais, médicos, advogados e comerciantes venderiam seus serviços e produtos com maior facilidade. A preocupação com o desenvolvimento de Chapecó e a criação de muitas medidas e leis vinha ao encontro dos interesses dos integrantes da sociedade que dominavam o poder local.

Uma das mudanças mais perceptíveis que ocorreram após o início da execução do projeto modernizador foi o aumento populacional que, de 1940 para 1950, teve um crescimento aproximado de 118 %, sendo que em 1940 a população de Chapecó era de 44.237 habitantes e no censo de 1950 aumentou para 96.624 habitantes<sup>100</sup>. Com o

---

<sup>99</sup> HASS, 2000, p. 242.

<sup>100</sup> Informações obtidas através dos censos demográficos de 1940 e 1950 disponíveis no site do IBGE <https://biblioteca.ibge.gov.br/>

crescimento acentuado da população, fez-se necessário criar novos estabelecimentos comerciais. Segundo Alba:

[...] Apesar de a indústria madeireira continuar sendo a mais representativa (14 estabelecimentos, em 1954) surgiram, naquele momento, outros ramos de produção (sete estabelecimentos em 1954). Entre elas a Indústria e Comércio Chapecó (SAIC), instalada em 1952, marcava a implantação da indústria moderna e a “semente” da agroindústria no município em condições bem modestas [...] <sup>101</sup>

A Chapecó Alimentos (SAIC) se tornaria, anos mais tarde, um dos maiores frigoríficos de Chapecó e foi a partir dela que outras agroindústrias se instalaram na cidade, colocando, assim, Chapecó como referência nacional no setor, como será adiante demonstrado.

Segundo Petrolí, com a construção do desenho da cidade de 1931 e de 1938, a cidade passa ao status de cidade planejada, fazendo com que ela se destacasse das demais cidades da região e do Estado. Além de ser uma das poucas cidades planejadas do Brasil, Chapecó foi pensada para o futuro, com avenidas largas e um traçado que lembra um tabuleiro de xadrez. Quando observamos o plano urbanístico de 1938, na figura 03, e em seguida uma foto aérea da área urbana de Chapecó do ano de 1970, figura 04, percebemos que os idealizadores do projeto não desenvolveram um desenho apenas para deixar no papel, o objetivo era fazer acontecer a construção da cidade sonhada. Pensado principalmente na urbanização e na logística do que se tornaria, anos mais tarde, a capital do Oeste.

---

<sup>101</sup> ALBA, 2002, p.30.

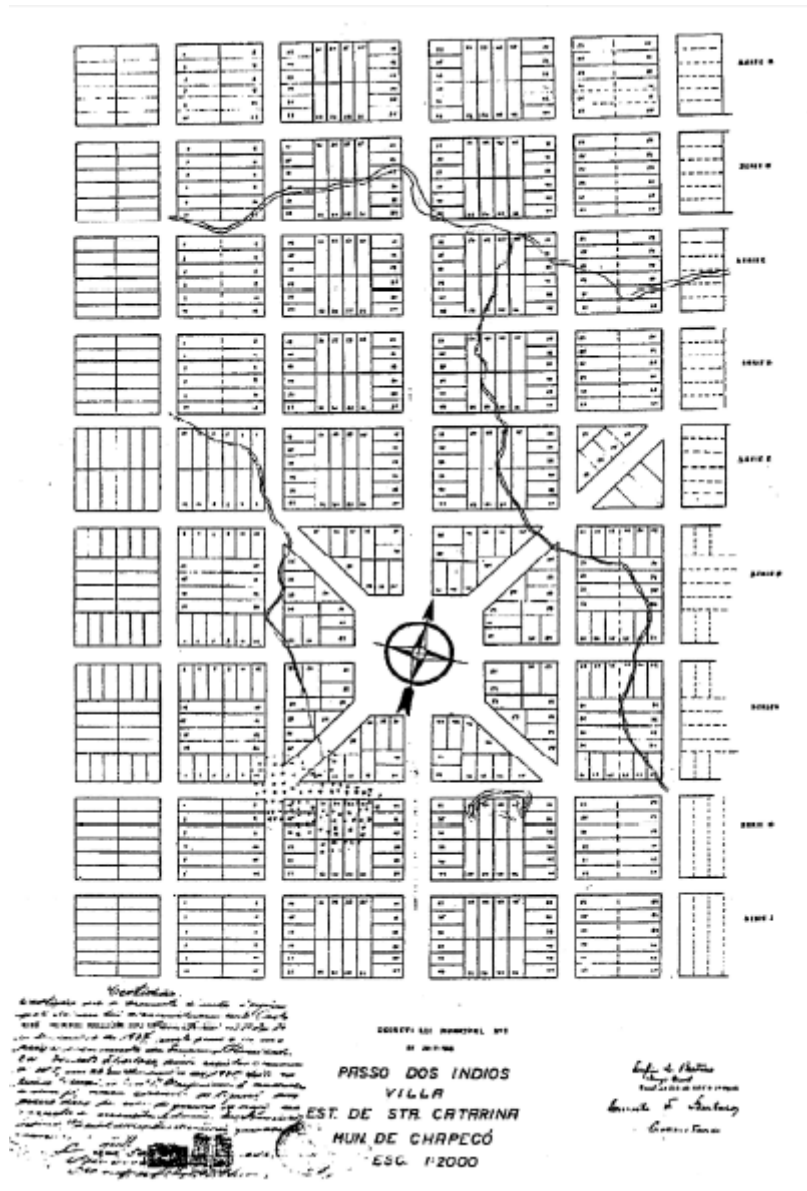


Figura 03 - Desenho da cidade de Chapecó, criado em 1938. Fonte: Arquivo da Biblioteca Pública Municipal de Chapecó.





*Figura 04- Vista parcial de Chapecó na década de 1970. Fonte: Arquivo da Biblioteca Pública Municipal de Chapecó.*

Quando observamos as figuras 03 e 04, podemos perceber que o projeto ganhou forma, a avenida principal da cidade, Avenida Getúlio Vargas, que no projeto aparece centralizada, é a avenida mais larga que se observa na figura 04, passa na lateral da Catedral Santo Antônio, localizada no canto direito da imagem. Na área central da cidade, logo após o linchamento, foi construída estrategicamente a catedral, em frente a ela, encontra-se a praça municipal. Esses dois pontos de referência estão localizados no centro e de lá partem quatro ruas na diagonal, com largura maior que as demais. Devido à posição em que a imagem foi tirada, não é possível perceber a extensão das ruas diagonais, nessa imagem, consegue-se observar apenas três dessas ruas, no canto inferior direito estaria posicionada a quarta rua. O que se percebe, porém, é que o projeto foi desenvolvido na sua íntegra, garantindo assim os resultados que se desejava para a cidade do futuro.

Existem alguns estudiosos que trabalham o planejamento de Chapecó e questionam se, de fato, a cidade teria sido planejada para o futuro. Apresentando a hipótese de que seu traçado apenas teria sido criado para uma situação especial e a ideia de cidade planejada seria uma construção do imaginário da população. Pois, segundo estes estudiosos, na época praticamente não existiam cidades maiores no Brasil com relato de serem planejadas e sugerem que o traçado retilíneo possivelmente esteja ligado ao curso da água.

Acrescenta-se, também, que o traçado urbano retilíneo, contínuo, não representa que a cidade seja planejada, pois desconsidera as declividades originais do relevo e colide com a densidade de curso d'água, originando uma série de conflitos de usos, amplamente conhecidos na atualidade, além de omitir outros elementos tão importantes e primordiais no ordenamento urbano. Dessa forma, sugere-se que a “cidade planejada” tenha se reproduzido no imaginário da população; sem na prática ter esta configuração, tornou-se um símbolo, embora isso seja questionável.<sup>102</sup>

Como os próprios autores comentam, essa ideia pode ser questionável, acreditamos na possibilidade de que a cidade foi planejada para o futuro, com avenidas largas e ruas pensadas no traçado retilíneo, com o objetivo de amenizar problemas futuros. Quando observamos as fontes da década de 1950 e fazemos a leitura de trabalhos escritos sobre Chapecó que estudam décadas anteriores, temos a convicção de que, sim, houve um planejamento e que não foi apenas estrutural. Ele perpassa o traçado da área urbana, para modificar diretamente o modo de vida das pessoas que ali viviam, com normas diretamente relacionadas ao embelezamento das casas e hábitos que já não eram mais permitidos para a época. Segundo Nodari, construiu-se um discurso urbanizador onde “[...]a preocupação com o embelezamento das cidades: das ruas, através do calçamento com macadame: na avenida, uma melhor estética das edificações introduzindo uma nova roupagem[...]”<sup>103</sup>, estas eram medidas que justificavam a busca pelo progresso e pela civilidade. Além da preocupação com o embelezamento, utilizaram-se também da imprensa local, mostrando as atitudes tomadas pelo poder público e pela própria sociedade.

A preocupação retratada por Nodari, com relação ao embelezamento da cidade, foi identificada na leitura dos jornais locais. As fontes nos mostram que existia o anseio em embelezar a área central para desconstruir o aspecto de cidade esquecida. Em uma publicação do jornal *A Voz de Chapecó*, de 1953, intitulada “Plano de Ação do Dr. Torres de Miranda Diretor de Obras Públicas do Município [...]”<sup>104</sup>, comentou-se sobre alguns dos problemas que precisavam ser resolvidos em Chapecó, para que se alcançasse o progresso. Entre eles, é citada a construção de muros onde existiam cercas de madeira, na Avenida Getúlio Vargas, a pintura de prédios, a limpeza e plantio de

---

<sup>102</sup>BERNARDY, Rógis J. PIEKAS, Andrezza A. S. DALLOTO, Roque A. Dinamismo socioeconômico e espacial na cidade de Chapecó: Da gênese até a atualidade. In: CARBONERA, Mirian; ONGHERO, André L; RENK Arlene; SALINI, Ademir M. (Orgs.). **Chapecó 100 anos: histórias plurais**. Chapecó: Argos, 2017, p.361.

<sup>103</sup> NODARI, 2009, p. 75.

<sup>104</sup> MIRANDA, Torres. Plano de Ação do Dr. Torres de Miranda: Diretor de Obras Públicas do Município. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, p. 2-3,04 de jan. 1953.

flores nos terrenos abandonados que, segundo ele, eram “[...] campo fértil ao capim e as ervas daninhas[...]”<sup>105</sup>. Foi comentado, ainda, que na Avenida Getúlio Vargas deveriam ser plantadas flores e árvores para ornamentá-la, ao invés de ali só existirem pedras. São citadas ainda outras ações necessárias para que quando “[...]solvidos ou realizados farão de Chapecó, não digo uma cidade jardim, mas pelo menos uma cidade mais graciosa e mudaria esse aspecto tristonho de cidade esquecida.”<sup>106</sup>.

Segundo Alba<sup>107</sup>, a década de 1950 marca grandes mudanças sociais e estruturais. Foi o momento em que o urbano ligado ao rural começou a ganhar novos aspectos. Com as mudanças na base industrial, no transporte e locomoção urbana, na mídia, e a criação de meios de comunicação, como a rádio e três novos jornais locais. Era o momento de mostrar para o restante do Estado que Chapecó estava se preparando para ser um polo desenvolvimentista na região e também a capital do Oeste Catarinense. A década de 1950 tem grande relevância histórica para Chapecó, foi marcada por uma sequência de acontecimentos que transformaram, não apenas a política local, mas também os aspectos desenvolvimentistas da cidade e desconstruíram a imagem negativa criada pelo linchamento. A região Oeste era vista como um local de opressão e desordem. Dessa forma, era preciso uma construção discursiva que fosse capaz de romper com a concepção de que Chapecó era um local apenas de pessoas não civilizadas. Zedar Perfeito da Silva<sup>108</sup> quando esteve no Oeste, no final da década de 1940, escreveu, em seu livro, sobre a impressão que as pessoas do restante do Estado tinham daqui: que só existiam pessoas sem lei, onde tudo era resolvido no revólver e na força. Ele inclusive cita um telegrama, em que comentava que a impressão que se tinha era que esta cidade era “[...]terra de “gangster” é um município destituído de tradições históricas, terra de ninguém e só tendo presente e futuro[...]”<sup>109</sup>. A visão acima era muito comum na ideia dos que moravam no litoral e não conheciam Chapecó. Vicente João Schneider, Deputado Estadual, representante de Chapecó em 1951, utilizou a tribuna para comentar sua indignação com os rumores que escutava em Florianópolis e que o deixavam constrangido. Nos quais o Chefe falava a seu subordinado “Ou você se endireita ou vai ser transferido para Chapecó[...] Como se Chapecó fosse um espantalho,

---

<sup>105</sup> MIRANDA, 1953, p. 3.

<sup>106</sup> MIRANDA, 1953, p. 3.

<sup>107</sup> ALBA, 2002, p. 36.

<sup>108</sup> SILVA, 1950.

<sup>109</sup> SILVA, 1950, p.317.

como se em Chapecó só houvesse índio e bandido[...]”,<sup>110</sup> a impressão que se tinha era que ser mandado para lá era a pior coisa que poderia ocorrer. Ainda usou a tribuna para desconstruir essa imagem, falando que Chapecó era uma potência econômica e eleitoral e que deveria ser respeitada como tal.

Foi possível acompanhar uma intensa rivalidade política, após as eleições de 1950. “A entrada de novos elementos na configuração do poder político chapecoense não se deu de forma pacífica, acarretando um período de muita violência[...]”<sup>111</sup>. O contexto trazido por Hass, pode ser percebido na leitura dos jornais *O Imparcial* e *A Voz de Chapecó*. A rivalidade política que se instalou na cidade ultrapassou o período eleitoral e foi visível durante os primeiros cinco anos da década de 1950. Ela ganhou tamanha proporção que foi além das ofensas e artigos de afronta publicados semanalmente nos jornais. Os ataques ganharam tom de ameaça e enfrentamentos violentos, que culminaram com um assassinato envolvendo um dos articulistas do jornal *A Voz do Chapecó*, crítico da administração de José Miranda Ramos, que, alegando legítima defesa, assassinou o intendente-exator de Caxambú, apoiador de Miranda Ramos. Discutiremos sobre o assunto no próximo subtítulo, no qual a rivalidade política será nosso tema.

## 2.2 ENTRE OS DESMEMORIADOS E OS AMIGOS DA ONÇA

O ano de 1950 marcou a história de Chapecó, não apenas pelo linchamento, mas principalmente pelas eleições que ocorreram em outubro. Esses dois acontecimentos são importantes para que possamos entender um pouco do que veio a ser publicado nas páginas dos jornais locais. Neste momento da pesquisa, propomo-nos a debater sobre a rivalidade política que existiu em Chapecó nos cinco primeiros anos de 1950, para que, a partir dessa discussão, possamos, nas entrelinhas, compreender como foram discutidos os problemas de uma cidade que estava em pleno desenvolvimento.

Ao falarmos de política, sabemos da importância de compreender o conceito da palavra e fazer uma análise de alguns autores da história política. Segundo Junior<sup>112</sup>, a etimologia da palavra política se relaciona ao bom governo de uma cidade, definida por

---

<sup>110</sup> SCHENEIDER, V. J. CHAPECÓ NÃO É TÃO MAU ASSIM... **O Imparcial**. Chapecó, 24 jun. 1951, p. 2.

<sup>111</sup> HASS, 2000, p. 15.

<sup>112</sup> JUNIOR, 2019, p. 188.

ele como a arte de governar a polis, é um conjunto de ações com intuito de beneficiar a cidade. Da mesma forma, Norberto Bobbio define política como “Derivado do adjetivo originado de pólis (politikós), que significa tudo o que se refere à cidade e, conseqüentemente, o que é urbano, civil, público, e até mesmo sociável e social [...]”<sup>113</sup>. Sendo assim, a política está relacionada às ações dos seus governantes e das pessoas que pensam a cidade. Ainda nesse sentido, Cardoso e Vainfas trazem a definição de política como sendo a resultante dos “[...] fenômenos implicados pela conquista e pelo exercício do poder [...]”<sup>114</sup>, onde relacionam o poder que é exercido pelo administrador durante o pleito eleitoral e a função exercida por ele em determinado período. De uma forma muito clara, René Rémond também traz a definição de política relacionada ao poder, segundo ele, “[...] assim, a política é a atividade que se relaciona com a conquista, o exercício, a prática do poder, assim os partidos são políticos porque têm como finalidade, e seus membros como motivação chegar ao poder[...]<sup>115</sup>.

Sendo assim, precisamos entender o político como um agente da história política, capaz de influenciar o curso da história, como comenta Falcon:

[...] o importante é deixar claro que o político existe, distingue-se de outros tipos de realidades, constitui algo específico, e irreduzível a outras realidades, pode ser determinante ou determinado, e dotado de certa autonomia e é capaz de imprimir sua marca e influir no curso da história; [...]

<sup>116</sup>

Por isso é necessário que compreendamos quem eram os políticos que estavam envolvidos na história de Chapecó em 1950 e qual era o papel deles no curso da história dessa cidade.

Segundo Mendonça e Fontes<sup>117</sup>, para compreender a história política é necessário compreender as formas culturais, midiáticas e ideológicas. Para assim entender quem está no poder e o significado da sua existência. É preciso fazer uma relação com o conjunto social, na política nada pode ser analisado de forma separada, portanto deve ter relação social para que possa produzir sentido.

---

<sup>113</sup> BORBBIO, Norberti. Política. **Dicionário de política**. 1. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, v. 1, p. 954.

<sup>114</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 38.

<sup>115</sup> RÉMOND, René. (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro, 1996, UFRJ/ FGV.

<sup>116</sup> FALCON, Francisco. História e Poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, v. 1, p.125.

<sup>117</sup> MENDONÇA, Sonia R; FONTES, Virgínia. História e teoria política. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, v. 1, p. 60-61

Ao observarmos a trajetória da história política de Chapecó, percebemos que, Segundo Hass<sup>118</sup>, os primeiros coronéis começaram a ser nomeados em 1917, ano da criação do município, eram nomeadas pessoas que se dedicavam à extração de madeira e erva-mate. Após a chegada das companhias colonizadoras, o poder passou aos grupos que se dedicavam ao comércio de terras e madeira. Durante o Estado Novo, os colonizadores perderam força com a nova política de nomeação implantada por Vargas, eram escolhidos burocratas militares de altas patentes. Com o fim do Estado Novo em 1944, os membros das companhias colonizadoras ascenderam ao poder novamente, com a indicação de Serafim Bertaso para assumir a prefeitura de Chapecó. Dessa data até 1950 quem esteve à frente da prefeitura foram pessoas vinculadas à família Bertaso.

A partir das eleições de 1950, novos grupos políticos surgiram e começaram a disputar lugar na sociedade. Naquele ano, o processo eleitoral deu a vitória ao PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), coligação feita com a UDN (União Democrática Nacional) juntamente com outros partidos pequenos que se colocavam como oposição aos Bertaso. Surge assim, uma nova fase na política de Chapecó “[...] novos grupos de políticos ligados a setores urbanos/burocráticos/liberais- advogados, médicos, funcionários públicos, comerciantes, industriais- passam a ameaçar o domínio da facção política local [...]”<sup>119</sup>.

Alba<sup>120</sup> também comenta que, a partir de 1950, ocorreu uma transformação socioeconômica, em que novos personagens políticos começaram a emergir. Os colonizadores e donos das madeireiras que, até esse período, ocupavam cargos políticos, começaram a disputar o poder com o estrato médio de caráter urbano/liberal e burocrático, que eram aliados à UDN (União Democrática Nacional) e ao PTB (Partido Trabalhista Brasileiro). Foi um período de muita repressão política e a rivalidade estava estampada nas páginas dos jornais locais.

A rivalidade entre partidos perpassou a ordem política e em algumas edições dos jornais *A Voz de Chapecó* e *O Imparcial* encontramos várias denúncias e acusações feitas por membros dos jornais que, além de contribuírem com os meios de comunicação, também tinham outros segmentos de atuação na cidade. Os principais

---

<sup>118</sup> HASS, Mônica. As elites políticas e o poder local: conflitos na política chapecoense de 1917 a 1998. In: CARBONERA, Mirian; ONGHERO, André L.; RENK Arlene.; SALINI, Ademir M. (Orgs.). **Chapecó 100 anos: histórias plurais**. Chapecó: Argos, 2017. p. 253-279.

<sup>119</sup> HASS, 2000, p. 19.

<sup>120</sup> ALBA, 2002, p. 26

alvos das críticas eram a administração do prefeito José Miranda Ramos, a atuação dos vereadores eleitos em 1950 e a figuras sem aparente envolvimento político, como o juiz de direito de Chapecó. Esse sofreu ataques tanto por parte de Roberto Machado (ligado à UDN e ao PTB, que escrevia no jornal *O Imparcial*) como por Luiz Abs da Cruz (filiado ao PSD e que escrevia suas críticas no jornal *A Voz de Chapecó*). Os fatos que envolveram o juiz tiveram repercussão em toda a mídia do estado e principalmente em Chapecó. Os primeiros artigos falando da atuação do juiz começaram a ser publicados em ambos os jornais na data de 18 de maio 1952 e prosseguiram até 06 de julho de 1952. Foram mais de dois meses de constantes ataques, que culminaram com prisão e censura.

O caso do Juiz de Direito da Comarca de Chapecó foi um acontecimento que tomou proporções não esperadas. Na edição do jornal *A Voz de Chapecó* de 18/05/1952, o advogado e articulista do jornal, Luiz Abs da Cruz, publicou uma matéria mostrando sua indignação em relação à sentença proferida pelo Juiz Manoel Carmona Galego aos acusados do caso do linchamento. Na data de 01/06/1952, o mesmo advogado fez outra acusação contra o juiz através das páginas do jornal, criticando o magistrado pela prisão de uma mulher com oito crianças, das quais cinco eram cegas. Foi um fato que ganhou repercussão devido à atitude da autoridade.

Motivado pelas intensas críticas que foram dirigidas ao juiz por parte de Luiz Abs da Cruz, o jornal *A Voz de Chapecó* foi invadido pela polícia e a edição de 22 de junho de 1952 foi apreendida, o advogado foi preso indevidamente por estar acusando o magistrado. O fato ocorrido em 1952 nos mostra que as disputas não eram apenas políticas, mas envolviam também questões particulares, como nesse caso em que ambos os advogados, Roberto Machado e Luiz Abs da Cruz, estavam mostrando sua indignação com a sentença do linchamento e as crianças presas. Nas entrelinhas, estavam criticando a demora desse Juiz em dar andamento aos casos que eram defendidos pelos advogados e as medidas arbitrárias tomadas por ele. Como Roberto Machado comenta em uma de suas publicações:

[...] É bem verdade que S. Excia., o DR. Carmona, em virtude de um desentendimento que teve conosco, andou espalhando aos quatro ventos (talvez para nos assustar, pois somos nós assustadiços!!!), que iria nos perseguir na profissão prejudicar-nos da melhor maneira que pudesse (e isso já está acontecendo), num esquecimento pouco louvável da sua situação de julgador, de Magistrado como “M” maiúsculo que deve ser, de Juiz justo e honesto! É bem verdade que S. Excía. andou com uma petição nossa, no bolso, durante vários dias mostrando-a a diversas pessoas, nas mesas do Café Cinelândia desta cidade, demonstrando assim uma pouca noção de

responsabilidade, incompatível com a sua dignidade de Juiz, esquecendo o sigilo exigido pela profissão! [...]”<sup>121</sup>

Nessa publicação, Roberto Machado está mostrando que desaprovava as medidas tomadas pelo Juiz, que demonstrou interesses particulares ao prejudicar determinados advogados por gostar ou não deles.

O ponto central das críticas divulgadas nos jornais, porém, era mesmo a oposição e rivalidade política, que foi bastante acentuada nos primeiros anos de 1950. As pessoas que debatiam a cidade questionavam problemas sociais, políticos e estruturais de Chapecó. Essas pessoas estavam ligadas à gestão que esteve no poder, em alguns casos, eram apoiadores da oposição, que queriam denegrir a imagem do prefeito e seus aliados. Os ataques foram direcionados não apenas a políticos como o prefeito, os vereadores e deputados, mas também a aliados políticos com cargos de influência pública, como advogados, empresários dos ramos de serviço, engenheiros e comerciantes. Foram essas pessoas também as responsáveis por criar meios de comunicação, como os jornais, a rádio, clubes e entidades sociais para discutir assuntos relacionados à educação, infraestrutura, assistência social, melhorias urbanas e desenvolvimento econômico.

As primeiras matérias de ataque político iniciaram dias após o ato da posse de José Miranda Ramos, motivadas pelo discurso proferido no almoço de posse. Na data de 11 de fevereiro de 1951 foi publicada no jornal *A Voz de Chapecó* a matéria com o título “Não somos tão maus assim...” segundo quem escreveu a coluna no jornal, pessoa identificada apenas pelas iniciais do nome L.F.V., no citado almoço, teriam alguns membros da UDN (União Democrática Nacional) feito um discurso onde comentaram que sua gestão seria sem perseguição ou sem amesquinhar ninguém. Porém, logo em seguida, teriam iniciado ataques ao governo que se encerrou em 30 de dezembro de 1950. “[...] Falando do seu alto espírito democrático, o orador deixou-se levar por velhos recalques e, o desejo de acerto de contas superou os próprios conceitos que pretendeu emitir, como representante de uma nova era de arejamento político. [...]”<sup>122</sup>. Segundo o jornal *A Voz de Chapecó*, os membros do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e UDN (União Democrática Nacional) tinham a intenção de acertar contas, mostrando-se contrários à ideia que queriam passar em seu discurso, de que na gestão de Miranda Ramos não existiria perseguição.

---

<sup>121</sup> MACHADO, Roberto. Cumprindo a Lei. **O Imparcial**. Chapecó, 01 de jun. 1952a, p. 4.

<sup>122</sup> L.V.F. Não somos tão maus assim.... **A Voz de Chapecó**. Chapecó, 11 de fev. de 1951, p.1.



Foi possível perceber que os membros de *A Voz do Chapecó* estavam corretos, logo nas primeiras edições do jornal *O Imparcial*, que passou a circular pela cidade na data de 25 de fevereiro de 1951, ele se colocou como colaborador da gestão que assumiu Chapecó em 31 de janeiro de 1951, “O nosso título embora monótono significa “O Imparcial”. Saberemos cooperar com o governo que se implantou em 31 de janeiro, sem que isso signifique adesismo. Apresentaremos sugestões e também críticas. [...]”<sup>123</sup>. A ideia de imparcialidade que veio com o jornal acabou se perdendo logo nos primeiros meses de circulação do semanário. Os ataques à antiga administração iniciaram na primeira edição do jornal, com objetivo de denegrir a imagem dos antigos administradores. Com os títulos “Terra de Ninguém” e “Derrota Merecida”, Roberto Machado e Jacy Palma deram início aos ataques ao PSD (Partido Socialista Democrático) e à antiga administração de Chapecó. Em “Terra de Ninguém”, Roberto Machado comenta que Chapecó era uma terra sem lei e sem dono, onde todos queriam mandar e abusar da autoridade que tinham. Um pouco mais ousado em sua publicação, Jacy Palma fala sobre a derrota do PSD e culpou a falta de capacidade administrativa e política da antiga administração.

Uma das causas que mais contribuiu para a derrota do Pessedismo em Chapecó foi, sem dúvida alguma, a incapacidade moral, política e administrativa sobejamente demonstrada, por seus dirigentes durante o período que estiveram à frente dos destinos do município[...] afora, alguns trechos de estradas e algumas escolas construídas no interior, ressaltando igualmente, a construção das edificações da Prefeitura e do Departamento, o que mais realizou o governo pessedista em Chapecó? O que existe aqui de grandioso é obra da iniciativa particular. Esta é a poderosa verdade, que não admite contestação.<sup>124</sup>

O objetivo de Palma não era apenas apontar motivos para justificar a derrota do PSD (Partido Socialista Democrático), mas também mostrar à população que a antiga administração, ligada aos Bertaso, não havia feito nada relevante para a cidade. Com tom de denegrir a imagem dos antigos governantes e criticar a administração de Miranda Ramos, teve início uma enxurrada de ataques. Entre eles, os mais polêmicos foram intitulados “Desmemoriados”, “Por falar em desmemoriados” e “Amigos da onça”.

Os artigos intitulados “Desmemoriados” apareceram pela primeira vez no dia 18 de fevereiro de 1951, no jornal *A Voz de Chapecó*. Tinham características não de ataques direcionados a uma pessoa específica, mas a membros dos partidos políticos que

---

<sup>123</sup> *O Imparcial*. **O Imparcial**. Chapecó, 25 de fev. de 1951. p.1

<sup>124</sup> PALMA, Jacy. Derrota merecida. **O Imparcial**. Chapecó, 25 de fev. de 1951. p. 3.

estavam no poder em Chapecó, ou seja, PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e UDN (União Democrática Nacional). Dias depois, em 25 de março, passaram a ser encontrados artigos intitulados “Por falar em desmemoriados” publicados no jornal *O Imparcial*, eles foram uma resposta aos ataques feitos pelo *A Voz de Chapecó*, mas não tinham a intenção de amenizar a situação, pelo contrário, o objetivo era intensificar o debate e denegrir a imagem dos membros do PSD (Partido Socialista Democrático). A discussão foi longa e a última publicação encontrada nos jornais locais sobre o assunto é de 20 de maio de 1951. Foram quatro meses discutindo ações que teriam ou não sido desenvolvidas pelo ex-prefeito e comentários sobre as alianças políticas que existiam em Chapecó.

Após a mudança das posições políticas na administração pública não só do Estado, como deste município, começaram a aparecer aqui certos desmemoriados. Alguns, embora assim os consideremos, realmente não perderam a memória, pela simples razão de que nunca a possuíram. São os eternos demagogos, descontentes e derrotistas, que de nada entendem, nada querem ver, nada lhes serve. Essa classe de inibidos mentais procura num esforço sobre-humano sobressair-se, mas seus métodos são a deturpação de fatos, os ataques mesquinhos, as mentiras deslavadas, por lhes faltarem méritos de educação, cultura e outros que os tornem merecedores da consideração pública. Para esses seres, verdadeiramente infelizes, o passado não existe. Não têm futuro definido e certo, porque o amanhã dependerá, para eles, da conveniência de seus interesses materiais, já que a moral, a lógica, a ética, lhes são completamente inúteis. Interessa-lhes o presente e por isso tomam agora, atitudes de chefetes, orientadores mirins da opinião pública, salvadores da pátria amada.

Em qualquer ocasião, não importa qual seja o momento impróprio [...] O assunto é sempre o mesmo: culpar os homens, o governo e o partido dominante, na passada administração, porque todos os problemas de interesses da coletividade não foram resolvidos.

Por não possuírem memória, não lembram aos ouvintes que já fizeram parte daquele mesmo partido, que muitas vezes elogiaram e endeusaram aqueles mesmos administradores que hoje atacam; que graças ao elevado espírito público daqueles homens, conseguiram emancipação político-administrativa de distritos; que, enfim, uma grande parte de serviços públicos foram resolvidos, atendidos, melhorados e encaminhados. Para nós esses pobres mentais, que sofrem de amnésia, nos inspiram piedade porque não sabem o que dizem. São desmemoriados.<sup>125</sup>

O que chama a atenção é o descontentamento dos adversários em ver que alguns dos que eram membros do PSD (Partido Socialista Democrático), tornaram-se inimigos do partido. O autor dos ataques fala que “[...] endeusaram aqueles mesmos administradores que hoje atacam [...]”. O título “Os desmemoriados” remete a pessoas sem memória, que esqueceram dos fatos, que colaboraram no passado para o desenvolvimento da cidade, ao lado do PSD (Partido Socialista Democrático).

---

<sup>125</sup> OS desmemoriados. *A Voz de Chapecó*. Chapecó, 18 de fev. de 1951, p.1.

Como forma de resposta aos ataques, os membros do jornal *O Imparcial* escreveram a série de artigos “Por falar em desmemoriados”, comentando que *A Voz de Chapecó* sempre fora um jornal de tradição na cidade, com uma linha de conduta isenta de paixão política, mas que teria mudado a forma de atuar a partir das eleições de 3 de outubro de 1950 e comenta que fará contribuição aos “Desmemoriados” “Não vamos “recair”, por nunca termos tratado de tal assunto (somos de hoje), mas, pretendemos contribuir, dentro da nossa modéstia, para o esclarecimento da grande assistência: O POVO.”<sup>126</sup>, cobrando explicações de algumas ações da antiga administração, com relação às contas públicas. Comenta ainda: “Não queremos atacar partidos ou administradores, mas histórias ou relatos [...]”<sup>127</sup>. O jornal *A Voz de Chapecó*, porém, não respondeu aos ataques, o que não impediu que os ataques continuassem:

“Nós outros” esperávamos que o snr. articulista d’ *A Voz de Chapecó* contasse as histórias solicitadas, mas, infelizmente, numa manobra muito conhecida, contornou-as, num despistamento berrante que por todos foi percebido. Endereçamos muito certo o nosso pedido, e tão certo foi que merecemos resposta urgente.

Todas as afirmativas malévolas, contidas no referido artigo, ou resposta não nos atingem por entendermos que nada temos com elas, pois nossas atitudes públicas estão em livro aberto, para serem apreciadas por pessoas de boa vontade e não “por pobres de espírito”.<sup>128</sup>

As publicações em ambos os jornais foram bastante intensas, mesmo que transmitissem a ideia de imparcialidade, ficava visível a rivalidade e a perseguição estampadas nas páginas dos jornais. Mas não era apenas o ex-prefeito e sua gestão que estavam sendo atacados, Serafin Enoss Bertaso também foi alvo constante de denúncias. Citamos o caso que ocorreu em 1951, envolvendo essa personalidade pública, que além de dono da empresa colonizadora e madeireira, era também vereador em 1950.

Serafim Enoss Bertaso, vereador pelo PSD (Partido Socialista Democrático) e presidente da câmara, foi acusado pela publicação “Amigos da Onça”, feita pelo jornal *O Imparcial*, de faltar excessivamente às sessões da câmara de vereadores e descuidar das causas públicas, devido a viagens recorrentes para tratar de assuntos de interesse dos madeireiros. Segundo Roberto Machado<sup>129</sup>, de 31 de janeiro de 1951, quando foi empossado, até a data de 13 de maio, o vereador não havia comparecido a nenhuma sessão da câmara, o que gerou polêmica e críticas por parte de seus adversários políticos.

---

<sup>126</sup> POR falar em Desmemoriados. **O Imparcial**. Chapecó, 25 de mar. de 1951. p.1.

<sup>127</sup> POR falar em Desmemoriados, 1951, p.1.

<sup>128</sup> POR falar em Desmemoriados... As histórias não foram contadas. **O Imparcial**. Chapecó, 8 de abr. de 1951, p.1.

<sup>129</sup> MACHADO, Roberto. Os Amigos da Onça. **O Imparcial**. Chapecó, 13 de mai. de 1951a. p.1.

Além de Serafim Bertaso, Roberto Machado também menciona, no mesmo artigo, a situação do presidente da Câmara, Ângelo Rolin de Moura, que havia pedido afastamento da sessão para tratamento de saúde, segundo Machado, estaria cuidando de interesses particulares, puxando madeira para sua empresa. Hass<sup>130</sup>, ao citar Dittrichi (1981), aponta que essa realidade era recorrente também na esfera estadual, que, na Assembleia Legislativa, o regimento interno garantia aos deputados a possibilidade de conseguirem afastamento em algumas situações, entre elas para tratar de negócios particulares e para tratamento de saúde.

Roberto Machado não ficou satisfeito com a repercussão do artigo “Amigos da Onça”, pois segundo a imprensa, estava sendo organizado na cidade um abaixo-assinado para coletar assinaturas a favor de Serafim Bertaso, justificando assim sua ausência na Câmara e mostrando que a população estava ciente e defendia o vereador. O abaixo-assinado também foi alvo de críticas por parte de Machado e rendeu artigos em várias páginas dos jornais locais. Entre os artigos estava “Verdade e abaixo-assinado”, no qual Roberto Machado aponta motivos para que parte da população defendesse o vereador:

Nessas ocasiões assim, quando meia dúzia toma as dores de um outro, é que se fica pensando no valor do dinheiro! É realmente verdade que os amigos pululam quando se tem “gaita”! Quando a crítica atinge um pobre diabo que errou, ninguém levanta um dedo por ele, mas quando a pessoa atingida é abastada, então todos se arvoram em defensores!<sup>131</sup>

Segundo Machado, esse abaixo-assinado só foi organizado por se tratar de Serafim Bertaso, uma pessoa influente e bem sucedida. Ele comenta, ainda, que se a crítica estivesse direcionada a qualquer pessoa pobre não haveria movimentação na tentativa de defesa. Quando escreve “Amigos da Onça”, Machado é bem enfático ao afirmar que tinha convicção de que no próximo domingo sairiam publicações sobre o assunto, vindas dos bajuladores e adoradores de todos os DEUSES, pois sabia que os dois envolvidos eram pessoas que possuíam prestígio social. Da mesma forma, ele ainda comenta que “O Brasil de hoje não admite mais a existência de deuses humanos. Que parem com essa mania de que o Dr. Serafim Bertaso não pode errar, pois ele é humano, como qualquer um de nós e, como todos, sujeito aos erros mais grosseiros!”<sup>132</sup>. O principal objetivo dele era desconstruir a ideia de bonzinho que existia no imaginário

---

<sup>130</sup> HASS,2000.

<sup>131</sup> MACHADO, Roberto. Verdade e abaixo-assinado. **O Imparcial**. Chapecó, 20 de maio de 1951b. p.1.

<sup>132</sup> MACHADO, 1951b, p.1.

das pessoas e mostrar que Serafim Bertaso não era um Deus e não precisava ser admirado nem idolatrado.

Em outra ocasião, novamente o vereador e presidente da câmara foi alvo de críticas, dessa vez junto com seus aliados políticos. Em uma outra publicação, ocorreu uma divulgação intencional, do mesmo meio de comunicação impressa, sobre um projeto de lei aprovado pela Câmara, que isentou as companhias colonizadoras de pagar impostos territoriais ao município. Novamente percebeu-se uma tentativa de desmoralizar a figura de Serafim Bertaso, por ser ele um dos colonizadores e ter sido o relator do projeto. Na edição de 2 de setembro de 1951, Roberto Machado utiliza sua coluna semanal para direcionar seu olhar a um projeto de lei que passou pela Câmara de Vereadores, em que as companhias colonizadoras foram isentas de pagar imposto sobre os lotes:

[...] projeto apresentado na Câmara de Vereadores de Chapecó pelo Vereador **OLINTHO ZIMMERMANN**, isentando “do pagamento do imposto territorial urbano todos os lotes e do imposto agrícola e industrial as chácaras situadas no povoado, sede dos Distritos e do Município e que pertençam a Empresa Colonizadoras devidamente legalizados”!<sup>133</sup>

A polêmica relacionada à isenção de impostos ocorreu porque alguns representantes públicos estavam trabalhando em favor de interesses próprios, não pensando na coletividade, pois parte dos vereadores que votaram e até mesmo o relator do projeto, Serafim Bertaso, eram proprietários de empresas colonizadoras. Hass comenta que a isenção de impostos também foi alvo de polêmicas durante a gestão de 1947-1950, quando foi aprovado um projeto de lei que isentava o imposto às cooperativas do município, beneficiando assim a Cooperativa Madeireira Vale do Rio Uruguai Ltda, pois parte dos vereadores que aprovaram o projeto eram sócios. [...] as isenções de impostos foram os projetos mais polêmicos do legislativo, pois atendiam os interesses dos próprios vereadores ou, pelo menos, da sua maioria. [...] <sup>134</sup>. A lei que isentava as colonizadoras de pagar impostos sobre seus terrenos ao município foi revogada em 1955, quando Roberto Machado era vereador.

---

<sup>133</sup> MACHADO, Roberto. E o povo que julgue... **O Imparcial**. Chapecó, 02 de set. de 1951c. p.1. (Grifo do autor.)

<sup>134</sup> HASS, 2000, p. 211.

Os jornais do ano de 1951 foram marcados por publicações de caráter ofensivo. A população de Chapecó já estava cansada de tanta rivalidade divulgada nos jornais locais, assim encaminharam uma carta aos três jornais da cidade:

[...]CIRCULAR

A Voz de Chapecó - Imparcial e Jornal do Povo.

Para o bem estar e tranquilidade da família chapecoense imploramos aos articulistas: Desmemoriados,... e por falar em desmemoriados etc. A terminarem com suas polêmicas.

Com os acontecimentos de Chapecó e as polêmicas que os procedem ao longe se conclui, que de fato é terra de ninguém habitada por cangaceiros, como diz o louco machado.

Em português mais claro: aqui roubaram, mataram e incendiaram e os jornais locais só falam em roubos, o que se pode dizer ao longe desta terra? Pelos escritos se deduz a conduta do povo.

Botem uma pedra em cima a tudo isto, sem dó e sem dor, virem à folha e tratem de assuntos, que direta ou indiretamente, alivie a aflição de Chapecó, este pobre Chapecó, que ao longe sua fama é tão triste como tristeza de Jeremias, que chorava as tristezas de Jerusalém, sentado, sobre os escombros das muralhas.

Assim entendem Rio- Porto Alegre e Palmas.

Alcançando o que desejamos mais tarde será tudo esclarecido, por hora.

Amém. [...] <sup>135</sup>

O trecho citado foi encaminhado por um leitor e divulgado no jornal *A Voz de Chapecó*, na tentativa de tentar amenizar a situação, ele inclusive comentou que os colonistas deveriam pensar no que as pessoas de outras cidades fariam de Chapecó. Ao fazer a leitura dos semanários locais durante o ano de 1951, percebemos que, ao contrário do que se imaginava, após o linchamento, a imprensa não se preocupou em amenizar a imagem que havia sido criada a respeito de Chapecó, o que, na verdade, criou força foi a ideia de uma gente desordeira e polêmica. Nas entrelinhas, o leitor tenta chamar a atenção para o fato de que a visão que se tinha de Chapecó no pós linchamento era negativa e a perseguição política que estava ocorrendo só iria piorar as coisas, deixando a cidade ainda mais desmoralizada. Era hora de parar e rever o que estava sendo divulgado na mídia/imprensa da cidade, era hora de os influenciadores sociais tentarem, por meio das palavras jornalísticas, reorganizar e acalmar a população local.

O ano de 1952 destaca-se pelos ataques ao juiz de direito, caso já mencionado, que tiveram como consequência a prisão de um advogado e a invasão à sede do jornal *A Voz de Chapecó*. No ano de 1953, mesmo com menor intensidade de ataques divulgados nas páginas dos jornais, a paixão política novamente tomou conta da

---

<sup>135</sup> UMA exceção. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, 17 de jun. de 1951, p.1.

racionalidade local. E relembando o acontecimento de outubro de 1950, novamente tivemos morte envolvendo problemas político-partidários.

Luiz Abs da Cruz era advogado e colunista do jornal *A Voz de Chapecó*, além de ser apoiador do PSD (Partido Socialista Democrático), fazia uma intensa oposição ao governo de José Miranda Ramos. Em uma das edições do jornal, Luiz Abs da Cruz divulgou uma reportagem em que criticava a atuação dos subprefeitos de Caxambú e Xaxim, devido à forma como ambos organizavam os pagamentos dos dias de serviço dos agricultores. A reportagem deixou Hermínio Paim, subprefeito e intendente exator de Caxambú, desapontado. Na manhã de 09 de maio de 1953, o advogado encontrou o intendente de Caxambú, segundo os relatos dos jornais locais, os dois discutiram e Luiz Abs da Cruz foi agredido pelo intendente. Na briga, Luiz Abs da Cruz disparou dois tiros que acertaram o intendente e o levaram a óbito. Chama a atenção o título da reportagem publicada no jornal *A Voz de Chapecó*, que buscava isentar a culpa do advogado Luiz Abs, a partir do título o jornal tentou passar a ideia de que o advogado foi vítima e não o culpado do acontecimento. A matéria foi intitulada: “Agredido ontem nesta cidade, o Dr. Luiz Abs da Cruz pelo intendente-exator de Caxambú”, enquanto o jornal *O Imparcial* trouxe a reportagem com o seguinte título: “Covardemente assassinado o sub-prefeito de Caxambú Sr. Herminio Paim- Luiz Abs da Cruz o assassino[...]”. A partir das duas divulgações do mesmo fato, é possível perceber como a manipulação midiática ocorre, favorecendo interesses pessoais. Luiz Abs da Cruz era jornalista e apoiador político do jornal *A Voz de Chapecó*, não existia interesse por parte do editorial deste jornal em denegrir a imagem dele, pelo contrário, o objetivo era isentar a culpa do mesmo.

Em Chapecó, durante os anos de 1950-1955, a paixão política tomou conta dos jornais e a rivalidade intensa nos três primeiros anos dificultou o debate progressista na cidade. Apesar disso, foi possível encontrar discussões sobre problemas de ordem cidadina. Na sequência, discutimos algumas ações desenvolvidas por José Miranda Ramos durante seu mandato, mencionamos quais foram as principais preocupações do prefeito para o desenvolvimento de Chapecó.

### 2.3 A ADMINISTRAÇÃO DE JOSÉ MIRANDA RAMOS

José Miranda Ramos além de prefeito de Chapecó, na gestão de 1951-1955, foi também uma personalidade política reconhecida no Estado de Santa Catarina, por ter

sido Deputado Estadual, governador interino do estado e Deputado Federal. Miranda Ramos nasceu em 9 de outubro de 1916, na cidade de Lapa, no Estado do Paraná, era filho de José Pereira Ramos e Julieta Miranda Ramos. Formou-se em Direito e começou a exercer sua profissão em 1940 na cidade de Curitiba. Segundo Hass<sup>136</sup>, no ano de 1946 assumiu a promotoria pública de Chapecó, ficando, porém, pouco tempo no cargo.

Foi no ano de 1946 que iniciou sua atuação como homem público na cidade. No ano de 1947 foi eleito vereador de Chapecó para o mandato de 1947-1950. Nas eleições de 1950, lançou-se candidato a prefeito pela coligação UDN (União Democrática Nacional), PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), PRP (Partido Republicano Progressista) e PSP (Partido Social Progressista), vencendo Arlindo Stangler do PSD (Partido Socialista Democrático). Assumiu a prefeitura em 31 de janeiro de 1951. Quando falamos da administração de José Miranda Ramos, é importante lembrar que ele assumiu Chapecó meses após o linchamento, os ânimos da população ainda estavam bastante alterados.

Com relação à sua atuação como prefeito, é notório o grande investimento na área da educação, com significativa ampliação do número de escolas no interior do município. Além da construção de escolas no interior, Miranda Ramos e membros da UDN (União Democrática Nacional) e do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) trabalharam intensamente para a criação da escola do ginásio na cidade. Criação que se justifica, principalmente, pela vontade que os jovens tinham de prosseguir nos estudos, e com a construção da escola, eles não precisariam mais sair de Chapecó. Seu mandato também foi marcado pela onda emancipatória. No ano de 1953, oito novos municípios foram criados, diminuindo a extensão territorial de Chapecó e facilitando, assim, a administração do município com a manutenção das estradas e organização do espaço urbano. Um dos pontos que foi bastante debatido durante a administração de Miranda Ramos foi a criação de uma linha direta a Florianópolis, para suprir o isolamento terrestre que existia entre a região Oeste e o restante do estado. A solução desse problema estava na ampliação do aeroporto municipal. Dessa forma, no ano de 1954, foi criada oficialmente a linha aérea que ligava Chapecó ao litoral do Estado.

Um dos problemas sociais enfrentados pela administração de Miranda Ramos foi a mendicância, que repercutiu nos jornais locais com vários artigos publicados. Foi

---

<sup>136</sup> HASS, 2000, p. 243.



uma causa que ganhou atenção durante os anos de 1951-1955, criando-se inclusive uma casa de abrigo para menores. De certa forma o governo de José Miranda Ramos contribuiu para o desenvolvimento local, criando uma série de leis e medidas que passaram a orientar e reestruturar a área central da cidade. Mas é importante lembrar que o desenvolvimento se consolidou apenas nas décadas de 1960 e 1970.

No próximo capítulo discutiremos mais sobre o assunto da mendicância e faremos, também, a análise de algumas ações da administração de Miranda Ramos para o desenvolvimento de Chapecó, como a implantação de leis que buscavam a melhoria estrutural do espaço urbano, medidas para sanar o problema da iluminação pública e da comunicação. Além de comentarmos também sobre a construção da nova catedral, com arquitetura moderna, E sobre a instalação do frigorífico, que trouxe desenvolvimento econômico regional e conseqüentemente também foi responsável por modificar e expandir Chapecó.

### 3. MODERNIZANDO ATRAVÉS DOS DISCURSOS

Desde 1917, quando ocorreu oficialmente a criação do município de Chapecó, muitas mudanças estruturais ocorreram no mapa da cidade. Por mais de 30 anos, Chapecó era um pequeno vilarejo do sertão, mas tinha um vasto território para ser ocupado. Em 1931, o povoado de Passo dos Índios transformou-se em sede do município e nas décadas 1940, 1950 e 1960 começaram a ocorrer as grandes transformações na cidade na busca pela modernidade. As modificações nos hábitos e a consolidação de mudanças espaciais foram necessárias para que o sonho de cidade desenvolvida fosse concretizado. Jacques Le Goff, em seu livro história e memória, apresenta o termo moderno como uma “[...] tomada de consciência de uma ruptura com o passado[...]”<sup>137</sup>, afirmando que as grandes transformações que ocorreram ao longo da história podem ser denominadas como modernas por terem um caráter inovador. Le Goff conceitua muito bem esse termo quando pensamos em Chapecó e na sua busca pela modernidade, pois o objetivo central durante os anos de 1950 foi romper com a ideia de atraso e desordem que permeou o nome da cidade e de toda a região. Foram os discursos proferidos nos jornais e as ações organizadas pelos grupos influentes que possibilitaram a chegada da modernidade e do rompimento com o atraso e com o passado.

Quando falamos em discurso, é relevante que prestemos atenção aos métodos utilizados para a análise do discurso. Os discursos precisam ser analisados, observando principalmente o poder de influência que os mesmos podem ter, pois os discursos proferidos por determinados indivíduos podem modificar as ações da sociedade, influenciando o modo de vida e o percurso da história. O discurso só passa a fazer sentido a partir do momento em que ele modifica e tem influência sobre a forma de pensar de parte da sociedade. Segundo Bastos<sup>138</sup>, quando se observa um documento ou fonte dentro da pesquisa histórica, esse é sempre portador de um discurso que não pode

---

<sup>137</sup> LE GOFF, 1994, p. 173.

<sup>138</sup> BASTOS, Mário J. da M. história e discurso perspectivas e controvérsias. In: **Imagens da Educação**, v. 1, n. 2, p. 1-11, 2011.

ser visto como transparente. Ainda segundo ele, a forma como esse discurso é produzido tem relação com os valores sociais da comunidade que os produz. O discurso somente ganha relevância se for produzido por grupos de poder, pois é a partir do poder que ele será legitimado e ganhará aceitação social. Lembra ainda que se o discurso não tiver aceitação social, não terá relevância e não influenciará o meio.

Tomando todos os cuidados necessários e compreendendo o poder que um discurso tem para influenciar e mudar o rumo de uma sociedade, é que, nós, a partir de agora, passamos a observar alguns dos discursos que foram proferidos nas páginas dos jornais de Chapecó entre 1950 e 1955. Observamos as estratégias que foram encontradas pelos grupos sociais influentes para resolver problemas de ordem social e estrutural da cidade e transformá-la em um polo regional de desenvolvimento. Sendo assim, o capítulo está dividido em quatro momentos. No primeiro subtítulo trabalharemos a ideia da construção de um novo espaço citadino, pensando nas leis e modificações que foram necessárias para uma reestruturação da sede da pequena cidade de Chapecó. No segundo subtítulo, nosso destaque é para as questões sociais que preocupavam o poder público e precisavam de soluções para que o desenvolvimento e a modernidade conseguissem chegar. No terceiro subtítulo, observamos como a implantação da Chapecó Alimentos (SAIC) colaborou, a longo prazo, para grandes mudanças e para o desenvolvimento econômico local e regional. Sendo essa agroindústria primordial também para a construção do espaço urbano em Chapecó. Por fim, nossa análise está voltada às modificações que foram ocorrendo ao longo dos anos nos espaços rurais de Chapecó e toda a região. Buscamos perceber como a ruralidade também foi alvo dos discursos modernizadores e como o novo sistema de integração implantado com a criação da agroindústria influenciou esse meio.

### 3.1 O NOVO ESPAÇO CIDADINO É DISCUTIDO NO JORNAL

Chapecó, até os anos de 1940, era uma cidade rural, onde não se encontravam aspectos de urbanização e modernidade. Da mesma forma que o Oeste Catarinense era visto como uma região atrasada, Chapecó, sendo a maior cidade da região, ainda não era desenvolvida. Não existia a ideia de urbano na cidade em 1940, pois ainda era uma vila do sertão. A área urbana e a área rural passaram a ser bem delimitadas apenas no final da década de 1950 e início de 1960 e 1970. É de fundamental importância destacar que o grande crescimento estrutural ocorreu em 1963 com a implantação, pelo Governo

do Estado, da Secretaria de Negócios do Oeste em Chapecó. Segundo Silva e Hass<sup>139</sup>, a partir de 1965, com a administração de Sadi de Marco, muitas mudanças passaram a ser vistas e se consolidaram na década de 1970, com a implantação da Sadia S/A avícola no município e com a administração de Altair Wagner (1973-1977), um prefeito que pensou o desenvolvimento de Chapecó para seus 300 mil habitantes. Concretizando, assim, o sonho de desenvolvimento que estava sendo construído desde a década de 1940.

Os jornais nos mostram que a população que vivia na cidade ainda tinha hábitos muito comuns aos que eram praticados nas áreas rurais, fortalecendo a ideia de que Chapecó ainda era uma cidade rural. Como citado anteriormente, segundo Le Goff, para conseguir alcançar a modernidade é necessário romper com o passado. Nessa concepção, foram criadas leis e publicadas várias matérias nos jornais locais com o objetivo de modificar hábitos ligados à ruralidade, como a criação de um regulamento sanitário municipal, em fevereiro de 1950<sup>140</sup>, emitido pela polícia sanitária, que proibia a criação de porcos no perímetro da cidade, pois era uma prática que causava problemas tanto de saúde pública como de forte odor, desagradando aos moradores das residências próximas. Rompia-se, assim, com um passado que não agradava aos grupos sociais que pensavam os novos aspectos de espaço citadino voltado à modernidade e ao progresso.

Além da criação de porcos, outros hábitos precisavam ser modificados, como jogar animais mortos no entorno da cidade e ter animais soltos pelas ruas. Era necessário disciplinar a população para romper com o aspecto de cidade atrasada, pois essas práticas, além de incomodarem os moradores da cidade, poderiam ser perigosas e causar problemas de higiene e saúde pública. Os pedidos e orientações feitos pelas autoridades foram recorrentes nas páginas dos jornais durante os cinco anos estudados. Por várias vezes apareceram nos jornais leis, normatizações e avisos que comunicavam as novas regras à população e aplicavam multas aos que não as cumprissem. O Código de

---

<sup>139</sup>SILVA, Claiton Marcio; HASS, Mônica. “O Oeste Catarinense não pode parar aqui”. Política, agroindústria e uma história do ideal de progresso em Chapecó (1950-1969). **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 21, p. 338 - 374. maio/ago. 2017.

<sup>140</sup> O regulamento sanitário foi publicado no jornal *A Voz de Chapecó* na edição de fevereiro de 1950.

Postura<sup>141</sup> da cidade dizia que<sup>142</sup> “[...] todo o cachorro solto pelas ruas seja preso e 72 horas depois será sacrificado se não for retirado [...]”<sup>143</sup>. Como é possível constatar nesse trecho, era necessário orientar a população a romper com os costumes ligados à vida rural, que eram comuns aos moradores da cidade de Chapecó, trazendo assim aspectos de uma cidade mais desenvolvida, bonita, urbana e moderna.

No jornal *O Imparcial* de 1954, encontramos uma publicação que nos chamou bastante atenção, ela é intitulada “Urbanidade” e faz uma crítica aos moradores da cidade que não têm bons modos nas ruas, jogando lixo no chão e transformando-as em espaços sujos. A publicação menciona que “[...] as ruas, em regra, são sujas, são mesmo imundas, não por culpa da limpeza Pública, mas por causa da falta de educação daqueles que as transformam em depósitos de porcarias [...]”<sup>144</sup>. O autor comenta que “[...] na rua é que se pode fazer uma ideia aproximada da civilização ou da não civilização de um povo.”<sup>145</sup>, na sequência, ele afirma que nas cidades não existe mais urbanidade, sendo mais fácil encontrar a urbanidade e a civilidade na roça do que na cidade. A imprensa era o principal agente condutor de informações sobre as novas atitudes que deveriam ser tomadas tanto pelo poder público como pela própria sociedade. Os termos urbanidade e urbanização passam a ser utilizados com objetivo de exigir ações dos setores públicos e mudanças de hábitos dos cidadãos. A publicação do jornal não é apenas uma crítica, mas um apelo aos moradores para que se conscientizem da necessidade de cuidar do espaço da cidade para que não o transformassem, segundo o autor, em um espaço não civilizado. A partir do jornal, busca-se normatizar as práticas dos cidadãos e controlar suas atitudes.

A esse respeito, Monteiro declara que no passado os “[...] médicos, sanitaristas, engenheiros, urbanistas, políticos e homens de letras pensaram e produziram seus discursos de poder, normatizações e controle sobre a cidade e seus habitantes.”<sup>146</sup>. Essa foi uma prática comum em várias cidades ao longo da história. Em 1902, por exemplo,

---

<sup>141</sup> Código de Postura é um documento que estabelece leis e normas para melhorar a organização da cidade, algumas das leis que se fazem presentes no Código de Postura de uma cidade falam sobre questões como limpeza urbana, conservação de calçadas, arborização e questões ligadas ao espaço urbano.

<sup>142</sup> Destacamos que não foi possível encontrar o Código de Postura da cidade de Chapecó, mesmo sabendo que ele foi aprovado no ano de 1948, sendo assim, será feita a análise apenas de partes deste código que foram publicadas nos jornais locais.

<sup>143</sup> MALVADEZA. *O Imparcial*. Chapecó, 12 de ago. 1951. p.4.

<sup>144</sup> ALENCAR, Gilberto. Urbanidade. *O Imparcial*. Chapecó, 21 de nov. 1954, p. 4.

<sup>145</sup> ALENCAR, 1954, p. 4.

<sup>146</sup> MONTEIRO, 2012, p. 101

no governo de Rodrigo Alves, implantou-se na capital federal um programa de reforma urbana e sanitária, com objetivo de alargar as ruas, trazer higienização para o centro da cidade e construir novos edifícios, para que, assim, a cidade ficasse mais limpa, moderna e atraente. Esse programa ultrapassava a parte estética da cidade e aplicava-se também a mudanças de costumes das pessoas, para que elas se tornassem civilizadas<sup>147</sup>. No início do século XX, essa prática de reestruturar as cidades foi muito comum nos governos desse período. Pontos centrais dessas mudanças foram a construção de largas avenidas e a implantação de energia elétrica.

Percebemos que mesmo afastados dos grandes centros, os sujeitos sociais de Chapecó, ligados geralmente a setores da economia local, buscavam a remodelação do espaço central, como acontecia nas grandes cidades do país. Tanto é, que um dos pontos centrais dos desenhos da cidade, feitos nessa época, são as avenidas centrais bastante largas, como já foi discutido no capítulo anterior.

Além de vários outros aspectos que podemos destacar, a infraestrutura urbana foi um dos principais pontos debatidos nas páginas dos jornais e tinham a intenção de trazer melhorias e, com elas, o progresso e a modernidade. A energia elétrica ganhou destaque com relação à infraestrutura da cidade. Sobre isso, Nodari<sup>148</sup> comenta que uma das reivindicações durante a década de 1940 era a instalação da luz elétrica, o pedido foi solucionado. O debate sobre o assunto, porém, continuou presente nos jornais locais. Dessa vez devido à falta de manutenção e as constantes quedas de energia. Observe o comentário que foi publicado no jornal *O Imparcial*, de 4 de maio de 1952.

---

<sup>147</sup> Existia a ideia de que ser civilizado era ter hábitos e práticas que se assemelhavam aos padrões europeus, a busca por essa reorganização no Rio de Janeiro e em várias cidades do Brasil tinham como objetivo criar uma sociedade aos moldes europeus e romper com práticas que perturbavam a ordem.

<sup>148</sup> NODARI, 2009, p. 78.



Figura 05: Recorte do jornal *O Imparcial* de 4 de maio de 1952.

O comentário é uma crítica à falta de iluminação noturna na cidade, deixando visível a insatisfação da população em relação ao serviço prestado pela empresa Luz e Força. Esse é apenas um dos exemplos que podem ser citados. Ao folhear as páginas dos jornais é possível encontrar várias outras reclamações a respeito do assunto.

Não era apenas a péssima qualidade dos serviços de energia elétrica que preocupava a sociedade de Chapecó, os serviços de correio e de telefonia também estiveram em pauta muitas vezes, ao longo dos anos. Petrolí aponta que uma prática comum da imprensa de Chapecó era “[...] bater sempre na mesma tecla [...]”<sup>149</sup>, como problemas com os correios, com a instalação de uma linha de telefone e com a melhoria das estradas. Essas preocupações continuam presentes na década de 1950, ganhando destaque nos jornais por serem problemas recorrentes, de importância para a comunidade e para os quais se buscava uma solução já há bastante tempo. Peregrino de Souza Filho escreveu em 2 de novembro de 1952, no jornal *O Imparcial*, sobre a urgência de se implantar uma rede telefônica, “Em 1949 houvera dito: breve teremos uma rede telefônica em Chapecó. Três anos são passados e ainda aquela “brevidade continua...”<sup>150</sup>, comenta que em Chapecó já existiam três jornais, eletricidade, telégrafo, hospital, entre outros elementos que representavam a modernidade, mas que faltava a linha telefônica, de extrema importância para a comunicação e para o desenvolvimento local. No mesmo sentido, a publicação de fevereiro daquele ano fala

<sup>149</sup> PETROLI, 2008, p.126.

<sup>150</sup> FILHO, Peregrino de Souza. A Nossa Cidade *O Imparcial*. Chapecó, 02 de nov. 1952. p.1.

sobre os correios e mostra a importância econômica de instalar a sede dos correios em Chapecó.

Sr. Presidente, atendendo à solicitação do Sr. Prefeito Municipal de Chapecó, Santa Catarina, Dr. Miranda Ramos, líder trabalhista, bem como a um abaixo-assinado de suas populações, fórmula, desta tribuna, apelo às autoridades competentes para a construção da sede dos Correios e Telégrafos daquela cidade, bem como das redes telegráficas e agências postais nos seus distritos e localidades. O progresso agroindustrial e o aumento gradativo e vertiginoso da população e riqueza justificam plenamente suas medidas. Chapecó é geograficamente um dos maiores e dos mais prósperos municípios brasileiros na fronteira da República Argentina [...] <sup>151</sup>

A solicitação feita pelo prefeito municipal busca justificativa para a instalação dos correios em Chapecó. O progresso e o desenvolvimento agroindustrial e econômico foram usados como argumento para a instalação das agências de correio e telégrafo, além de ressaltar a importância desse órgão público para diminuir a distância entre o Oeste de Santa Catarina e o restante do país. É importante destacar que na década de 1950, como já citamos anteriormente, a principal ligação ao litoral era por meio aéreo, pois as rodovias ainda tinham condições precárias de viagem.

Ainda com relação à infraestrutura da cidade, a preocupação com as ruas e logística urbana eram dois problemas que apareciam com frequência nas páginas dos jornais. As principais críticas feitas à gestão municipal eram os buracos nas ruas, a falta de calçamento nas vias centrais da cidade e a calçada nas vias públicas. Em 29 de março de 1953, foi publicada, no jornal *A Voz de Chapecó*, uma reclamação sobre a demora na construção de calçadas, mostrando como isso incomodava os moradores e trazia uma imagem negativa para a área central da cidade. Na publicação, os articulistas do jornal comentam que a criação de calçadas traria muitas vantagens, principalmente, à economia local. E ainda fala que em “Chapecó calçada nos passeios, dará uma outra impressão de cidade, mais alegre, mais confortável [...]” <sup>152</sup>, pois o excesso de barro em dias de chuva era um problema que desagradava aos moradores, além de passar a impressão de cidade abandonada aos visitantes que por ali passavam. Mas não foi apenas a falta de calçadas que gerou debates e críticas nas páginas dos jornais. Muitas ruas da cidade lembravam picadas de estradas das áreas rurais e remetiam à ideia de sertão e atraso. Na tentativa de buscar soluções para esse problema, o jornal *A Voz de Chapecó* publicou algumas reportagens em que pedia à administração pública para

---

<sup>151</sup> CORREIOS e telégrafos. **O Imparcial**. Chapecó, 03 de fev. 1952, p. 1.

<sup>152</sup> TRINTA dias. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, 29 de mar. de 1953, p. 1.



desenvolver o serviço de melhoramento das vias, em especial, a da entrada da cidade, que dava a impressão de picada aberta em meio à mata virgem e passava, a quem chegava a Chapecó, a ideia de uma cidade atrasada e rural.

Bresciani<sup>153</sup> comenta que a cidade é pensada como espaço visual que precisa impactar a quem a observa, tendo consigo a ideia de apresentar uma estética agradável às pessoas que a frequentam. Devido à preocupação com os valores estéticos da cidade, existia constantemente a discussão de reorganizar a área central de Chapecó. Para que “Pela materialidade visível, reconhecemos, imediatamente, estar em presença do fenômeno urbano, visualizado de forma bem distinta da realidade rural [...]”<sup>154</sup>.

Com o objetivo de mudar o espaço visual de Chapecó, teve-se preocupação com o estilo e o embelezamento das casas, como a pintura, a construção de muros, além da criação de leis que obrigavam os moradores a construir, na avenida central, pavimentos de alvenaria. As casas de madeira já não eram esteticamente aceitas para o novo padrão de cidade que se buscava implantar, pois não traziam aparência de modernidade, podemos observar que isso foi algo imposto inclusive no Código de Postura municipal “[...] todos proprietários de prédios existentes no quadro urbano, pintem ou renovem a pintura de suas casas, de acordo com o que determina o Código de Postura do Município de Chapecó.”<sup>155</sup>, com o objetivo de manter toda a região central com boa impressão visual de cidade organizada e bonita. Outra exigência feita pelo Código de Postura Municipal, foi a construção de muros e passeios nos terrenos desocupados, com objetivo de reorganizar e desconstruir a ideia de ruralidade. No Edital nº.3, publicado em 1950 no jornal *A Voz de Chapecó*, fica visível a preocupação com o embelezamento da cidade, quando é criada a lei que determina o corte das árvores da zona urbana de Chapecó

1º) –Deverão ser cortadas pelos respectivos proprietários na zona urbana, todas as árvores de pequeno porte, dentro do prazo de 90 dias a partir da publicação do presente edital;

2º) - Excluem-se do corte as árvores de idade considerável ou de porte majestoso, que embelezam a cidade<sup>156</sup>

Uma figura que recebeu destaque nas páginas dos jornais por seu trabalho prestado a Chapecó, no que diz respeito ao desenvolvimento e progresso, foi o diretor

---

<sup>153</sup> BRESCIANI, 2004, p. 13.

<sup>154</sup> PESAVENTO, 2007, p.13.

<sup>155</sup> CARDOSO, Alceu G. Edital de Prorrogação. *A Voz de Chapecó*. Chapecó, 26 de fev. de 1950, p. 4.

<sup>156</sup> KILISKI, Miguel. Edital N.3. *A Voz de Chapecó*. Chapecó, 3 de set. 1950, p. 3.

de obras públicas do município, Dr. Torres de Miranda, que, no seu plano de ação<sup>157</sup>, pensou em várias mudanças na área central de Chapecó, buscando embelezar a cidade. Torres de Miranda, comentou em seu plano de ações, sobre a construção de passeios na Avenida Getúlio Vargas, uma reivindicação que já vinha sendo cobrada há bastante tempo; criou a obrigatoriedade de pintura de todos os prédios do perímetro urbano pelo menos uma vez ao ano; Substituição de cercas de madeira em frente às casas por muros; criação de jardins na Avenida Getúlio Vargas e em frente à igreja matriz; substituição dos postes de iluminação pública de madeira por postes de material. No mês de novembro de 1953, o diretor de obras públicas foi transferido para Florianópolis, não conseguindo, assim, executar todos os seus projetos de embelezamento do espaço urbano de Chapecó.

Cada detalhe da cidade em 1950 estava sendo organizado para melhorar o embelezamento do espaço central e para obter a modernidade e o desenvolvimento local e regional. Foi pensando nos aspectos visuais que, no ano seguinte à queima da igreja católica, ocorrida em 1950, foram iniciadas as obras da construção da nova catedral. A nova igreja ficava localizada na área central da cidade, com sua frente para a rua Marechal Floriano Peixoto, esquina com a Avenida Getúlio Vargas, em frente ao espaço que viria a ser a praça Coronel Bertaso, construída entre o final de 1950 e a década de 1960. A nova igreja<sup>158</sup> foi edificada pela empresa de Serafim Bertaso e projetada pelo arquiteto Cristiano Betamin, o mesmo arquiteto que projetou a Basílica de Aparecida do Norte em São Paulo. A Catedral era uma obra grandiosa, muito diferente da igreja que fora queimada em 1950, como podemos observar nas imagens abaixo:

---

<sup>157</sup> O Plano de Ação de Torres de Miranda foi publicado no jornal *A Voz de Chapecó* na data de 04 de janeiro de 1953 entre as páginas 2 e 3 do jornal.

<sup>158</sup> Informações obtidas pelo site <https://www.chapecosc.com/catedralchapeco>.



*Figura 06- Imagem da Matriz Santo Antônio em 1945. Fonte: Coleção Cidades Ceom/Unochapecó*



*Figura 07- Vista da área central de Chapecó em 1956. Fonte: Coleção Cidades Ceom/Unochapecó*



*Figura 08- Imagem da Catedral Santo Antônio em 1960. Fonte: Coleção Cidades Ceom/Unochapecó*

Na figura 06, temos a imagem da igreja católica antes de ela ser queimada em 1950, a igreja era de madeira e em sua lateral encontrava-se a torre com o sino. A matriz tinha

traços de uma igreja simples, de uma pequena vila do interior. Já na imagem 08, podemos ver a nova construção da catedral Santo Antônio, toda em alvenaria, com aspectos de arquitetura moderna, uma obra grandiosa que possui aproximadamente 62 metros de extensão e 45 metros de largura, com duas torres laterais de aproximadamente 54 metros de altura. A construção da nova Catedral Santo Antônio foi iniciada em 1951 e concluída no ano de 1956. Na figura 07, podemos perceber que, logo após a sua conclusão, a praça central Coronel Bertaso ainda não havia sido construída. Segundo Altair Wagner<sup>159</sup>, a praça Coronel Bertaso foi inaugurada em novembro de 1960, durante a administração de Plínio de Nês.

Pesavento comenta que a cidade é algo criado pelo homem como uma obra

[...] é pela materialidade das formas urbanas que encontramos sua representação icônica preferencial, seja pela verticalidade das edificações, seja pelo perfil ou silhueta do espaço construído, seja ainda pela malha de artérias e vias a entrecruzar-se em uma planta ou mapa. Pela materialidade visível, reconhecemos, imediatamente, estar em presença do fenômeno urbano, visualizado de forma bem distinta da realidade rural<sup>160</sup>

Nessa perspectiva, as pessoas que pensavam a cidade buscavam aperfeiçoá-la com o passar dos anos, dando destaque à materialidade visual e urbana, como citado por Pesavento, para que fosse possível identificar traços urbanos e diferenciá-los dos espaços rurais. Pesavento ainda comenta que essa obra do homem, que é o urbano, não para de ser reconstruída, através dos pensamentos e das ações. É assim que o homem que pensa a cidade cria tantas outras cidades em seus pensamentos e suas ações,

As fontes nos mostram que se buscou reconstruir o traçado central de Chapecó e que por muitos anos a ideia de mudança esteve presente no imaginário dos chapecoenses. Não foram apenas os desenhos da cidade de 1931 e 1938 que deixaram transparecer o desejo de uma cidade bem estruturada. Podemos perceber na imagem 08, que o desenho do espaço central de Chapecó foi aperfeiçoado no decorrer dos anos, ganhando aparência de uma área mais bem estruturada, onde já apareciam a praça, a prefeitura, o fórum e dois grupos escolares. Também ganhou destaque, nesse novo desenho da cidade, o hospital Santo Antônio e o cemitério. É possível perceber que o número de ruas e quadras já havia sido ampliado, se comparado com a figura 03 do desenho de 1938.

---

<sup>159</sup> WAGNER, Altair. **E... Chapecó levantou vôo**. Florianópolis: De Letra, 2005, p. 227.

<sup>160</sup> PESAVENTO, 2007, p. 13.



Figura 09- Desenho da cidade de Chapecó 1950. Fonte: Museu Selistre de Campos

É importante destacar que a imagem faz parte do acervo do Museu Selistre de Campos, a data do desenho, porém, não é precisa, estima-se que ele seja da década de 1950. Ao observarmos o desenho da cidade, percebemos que a praça ocupa um lugar central na estrutura urbana de Chapecó e a partir dela passam a ser construídos prédios públicos, espaços de uso coletivo e empreendimentos comerciais. Exemplo disso é a igreja

católica, que fica em frente à praça, o prédio da prefeitura e do fórum nas quadras laterais e vários grupos escolares e o hospital no entorno da praça. Essa característica de organização urbana, é algo característico de muitas cidades da região Oeste que foram desmembradas de Chapecó, entre as décadas de 1950 e 1960, como as cidades de Xanxerê, Xaxim, São Miguel do Oeste e São Lourenço do Oeste.

Chapecó foi sendo traçada enquanto uma construção de um sonho, uma cidade imaginada e desejada por grupos sociais durante vários anos. “[...] a “cidade do desejo”, realizada ou não, existiu como elaboração simbólica na concepção de quem a projetou e a quis concretizar.”<sup>161</sup>. Esse sonho de transformar Chapecó em uma cidade desenvolvida, com características modernas, perpassou as mudanças visuais e teve que lidar com problemas sociais da cidade real, que surgiram com a criação da cidade dos sonhos, entre eles, a mendicância e a presença de menores nas ruas, ambos os problemas eram vistos como transgressão à ordem e necessitavam de soluções rápidas.

Não se imaginava que a construção de um sonho de cidade planejada e desenvolvida viria a trazer problemas comuns de uma cidade real, a modernidade trouxe consigo uma nova face que passa a não condizer mais com a realidade local e com a racionalidade. Era necessário disciplinar os habitantes e modificar práticas que não condissessem mais com os novos padrões que estavam sendo implantados. Rolnik<sup>162</sup> apresenta a ideia de que o planejamento das cidades deveria funcionar como um mecanismo de relojoaria, onde tudo funciona tranquilamente. Porém esta ideia de que a cidade deve transcorrer sem problemas é uma utopia. “[...] a ideia de que uma cidade planejada é uma cidade sem males, utopia [...]”<sup>163</sup>, é uma expectativa que não condiz com a cidade real, pois nela existem problemas sociais, a cidade torna-se criadora de pobreza e divisão social.

A busca por impedir a mendicância mostrou essa realidade em Chapecó, na avenida central da cidade, com frequência eram encontradas crianças perambulando, adolescentes sem rumo pedindo esmola, que, segundo os jornais, tornar-se-iam viciados, ladrões e futuros mendigos pedintes das ruas. Em várias edições dos jornais locais, encontramos apelos às autoridades e até mesmo à sociedade em geral para tomar

---

<sup>161</sup> PESAVENTO, 1995, p. 283

<sup>162</sup> ROLNIK, Raquel. **O que é a cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 55.

<sup>163</sup> ROLNIK, 1995, p. 59.

providências com relação a esse problema, inclusive sugerindo a criação de um abrigo de menores como forma de solucionar o infortúnio.

### 3.2 A INDUSTRIALIZAÇÃO COMO IMPULSIONADOR DA MODERNIDADE

Neste subcapítulo buscamos compreender a história da agroindústria e dos primeiros abatedouros e frigoríficos instalados em Chapecó e região. E entender o que motivou grupos de influência a optarem, em 1953, por construir a Chapecó Alimentos.

Até 1940 a economia de Chapecó era baseada nas atividades rurais de pequenas propriedades de terra, pertencentes a descendentes de italianos e alemães, que tinham sua fonte de renda baseada na exploração de erva-mate e de madeira, e na produção de gêneros alimentícios voltados à subsistência, como a produção de milho, mandioca e batata, assim como a criação de suínos para a comercialização. Os agricultores vendiam os suínos para os abatedouros frigoríficos de pequeno porte, que produziam derivados, como a banha que “[...] era o principal produto agropecuário que movimentava a economia de Chapecó[...]”<sup>164</sup>. Apenas com o passar dos anos é que outros derivados da carne suína passaram a ser produzidos, como copa, salame e a carne in natura.

Segundo Forneck e Lubenow<sup>165</sup>, em 1932 se instalou em Chapecó um dos primeiros açougues, o açougue Pompermayer que abatia uma cabeça de gado por semana de aproximadamente 200 quilos, como a cidade era muito pequena, não era possível consumir toda a carne, então era necessário fazer charque para vender aos poucos. Lembrando que ainda não existia energia elétrica em Chapecó em 1932.

Com relação aos suínos, em 1936 o matadouro Hoss foi um dos primeiros compradores de suínos da região e até 1952 era o único comprador de suínos da cidade. Ele ficava localizado no distrito de São Carlos e abatia em média 35 porcos por dia, destinados à fabricação de charque, salame, copa e banha. Ainda segundo Forneck e Lubenow<sup>166</sup>, o primeiro frigorífico de maior porte de que se teve registros era o Frigorífico Diadema, localizado no distrito de Xaxim, município de Chapecó. Ele iniciou suas atividades no final da década de 1930 e recebia suínos de toda a região, principalmente a produção do interior do município de Chapecó.

---

<sup>164</sup> FORNECK, Elizandra; LUBENOW, Aline M. **De fábrica de banha a agroindústrias internacionais: a construção da cultura agroindustrial de Chapecó**. Chapecó, [s.n], 2021, p.6.

<sup>165</sup> FORNECK; LUBENOW, 2021, p. 11.

<sup>166</sup> FORNECK; LUBENOW, 2021, p. 13.

É importante destacar, ainda, que, na década de 1950, a produção de suínos na agricultura familiar e a extração de madeira foram propulsores da economia local, mas na década de 1950 houve o declínio da indústria madeireira em Chapecó. Além do problema da decadência da atividade madeireira, em 1950 ocorreu a queima da igreja católica e o linchamento, os anos que se seguiram a esses acontecimentos foram preocupantes para a economia local, as empresas colonizadoras tiveram uma estagnação na venda de terras em Chapecó.

Fazia-se necessário encontrar estratégias para que a economia local não estagnasse. Segundo a entrevista de Plínio David De Nês Filho<sup>167</sup>, o coronel Bertaso chamou seu Plínio Arlindo De Nês, após a queima da igreja, para que juntos pudessem pensar em uma solução “O Coronel Bertaso tinha um apreço muito grande por ele, muito grande... e o chamou para que se estabelecesse um modelo industrial que permitisse fixar as pessoas em Chapecó e atrair novas pessoas para Chapecó.”<sup>168</sup>. Segundo ele, isso foi necessário devido à repercussão internacional dos fatos de 1950, que fizeram com que as pessoas tivessem receio de investir ou vir morar no município. A alternativa encontrada por Plínio Arlindo De Nês foi a criação de um frigorífico para distribuir a riqueza do campo, considerando que pequenos agricultores da região já criavam suínos e vendiam para frigoríficos de pequeno porte instalados em Chapecó. Os suínos eram uma matéria prima abundante no Oeste, como nossa região não possuía grandes abatedouros, o excedente era comercializado para abastecer agroindústrias do Paraná e de São Paulo.

Segundo Reche<sup>169</sup>, a atividade agroindustrial foi a principal responsável pelo desenvolvimento econômico de Chapecó e da região Oeste. Além disso, foi responsável também pela aceleração da urbanização.

Temos à nossa frente um *duplo processo* ou, preferencialmente, um processo com dois aspectos: industrialização e urbanização, crescimento e desenvolvimento, produção econômica e vida social. Os dois “aspectos” deste processo, inseparáveis, têm uma unidade, e no entanto o processo é conflitante. Existe historicamente, um choque violento entre a realidade urbana e a realidade industrial. Quanto à complexidade do processo, ela se revela cada vez mais difícil de ser apreendida, tanto mais que a

---

<sup>167</sup> DE NÊS FILHO, Plínio David. Entrevista [28 fev. 2020]. Entrevistadores: E. Forneck; A. Lubenow. Chapecó, 2020. **Projeto de “De fábricas de banha a agroindústrias internacionais: a construção da cultura agroindustrial de Chapecó”**. Acervo: CEMAC.

<sup>168</sup> DE NÊS FILHO, Plínio David. Entrevista Citada.

<sup>169</sup> RECHE, Daniela. **Leis e planos urbanos na produção da cidade: o caso de Chapecó, SC**. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2008, p. 47.



industrialização não produz apenas empresas (operários e chefes de empresas), mas sim *estabelecimentos* diversos, centros bancários e financeiros, técnicos e políticos.<sup>170</sup>

Lefebvre nos apresenta a ideia de que a industrialização modifica todos os aspectos de urbanização, ela vem para quebrar paradigmas existentes até então no espaço urbano. Com a criação das indústrias, surge também uma nova fase de urbanização, pois a indústria não cria apenas operários e chefes, mas também desenvolve o setor econômico da cidade e modifica as estruturas sociais. É dessa forma que devemos pensar o desenvolvimento de Chapecó.

A indústria Chapecó Alimentos começou a ser construída em 1953, mesmo que o início do seu funcionamento tenha ocorrido apenas anos mais tarde, foi durante o processo de construção dela que percebemos a preocupação e o anseio em desenvolver e modernizar a cidade. Os primeiros anos da década de 1950 foram importantes e decisivos para a transformação do espaço urbano e para o desenvolvimento local e regional, foi nesse momento que foram dados os primeiros passos rumo ao progresso. Com o final da obra, em 1956, iniciou-se uma reformulação no espaço urbano. Novos bairros começaram a surgir, tivemos a chegada do Banco do Brasil e de inúmeros outros investimentos na cidade. As primeiras sementes plantadas em 1950 modificaram os rumos do desenvolvimento de Chapecó, foi a partir da Chapecó Alimentos-SAIC que a cidade se tornou a capital nacional da agroindústria e conseqüentemente movimentou a economia e trouxe novos moradores para a cidade. Além de incentivar o desenvolvimento rural e estabilizar muitos produtores agrícolas com o sistema de integração que foi criado com a agroindústria.

Segundo Alba<sup>171</sup>, a agroindústria foi o carro-chefe para o desenvolvimento econômico de Chapecó e parte da região Oeste. Ela reorganizou a estrutura urbana e rural, com o objetivo de atender as demandas criadas pela agroindústria. Foi através dela que ocorreu uma série de transformações, como a instalação de novas indústrias para atender a demanda do processo produtivo industrial e também da matéria prima. O comércio foi ampliado, a população urbana aumentou devido à migração campo/cidade e à busca por emprego. Com isso novos bairros foram criados em Chapecó e com eles novas ruas e asfalto. Podemos observar as figuras abaixo que nos mostram os arredores

---

<sup>170</sup> LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2011, p. 16.

<sup>171</sup> ALBA, Rosa Salete; SANTOS, Verence Fátima S. Chapecó no contexto da migração campo/cidade. **Cadernos do CEOM** - Ano 16 nº 15 - UNOCHAPECÓ - junho/2002, p. 317.



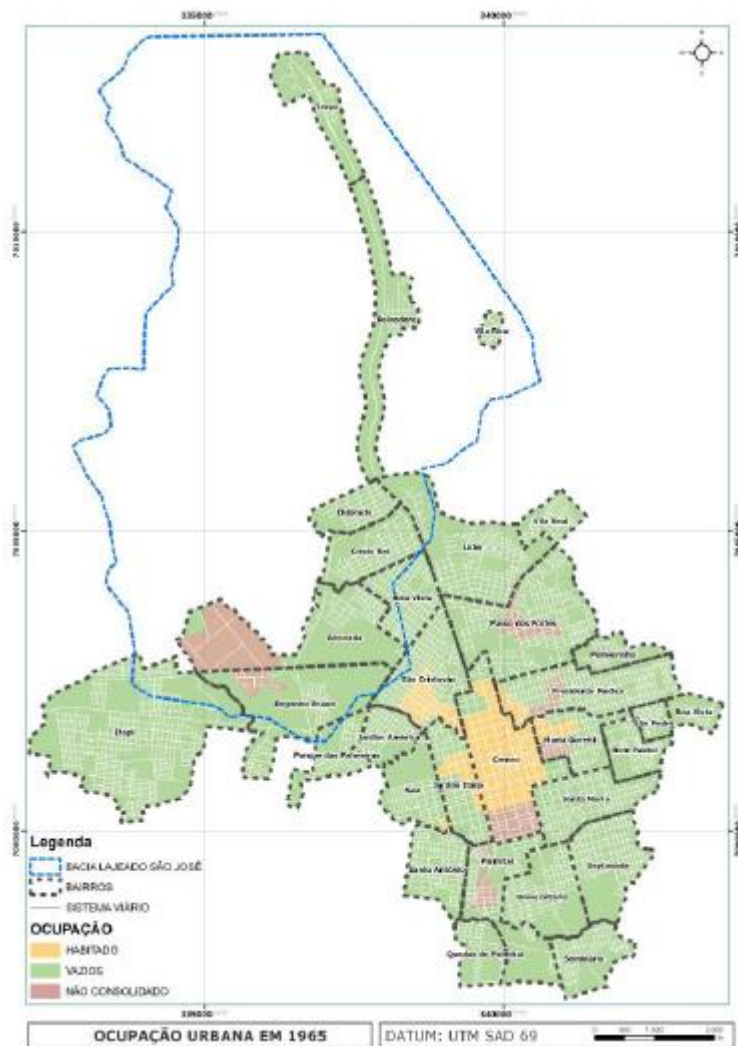


Figura 11: Mapa de ocupação urbana em Chapecó na década de 1950. Fonte: FACCO, Janete; FUJITA, Camila; BERTO, James L. Agroindustrialização e urbanização de Chapecó-SC (1950-2010): uma visão sobre os impactos e conflitos urbanos e ambientais. Revista Desenvolvimento Regional. v. 19, n. 1, 2014, p. 196.

Ao fazermos uma comparação entre as figuras 10 e 11, podemos perceber a diferença no processo de ocupação do espaço urbano de Chapecó. Na virada da década de 1950 para 1960, ocorreu uma mudança espacial na região central da cidade. Ao observarmos os dois mapas, percebemos que a ocupação da região central foi se expandindo, os atuais bairros São Cristóvão, Jardim Itália, Presidente Médici e Maria Goreti foram os primeiros a serem habitados pelos moradores do espaço urbano. Isso graças à criação da agroindústria, que estimulou um grande número de pessoas a migrarem para a região. Lembrando que a Chapecó Alimentos foi instalada no bairro SAIC, localizado ao lado do bairro Jardim Itália e no entorno da área central da cidade. Ao observarmos a figura 10, percebemos que foram os bairros próximos ao SAIC e ao

centro os que receberam mais habitantes. Plínio Davi De Nês Filho, em sua entrevista<sup>172</sup>, comenta que próximo à Chapecó Alimentos foi criada uma vila de trabalhadores, nesse local moravam inclusive o diretor e o presidente da empresa. Só era possível ter acesso à indústria através de uma pinguela que ligava o bairro Santo Antônio ao bairro SAIC. Ele lembra ainda, em sua entrevista, a situação precária das vias urbanas de Chapecó, o acesso ao frigorífico somente era possível com jipe e quando chovia, o jipe precisava ser puxado por um trator.

Outra observação importante é com relação ao bairro São Cristóvão, que, possivelmente, teve seu desenvolvimento atrelado ao primeiro aeroporto que ficava localizado nesse bairro. O aeroporto foi fundamental para a construção e bom funcionamento da Chapecó Alimentos. Era através dele que chegavam materiais para a construção da estrutura da agroindústria e posteriormente equipamentos para manutenção.

O crescimento econômico de uma área da cidade em comparação a outras é próprio dos locais onde é implantada uma indústria motriz, provocando o crescimento e a expansão das regiões que a cercam.

Em geral, a indústria motriz - em sua ação de obtenção de matérias-primas, de ponto de atração de mão de obra e de produtora de um ou de uma série de produtos - dinamiza a vida regional, provocando a atração de outras indústrias, criando aglomeração de população que estimulará o desenvolvimento de atividades agrícolas e pecuárias nas áreas fornecedoras de alimentos e de matérias-primas.<sup>173</sup>

No caso de Chapecó, a indústria motriz é a Chapecó Alimentos. Devido a sua instalação, nos anos seguintes muitas outras agroindústrias acabaram se instalando em Chapecó, fortalecendo assim a economia para transformar a cidade na capital da agroindústria. É importante destacar que o grande desenvolvimento da cidade e da região ocorreu na década de 1970, pois foi nesse período que se instalou em Chapecó a Sadia S/A Avícola e foi inaugurada a BR- 282, ambas foram grandes propulsoras para o desenvolvimento. Esses fatores despontaram Chapecó como centro mais avançado de país na indústria agroalimentar.

A agroindústria não trouxe apenas novos empregos, ela também estimulou a economia com a criação de comércios e desenvolveu o setor agrícola, principalmente as

---

<sup>172</sup> DE NÊS FILHO, Plínio David. Entrevista Citada.

<sup>173</sup> FUJITA, Camila; MATIELLO, Alexandro M.; ALBA, Rosa S. Rede de pólo e micro polos regionais no Oeste Catarinense. **REDES**, Santa Cruz do Sul, v. 14, n. 2, p. 53 - 79, maio/ago. 2009, p. 56.

pequenas propriedades rurais da região. Dessa forma, no final de 1950 e início de 1960, foi possível ver o desenvolvimento não apenas de Chapecó, mas também o crescimento de várias cidades da região que conseguiram sua emancipação política após 1955. Os jornais locais já ansiavam pela construção do frigorífico em Chapecó e sabiam de sua importância econômica. “[...] representará o frigorífico uma força importante, imponente e respeitável não só para Chapecó, mas no oeste catarinense todo, que iria beneficiar-se com tão vital indústria.”<sup>174</sup>.

Pensando nos benefícios que a agroindústria traria é que, segundo Plínio Davi De Nês Filho, um grupo ligado ao processo de colonização e à economia se movimentou para a construção de uma agroindústria com o intuito de retomar o crescimento econômico e a prosperidade. Ainda, segundo ele, as famílias envolvidas eram “[...] família Bertaso, a família Pasquali, do seu Ludovico Silvestre, do seu Ivo Patussi, que eu me lembre do... Sadi Dalarosa, a família do seu Tissiani, eram famílias aqui de Chapecó e algumas da região, também seu Ermínio Tissiani.”<sup>175</sup>, além da família de seu Plínio Arlindo De Nês, este pode ser considerado o mentor da ideia da implantação do frigorífico. Plínio Davi De Nês comenta que quando seu pai foi chamado pelo coronel Bertaso, a ideia era fazer investimentos na cidade, mas que não tinham ideia em que investir. Devido à proximidade de Plínio Arlindo De Nês com Atílio Fontana, proprietário da Sadia Alimentos, De Nês compreendeu o potencial agrícola da produção de suínos da região e que chegou a consenso de implantar em Chapecó um frigorífico de suínos.

Bavaresco<sup>176</sup> apresenta alguns motivos que impulsionaram a instalação de agroindústrias no Oeste Catarinense. Segundo ele, foram a modernização da agricultura e as relações de produção que surgiram na região. O Oeste, como comentado anteriormente, tinha uma produção baseada na agricultura de subsistência, como a produção de milho, mandioca e batata. O milho estava ligado à criação de suínos e contribuiu para o surgimento dos primeiros frigoríficos. Ainda segundo Bavaresco, a implantação das agroindústrias na região só obteve êxito devido ao modelo de integração produtor e agroindústria, que facilitou a garantia de matéria prima para a

---

<sup>174</sup> MACHADO, Roberto. O Calor do Frigorífico. **O Imparcial**. Chapecó 13 de jul. de 1952b, p.1.

<sup>175</sup> DE NÊS FILHO, Plínio David. Entrevista Citada.

<sup>176</sup> BAVARESCO, Paulo Ricardo. A História Econômica do Oeste Catarinense. In: CARBONERA, Mirian; ONGHERO, André L.; RENK Arlene.; SALINI, Ademir M. (Orgs.). **Chapecó 100 anos: histórias plurais**. Chapecó: Argos, 2017. p.300-301.

produção. Fazendo com que Santa Catarina se destacasse na produção de carnes e derivados. Da mesma forma, Chapecó se tornaria a capital da agroindústria no Brasil, atualmente com uma grande concentração das maiores empresas do ramo da agroindústria do país. Segundo o estudo feito por Reche e Sugai:

[...] as agroindústrias se desenvolverão rapidamente e se tornarão as principais responsáveis pelo acelerado processo de urbanização do município, devido ao seu grande poder de atração da população migrante, que saiu do campo em busca de emprego na indústria e melhores condições de vida.<sup>177</sup>

Reche e Sugai apontam que as maiores áreas residenciais com população mais pobre e maior densidade populacional estão próximas às grandes agroindústrias. Isso nos mostra que as indústrias não trouxeram somente aspectos positivos à cidade em longo prazo, junto com o desenvolvimento trouxeram os problemas sociais que, até a década de 1950, eram controlados. Milton Santos também acredita que a cidade torna-se “[...]criadora de pobreza, tanto pelo modelo socioeconômico de que é o suporte como por sua estrutura física, que faz dos habitantes das periferias (e dos cortiços) pessoas ainda mais pobres [...]”<sup>178</sup>. Isso ocorreu também na área rural, onde as pequenas propriedades familiares, que não conseguiram adequar-se ao novo modelo de integração, foram obrigadas a parar de produzir aves e suínos, ficando assim sem renda e obrigadas a migrar para a cidade em busca de emprego. É importante ressaltar que a onda migratória campo/cidade cresceu muito nos anos de 1970 e 1980 e esse crescimento não conseguiu ser absorvido pelas empresas que estavam instaladas na cidade, gerando, assim, problemas sociais de desemprego, de habitação e de surgimento das periferias.

O processo de industrialização que iniciou em 1950 teve grande relevância para o crescimento populacional urbano de Chapecó. As agroindústrias demandaram e ainda hoje demandam grande quantidade de mão de obra. Este processo de industrialização estava estreitamente ligado ao ambiente urbano da cidade, e diferenciou-se dos ciclos econômicos que anteriormente eram fortes na região, como a extração de madeira e de erva-mate, duas fontes econômicas que se limitavam às áreas rurais e não sentiam a

---

<sup>177</sup> RECHE, Daniela; SUGAI, Maria I. A influência do capital agroindustrial na distribuição socioespacial urbana do município de Chapecó no sul do Brasil. Dez anos de mudanças no Mundo, na Geografia e nas Ciências Sociais, 1999-2008. **Anais do X Colóquio Internacional de Geocrítica**, Universidade de Barcelona, de 26 a 30 de maio de 2008. p.5.

<sup>178</sup> SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: EDUSP, 2005, p. 10.

necessidade do desenvolvimento urbano. A agroindústria tem seu processamento da carne e derivados realizados na indústria, a qual fica localizada no espaço urbano, mesmo que a matéria prima seja produzida na área rural, a tendência é que o espaço urbano se desenvolva mais, proporcionando empregos, espalhando a cidade para além da área central e desenvolvendo a economia com a instalação de empresas de outros ramos terciários ligados ao frigorífico, como de manutenção, construção civil e de serviços.

Não é por acaso que Chapecó concentra atualmente a maior quantidade de indústrias frigoríficas da região Oeste. Desde a criação da Chapecó Alimentos, em 1953, o município assumiu o papel de polo regional, tornando-se referência para os municípios vizinhos, pois era, não apenas em extensão, mas também em população, a maior cidade do Oeste na década de 1950. Chapecó também tem a seu favor a sua localização geográfica, faz divisa com o estado do Rio Grande do Sul, está a menos de 100 quilômetros da divisa com o estado do Paraná e aproximadamente a 150 quilômetros de distância da Argentina. Estrategicamente, Chapecó centraliza todo o Oeste de Santa Catarina, é conhecido como a capital do Oeste, fazendo jus ao esforço que foi desempenhado entre as décadas de 1950, 1960 e 1970, para modernizar e transformar a cidade.

Segundo Forneck e Lubenow<sup>179</sup>, foi o frigorífico Chapecó Alimentos que levou o nome de Chapecó Brasil a fora, consolidando o município como uma potência. Com a instalação do frigorífico, não foi apenas a cidade que passou a se modificar, mas o rural também sofreu mudanças, pois com a chegada de um frigorífico de grande porte houve um estímulo na criação de porcos na região. Para finalizar nosso trabalho, passaremos a compreender as modificações na área rural de Chapecó e como a modernização também precisou ocorrer nesse espaço.

### 3.3 A RURALIDADE TAMBÉM SE FEZ PRESENTE NO DISCURSO DE MODERNIZAÇÃO

“A vida urbana compreende mediações originais entre a cidade, o campo, a natureza.”<sup>180</sup>, ou seja, segundo Lefebvre, não existe diferença entre o campo e a cidade, ambos os espaços devem estar unidos. Neste sentido ele comenta ainda que a vida

---

<sup>179</sup> FORNECK; LUBENOW, 2021, p. 17-18.

<sup>180</sup> LEFEBVRE, 2011, p. 73.

urbana acaba penetrando na vida do campo. Algo importante de destacar, porém, é que “[...] a oposição “urbanidade-ruralidade” se acentua em lugar de desaparecer, enquanto a oposição cidade-campo se atenua.”<sup>181</sup>. Ou seja, mesmo com a aproximação do campo e da cidade, ainda existe um grande problema a ser resolvido com relação à urbanidade e à ruralidade, que são vistas de formas distintas. Sendo assim, não era necessário modernizar apenas a cidade, mas também as áreas rurais, para que o desenvolvimento conseguisse chegar a todos os cantos.

Como comentamos anteriormente, a agricultura na região Oeste passou por algumas fases. Segundo Bavaresco<sup>182</sup>, tivemos quatro ciclos econômicos na região, todos ligados à agricultura. O primeiro ciclo econômico era o da pecuária, que pode ser considerado o primeiro, pois foi incentivado pelo governo federal ainda durante a disputa de terras entre Brasil, Argentina, Paraná e Santa Catarina. A pecuária na região Oeste durante o final do século XIX não conseguiu gerar um desenvolvimento econômico. Nesse mesmo período, outro ciclo econômico já era desenvolvido no Oeste, a extração da erva-mate e da madeira. O ciclo da erva-mate teve seu declínio entre as décadas de 1920 e 1930, momento em que a extração da madeira estava em seu ápice e permaneceu até o final da década de 1940. O ciclo da madeira resultou em uma grande movimentação econômica. Tanto a madeira como a erva-mate tinham como principal destino a Argentina, grande compradora desses produtos. Com o declínio da extração de madeira e a modernização da agricultura, que estava ganhando destaque na década de 1950, tivemos o início de um novo ciclo, o qual modificou a estrutura econômica do Oeste de Santa Catarina, o ciclo agroindustrial.

Entre as décadas de 1920 e 1940, chegou à região Oeste uma leva bastante grande de migrantes vindos do Rio Grande do Sul, que se organizaram, em sua maioria, nas áreas rurais e tinham uma pequena unidade agrícola, baseada na agricultura de subsistência. A criação de suínos, por anos foi a única renda dessas famílias, anos mais tarde o trigo e o milho também passaram a fazer parte da renda dessas pequenas propriedades. Segundo Alba, as pequenas propriedades foram fundamentais para expandir e desenvolver a agricultura.

Essas pequenas propriedades foram de fundamental importância para formar a base e expandir o capitalismo no campo. Organizados em pequenas propriedades privadas, eram produtores de mercadorias que operavam

---

<sup>181</sup> LEFEBVRE, 2011, p. 75.

<sup>182</sup> BAVARESCO, 2017, p. 283.



através de relações de parentesco, ou seja, por meio do trabalho familiar, no qual os próprios membros da família é que atuavam na produção de excedente para o capital comercial e, mais tarde, para o capital agroindustrial.<sup>183</sup>

Como visto, foram essas pequenas propriedades rurais que produziram, por anos, o milho, o trigo e os suínos para consumo próprio, vendendo seus excedentes nos moinhos e frigoríficos de pequeno porte que já existiam na região, possibilitando, assim, o acúmulo de riquezas aos pequenos proprietários rurais e também aos comerciantes.

A década de 1950 marcou a modernização nos meios de produção agrícola até então utilizados. O Estado teve papel fundamental na implantação de políticas que pretendiam desenvolver a agricultura. Segundo Alba<sup>184</sup>, uma das medidas tomadas pelo Estado em 1950 foi a implantação do serviço de extensão rural e o crédito supervisionado, que buscavam atender às demandas de recursos financeiros e extensão rural. Auri Bodanese<sup>185</sup> comenta que a carteira de crédito agrícola do Banco do Brasil, que teve sua agência criada em 1954 na cidade de Chapecó, tinha como objetivo desenvolver a produção de trigo e o cooperativismo da região Oeste, proporcionando o desenvolvimento e a modernização agrícola.

A produção de trigo foi fortemente estimulada pelo governo Getúlio Vargas durante o seu último governo, além disso, incentivou também a mecanização agrícola, com pesados investimentos na importação de máquinas agrícolas para melhorar e aumentar a produtividade, como foi possível perceber na reportagem do jornal *A Voz de Chapecó* de 1950<sup>186</sup>. Getúlio Vargas fez uma campanha nacional incentivando a produção de trigo, buscando solucionar o problema com a escassez do produto. Os jornais de Chapecó intensificaram esse debate também motivados a mobilizar os produtores rurais para essa causa. Durante os anos de 1950, foram inúmeras reportagens que iam além do estímulo, servindo também como orientadoras aos produtores, desde formas de manejo correto, adubação adequada e incentivo à semeadura feita com máquinas agrícolas. O resultado foi positivo, no ano de 1953 Chapecó foi reconhecido, segundo o jornal *A Voz de Chapecó*, como o município que mais plantou trigo no Estado

---

<sup>183</sup> ALBA, 2002, p. 34.

<sup>184</sup> ALBA, Rosa Salet. As Agroindústrias e a Produção do Estado Urbano de Chapecó. **Revista Cadernos do Ceom**, v. 15, n. 14, 2001, p. 307.

<sup>185</sup> SILVESTRIN, Alvirio. **Bodanese a geração de um pioneiro**. 2 ed. Chapecó, coleção biografias, 1999, p. 34.

<sup>186</sup> BASTOS, Miranda. Estímulo à Campanha de trigo e gradativa mecanização da lavoura: Getúlio expõe as bases de sua política agrícola. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, 31 de dez. 1950, p. 1.

e que teve a melhor qualidade do produto. “O município de Chapecó, que é o líder na produção tritícola do Estado, acaba também de se destacar quer pela qualidade do grão produzido, como pela extensão de suas lavouras.”<sup>187</sup>.

Percebemos como os meios de comunicação foram de extrema importância para a disseminação das políticas de modernização agrícola e de discursos que serviram para orientar os produtores rurais e apresentar novos meios para os agricultores modernizarem suas propriedades. O assunto ganhou repercussão inclusive na câmara dos deputados de Santa Catarina. Enquanto alguns deputados apoiavam a modernização e a mecanização da lavoura para obter mais lucros e melhor produtividade, outros eram contrários por acreditarem que a região Oeste ainda não estava preparada e não possuía infraestrutura suficiente para esse processo de mecanização. Observemos o discurso do deputado Vicente João Schneider, publicado no jornal *O Imparcial*.

- 1º. Há falta de estradas troncos que venham encurtar as distâncias.
- 2º. Há falta de escolas que arranquem o nosso homem do interior do analfabetismo, estimulando as grandes iniciativas.
- 3º. Há falta de transporte - que dê um rápido escoamento à produção.
- 4º. Faltam armazéns e silos; pois, as construções rústicas das rurícolas não garantem a proteção a deterioração dos produtos.
- 5º Não dispomos de parque industrial adequado que nos permita sermos auto-suficientes quer em máquinas e motores - que em carburadores e lubrificantes.
- 6º Não dispomos de técnicos profissionais aos quais poderia ser confiada a mecanização da lavoura em **maior escala**.<sup>188</sup>

Os problemas listados pelo deputado João Schneider são os que, segundo ele, impediam a modernização na região. Primeiro seria necessário que tivessem estradas adequadas e caminhões para fazer o escoamento de mercadorias. Depois existia a necessidade de mão de obra capacitada para trabalhar com as novas máquinas que chegariam ao campo, pois, como ele comenta em trechos anteriores de seu discurso, na maioria das vezes os motoristas dessas novas máquinas nunca haviam dirigido uma e não sabiam como usá-las. Primeiro seria necessário capacitar os motoristas desses novos equipamentos. Além desses, outros dois problemas são citados: a falta de silos adequados para o armazenamento da produção e a falta de manutenção, pois, segundo ele, na região não se conseguia encontrar para comprar nem mesmo pneus para esses

---

<sup>187</sup> O maior plantador de trigo do estado. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, 24 de jan. 1953, p.1.

<sup>188</sup> SCHNEIDER, Vicente João. Discurso pronunciado pelo Deputado -25/4/51. **O Imparcial**. Chapecó, 20 de mai. 1951, p.5. (grifo do autor).

equipamentos, tão pouco outras peças que viessem a estragar. A intenção de João Schneider não era se posicionar contra a modernização agrícola no Oeste, mas requerer que o governo do estado e o governo municipal solucionassem alguns desses problemas de competência deles, para que, posteriormente, fosse implantada a modernização agrícola.

O trigo e a mecanização não foram os únicos problemas rurais a serem discutidos com relação à modernização agrícola. O grande motivador do desenvolvimento regional, na área agrícola, foi a suinocultura. Já no ano de 1950, antes mesmo da construção da Chapecó Alimentos, que ocorreu em 1953, os jornais, na coluna de assuntos rurais, incentivavam e orientavam os agricultores a criarem porcos. “PRECISAMOS abarrotar os nossos mercados de carne, banha e toucinho e enviar as sobras, que não devem ser poucas para exportação.”<sup>189</sup>. Percebe-se a necessidade e a importância econômica que o suíno tinha. Segundo Moretto e Brandt<sup>190</sup>, no Oeste de Santa Catarina, a criação de suínos associada à produção de milho foi de grande importância para o crescimento da região. Nos primeiros anos de criação, os agricultores vendiam suínos vivos para terceiros e para abatedouros para produção de banha, ambos tinham grande mercado consumidor. A partir de 1940, foi possível perceber na pesquisa que era mais rentável abater o porco e vender a banha e a carne e não mais comercializar o suíno vivo. Com o passar dos anos, o foco de produção passou a não ser mais a banha e, sim, a carne suína e seus derivados. Com isso houve a necessidade de instalar um frigorífico mais próximo ao produtor, para que não fosse mais necessário mandar o suíno para outras cidades e estados para processá-lo. Dessa forma, era necessário incentivar e orientar o produtor para as mudanças que iriam ocorrer com a chegada do frigorífico.

Um dos fatores que levou à criação de suínos em Chapecó e região, segundo Plínio Davi de Nêz<sup>191</sup>, foi o relevo dobrado, que não possibilita o plantio em algumas áreas de terra. Segundo ele, as pocilgas e, posteriormente, os aviários possibilitaram

---

<sup>189</sup> CONSELHO sobre a criação de porcos: Assuntos rurais. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, 19 de fev. 1950, p. 2.

<sup>190</sup>MORETTO, Samira Peruchi; BRANDT, Marlon. Das pequenas produções à agroindústria: suinocultura e transformação na paisagem rural em Chapecó, SC. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, V. 11, n.26, p.229-254, jan/abril. 2019, p. 237.

<sup>191</sup> DE NÊZ FILHO, Plínio David. Entrevista Citada

transformar a região no potencial que ela é hoje, pois era possível ocupar produtivamente todas as propriedades, até as menos adequadas para grãos.

A implantação da agroindústria modificou a forma como as pequenas propriedades de agricultura familiar criavam seus animais. Os animais foram substituídos por raças de genética, que traziam maior rentabilidade comercial, aumentando a produtividade e a qualidade do produto final. Era necessário acelerar o processo de terminação dos animais, com a modificação genética para gerar mais lucro. Segundo Bavaresco<sup>192</sup>, foram necessárias mudanças também na forma de produzir os animais, que não poderiam mais ser criados soltos. Fazia-se necessário instalação adequada para confinamento, alimentação balanceada a base de milho e ração. Segundo ele, as agroindústrias exigiam que se produzisse animais saudáveis e cada vez mais precoces. As mudanças na alimentação desses animais, com a implementação de rações e vitaminas, acarretaram em maiores custos na produção e empobrecimento e até falência de muitos agricultores.

A década de 1950 foi decisiva para a área rural de Chapecó e região, sendo implantados dois grandes frigoríficos: em 1953 a S.A Indústria e Comércio Chapecó (SAIC) e em 1956 a Indústria e Comércio Marafon. A agroindústria não modificou apenas o espaço urbano, mas foi responsável também por modificações na área rural, trazendo modernização para o campo, voltada às exigências do setor agroindustrial. A implantação do sistema de integração<sup>193</sup> também foi responsável por modificar as estruturas. Segundo Plínio Davi de Nês<sup>194</sup>, esse sistema se fez necessário para garantir a matéria-prima, pois na época fora instalado o frigorífico Marafon e havia o risco de faltar suínos para abate. Pensando nisso, o sistema de integração, como foi chamado, dava suporte ao produtor com suplementos necessários para a criação dos animais e garantia ao produtor de que toda sua produção fosse adquirida, descontando o valor dos insumos consumidos do valor da venda. Esse sistema garantiu a matéria-prima para muitas empresas do ramo na região.

---

<sup>192</sup> BAVARESCO, 2017, p. 302.

<sup>193</sup> O sistema de integração resume-se em um contrato de parceria entre o produtor rural e a agroindústria, sendo o agricultor responsável pela produção da matéria prima, e a agroindústria responsável pelo fornecimento de assistência técnica e insumos necessários para a produção como as vacinas e a ração, além de se responsabilizar pela logística como a entrega de ração e transporte da matéria prima. O sistema de integração foi fundamental para o sucesso das agroindústrias do Oeste de Santa Catarina, garantindo que não falte matéria prima para as empresas.

<sup>194</sup> DE NÊS FILHO, Plínio David. Entrevista Citada

A modernização do campo trouxe, ao mesmo tempo, benefícios e fragilidade à pequena propriedade da agricultura familiar, pois as famílias do campo, que não se adequaram aos novos sistemas implantados pela modernização, acabaram tendo que migrar para a cidade em busca de emprego. Foi intenso o êxodo rural que ocorreu em Chapecó após a criação da agroindústria. O jornal *O Imparcial* já alertava para o problema da industrialização, em uma coluna publicada em 23 de agosto de 1953, comenta que a criação de fábricas poderia causar problemas para a agricultura.

Fábrica disto, fábrica daquilo, fábrica daquil'outro. Fábrica e sempre mais fábrica, eis o que se vê por aí em fora, crescendo todo dia em número e variedade. Dizem que isso é desenvolvimento, crescimento, progresso e não sei o que mais. é possível. Mas o diabo é que, enquanto esse progresso, esse crescimento e esse desenvolvimento se processam nas cidades, os campos vão ficando cada vez mais abandonados. A produção agrícola não só não cresce na proporção exigida pelo aumento da população, como ainda diminui e até desaparece em alguns casos.<sup>195</sup>

O deslocamento campo/cidade e a miserabilização de algumas famílias agricultoras deram origem aos primeiros bairros pobres, que posteriormente seriam chamados de favelas. Os problemas sócio espaciais começaram a surgir com a criação de áreas periféricas na cidade.

A agroindústria em Chapecó passou a ser considerada o principal agente de desenvolvimento do município e da região Oeste como um todo. A economia regional ganhou fôlego e foi determinante para o desenvolvimento urbano e rural, atendendo às novas demandas que esse setor criou na sociedade. Destacamos que não foram apenas benefícios que ela trouxe, são inúmeros os problemas sociais e ambientais causados pela agroindústria em Chapecó. Não trataremos sobre esses assuntos neste momento, deixando em aberto a possibilidade de novas pesquisas sobre o assunto.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento da presente dissertação teve como objetivo identificar os discursos de modernidade e desenvolvimento que foram divulgados nos jornais locais de Chapecó, buscando perceber como se constituiu o sonho de uma cidade planejada,

---

<sup>195</sup> ALENCAR, Gilberto. Industrialização sem base. **O Imparcial**. Chapecó, 23 de ago. 1953, p.1.

que buscava romper com o atraso e com aspectos de ruralidade. Ao longo da pesquisa, percebemos que a década de 1950 foi marcada por intensa rivalidade política que prejudicou o desenvolvimento da cidade e acabou atrasando o processo modernizador.

Fica visível, a partir das fontes utilizadas, que o Oeste Catarinense historicamente foi lembrado como local de atraso e poucos investimentos por parte dos órgãos públicos. Os anos 1950 marcaram discussões relacionadas a esses investimentos, pensando que eles deveriam ter ocorrido ainda na década de 1930 e 1940, para que a região pudesse se desenvolver. Uma das grandes preocupações estava relacionada à dificuldade de locomoção dos moradores para a região litorânea do estado, e ao escoamento de alimentos da região Oeste. Pensando que em Chapecó, maior município da região, a forma mais rápida de conseguir chegar ao litoral era por meio de vias aéreas, mas mesmo assim, existia falta de infraestrutura no único aeroporto da região e poucas escalas de voo.

Não foi apenas a questão da ligação com o litoral que preocupava os moradores. A estagnação econômica acentuada nos dois primeiros anos de 1950 era um grande problema para os grupos sociais. Isso fez com que eles se organizassem em busca de alternativas para desenvolver a cidade e promover o avanço. Algumas alternativas foram encontradas, e os primeiros passos começaram a ser traçados ainda em 1950.

José Miranda Ramos assumiu a prefeitura de Chapecó no ano de 1950, sua vitória no pleito eleitoral daquele ano rompeu com a estrutura política que ligava a administração pública aos aliados da família Bertaso. Com isso, a rivalidade entre PSD e a chapa UND/PTB se intensificou. Os jornais estamparam em suas páginas uma intensa disputa de forças para denegrir a imagem de inimigos políticos e defender a de aliados. Isso acabou afetando diretamente o desenvolvimento local, pois as pessoas que pensavam a cidade, estavam focadas em atacar adversários políticos e não em solucionar os problemas que afetavam a população.

A administração de Miranda Ramos foi marcada por investimentos na área da educação e melhorias na infraestrutura viária como forma de romper com o isolamento territorial. Nos cinco primeiros anos de 1950, o objetivo central era romper com o atraso e com a ideia de espaço rural que ainda estava muito presente na cidade. Primeiro se fez necessário trazer aspectos de urbanidade para posteriormente investir em infraestrutura e modernidade. Com isso, percebemos ao longo da pesquisa, que a criação de leis e a utilização dos jornais para orientar a população foram marcantes durante esse período.

O principal foco era embelezar a cidade, tirar da área central aspectos que remetessem a um espaço rural, pintar as casas, construir muros de concreto e tirar as cercas de madeira, entre outras medidas.

Além das questões estéticas, houve a necessidade de investimentos públicos em setores que estavam esquecidos, como a criação de uma agência dos correios para facilitar a comunicação, o melhoramento do fornecimento de energia, que ainda era precário, e a pavimentação de ruas e ligações importantes da cidade, que remetiam a picadas de áreas rurais.

Era necessário mais do que isso para alcançar o desenvolvimento, precisava-se investir na economia para que de fato ocorressem as modificações. Um grupo de pessoas preocupadas com a cidade sentiram essa necessidade e buscaram alternativas para criar uma empresa de grande porte que viesse a desenvolver a economia local e regional. Foi então que, em 1953, surgiu a ideia de criar uma agroindústria, a qual modificou, em longo prazo, toda a estrutura urbana de Chapecó. Ela trouxe o tão esperado desenvolvimento e modificou os aspectos da área central da cidade. Com ela, porém, também vieram problemas sociais que estão presentes em Chapecó até os dias de hoje.

Os anos de 1950 marcaram várias mudanças nas estruturas de Chapecó, foi o momento em que o novo começou a sobrepor o velho. A atividade comercial foi intensificada, a modernização agrícola deu os primeiros passos para um grande avanço. A indústria, os transportes e a comunicação trouxeram marcas de uma modernidade que viria a ser percebida de forma mais intensa nas décadas de 1960 e 1970, com a ampliação da população urbana e, principalmente, com a consolidação do sonho da modernização.

Conseguimos perceber, ao longo da pesquisa, que os anos 1950 foram decisivos para o desenvolvimento local e regional. Entretanto, isso só foi possível devido a decisões que foram tomadas ainda em 1930 e 1940, quando se começou a pensar a cidade. Não podemos negar que a família Bertaso teve papel importante para o progresso e desenvolvimento de Chapecó e de toda a região Oeste de Santa Catarina. Pois, foram desta família que vieram as principais medidas para acabar com a estagnação econômica da década de 1950, lembrando também de todo esforço feito por membros da família Bertaso, entre 1930 e 1940 para planejar e desenvolver Chapecó. Mas também precisamos destacar que o grande avanço desenvolvimentista ocorreu após a criação da agroindústria e que os anos de 1960 e 1970 foram importantes para a concretização do sonho de modernidade.

Ao observarmos o papel da imprensa nesta trajetória, percebemos que o jornal *A Voz do Chapecó*, mesmo tendo sido criado alguns anos antes, foi de grande importância para o debate sobre o desenvolvimento da cidade, contribuindo com várias críticas e discussões de problemas locais e regionais. Colocou-se sempre como oposição à gestão que estava governando o município durante os primeiros anos de 1950, porém muitas de suas críticas que não tinham caráter político, podem ser consideradas como construtivas, pois colaboraram com o processo desenvolvimentista e com a compreensão de problemas da cidade.

Já o jornal *O Imparcial* foi criado no ano de 1951, ficou claro durante a pesquisa que seu objetivo era defender a administração de José Miranda Ramos e atacar os membros do PSD. Por ser um jornal aliado à gestão municipal do período, muitas vezes deixou passar despercebido questões relevantes à cidade, pois não era seu objetivo atacar ou encontrar problemas na administração que estava no poder. Isso acabou se tornando um problema para o desenvolvimento da pesquisa, pois após o ano de 1953, não foram encontrados mais exemplares do jornal *A Voz de Chapecó*, supõe-se que tenha saído de circulação. Fazendo com que nos anos de 1954 e 1955 os debates sobre a cidade diminuíssem bastante.

Um outro problema encontrado foi em relação à criação da agroindústria, fez-se necessário utilizar outras fontes, para conseguir informações sobre a sua criação, pois pouco foi encontrado nas páginas do jornal *O Imparcial*. Lembrando que o frigorífico Chapecó alimentos foi criado por um grupo que era de oposição aos donos do referido jornal, isso possivelmente tenha interferido na divulgação de reportagens sobre o assunto. Com relação a esse problema, podemos concluir que a imprensa de Chapecó, durante os anos 1950, não era uma imprensa neutra e imparcial, era bastante tendenciosa e tinha cunho político partidário.

A história desenvolvimentista de Chapecó teve uma trajetória longa, foram anos de trabalho e envolvimento coletivo para romper com o atraso de uma das últimas regiões do estado a ser colonizada. Mesmo tendo convicção de que o celeiro econômico do Estado estava localizado no Oeste, as autoridades não se preocupavam em fazer investimentos. Foi com a criação da primeira agroindústria que percebemos que os olhares se voltaram para o Oeste e os investimentos passaram a ser feitos.

É importante destacar também que não se desejava apenas um desenvolvimento no espaço urbano de Chapecó, mas nas áreas rurais também. Em relação a esse assunto,



percebemos que os meios de comunicação tiveram papel de destaque, orientando e incentivando os agricultores a investir em novos cultivares. Devido ao tempo e à delimitação de nosso trabalho, não conseguimos explorar muito esse e outros assuntos que são de grande importância, como os problemas sociais que começaram a surgir com a instalação da agroindústria no município, com o êxodo rural e com as questões ambientais. Todos são problemas pouco explorados e que merecem atenção e futuros trabalhos.

## REFERÊNCIAS

### FONTES

ALENCAR, Gilberto. Industrialização sem base. **O Imparcial**. Chapecó, 23 de ago. 1953.

ALENCAR, Gilberto. Urbanidade. **O Imparcial**. Chapecó, 21 de nov. 1954.

BASTOS, Miranda. Estímulo à Campanha de trigo e gradativa mecanização da lavoura: Getúlio expõe as bases de sua política agrícola. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, 31 de dez. 1950.

CARDOSO, Alceu G. Edital de Prorrogação. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, 26 de fev. de 1950.

CONSELHO sobre a criação de porcos: Assuntos rurais. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, 19 de fev. 1950.

CORREIOS e telégrafos. **O Imparcial**. Chapecó, 03 de fev. 1952

CRUZ, Luiz Abs. Problemas de Chapecó. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, 20 de abr. 1952.

DE NÊS FILHO, Plínio David. Entrevista [28 fev. 2020]. Entrevistadores: E. Forneck; A. Lubenow. Chapecó, 2020. **Projeto de “De fábricas de banha a agroindústrias internacionais: a construção da cultura agroindustrial de Chapecó”**. Acervo: CEMAC.

ERING, Leopoldo Olavo. Homens de “Boa Vontade”. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, 31 de dez.1950.

FILHO, Peregrino De Souza. A Nossa Cidade **O Imparcial**. Chapecó, 02 de nov. 1952.

GONZAGA, Gustavo. Cooperamos antes de criticarmos. **O Imparcial**. Chapecó, 25 de fev. 1951.

KILISKI, Miguel. Edital N.3. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, 3 de set. 1950.

L.V.F. Não somos tão maus assim... **A Voz de Chapecó**. Chapecó, 11 de fev. de 1951.

MACHADO, Roberto. Os Amigos da Onça. **O Imparcial**. Chapecó 13 de mai. de 1951 a.

MACHADO, Roberto. Verdade e abaixo-assinado. **O Imparcial**. Chapecó 20 de mai. de 1951b.

MACHADO, Roberto. E o povo que julgue... **O Imparcial**. Chapecó 02 de set. de 1951c.

MACHADO, Roberto. Cumprindo a Lei. **O Imparcial**. Chapecó, 01 de jun. 1952a.

MACHADO, Roberto. O Calor do Frigorífico. **O Imparcial**. Chapecó 13 de jul. de 1952b.

MALVADEZA. **O Imparcial**. Chapecó, 12 de ago. 1951.

MIRANDA, Torres. Plano de Ação do Dr. Torres de Miranda: Diretor de Obras Públicas do Município. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, p. 2-3, 04 de jan. 1953.

POR falar em Desmemoriados. **O Imparcial**. Chapecó 25 de mar. de 1951.

O imparcial. **O Imparcial**. Chapecó, 25 de fev. de 1951.

OS desmemoriados. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, 18 de fev. de 1951.

O maior plantador de trigo do estado. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, 24 de jan. 1953.

PALMA, Jacy. Derrota Merecida. **O Imparcial**. Chapecó, 25 de fev. de 1951.

POR falar em desmemoriados. **O Imparcial**. Chapecó 25 de mar. de 1951

POR falar em desmemoriados... As histórias não foram contadas. **O Imparcial**. Chapecó, 8 de abr. de 1951.

SCHNEIDER, Vicente João. Discurso pronunciado pelo Deputado -25/4/51. **O Imparcial**. Chapecó, 20 de mai. 1951.

TRINTA dias. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, 29 de mar. de 1953.

UMA exceção. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, 17 de jun. de 1951.

## **BIBLIOGRAFIA**

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação da grande imprensa**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016.

ALBA, Rosa Salete. As Agroindústrias e a Produção do Estado Urbano de Chapecó. **Revista Cadernos do CEOM**, v. 15, n. 14, p. 301–326, 2001.

ALBA, Rosa Salete. **Espaço urbano: os agentes da produção em Chapecó**. Chapecó: Argos, 2002.

ALBA, Rosa Salete; SANTOS, Verence Fátima S. dos. Chapecó no contexto da migração campo/cidade. **Cadernos do CEOM** - Ano 16 nº 15 - UNOCHAPECÓ - junho/2002, p. 311-338.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil (1900-2000)**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARBOSA, Marialva . Cenários de transformação: Jornalismo e História no século XX. In: **Revista FAMECOS (Online)**, Porto Alegre, v. 19, n. 2 p. 458-480, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/12324/8264>. Acesso em: 12 fev.2021.

BASTOS, Mario J. da M. história e discurso perspectivas e controvérsias. In: **Imagens da Educação**, v. 1, n. 2, p. 1-11, 2011.

BAVARESCO, Paulo Ricardo. A História Econômica do Oeste Catarinense. In: CARBONERA, Mirian; ONGHERO, André L; RENK Arlene; SALINI, Ademir M. (Orgs.). **Chapecó 100 anos: histórias plurais**. Chapecó: Argos, 2017. p. 281-313.

BERNARDY, Rógis J. PIEKAS, Andrezza A. S. DALLOTO, Roque A. Dinamismo socioeconômico e espacial na cidade de Chapecó: Da gênese até a atualidade. In: CARBONERA, Mirian; ONGHERO, André L; RENK Arlene; SALINI, Ademir M. (Orgs.). **Chapecó 100 anos: histórias plurais**. Chapecó: Argos, 2017. p. 357-384.

BINETTI Saffo Testoni. Progresso. **Dicionário de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, v. 1, p. 1009- 1015.

BRESCIANI, Maria Stella. A cidade: objeto de estudo e experiência vivenciada. In: **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, v. 6, n. 2, p. 9-26, nov. 2004.

BOHNER, José. Entrevista concedida dia 10 de março de 2005. CIATTA, Gleizi. VALLE, Luciana do. **Pioneiros da imprensa de Chapecó: história de vida e trajetória profissional**. Florianópolis: Insular. 2007.

BOLZAN, Scheila Maria. **Política, discursos e cidade: Chapecó-SC, início dos anos 1950**. 2017. 62 f. TCC (graduação)- Curso de licenciatura em História, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Chapecó, 2017.

BORBBIO, Norbeto. Elite. **Dicionário de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, v. 1, p. 385-391.

BORBBIO, Norberto. Política. **Dicionário de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, v. 1, p. 954-962.

CALONGA, Maurilio Dantielly. O jornal e suas representações: objeto ou fonte da história? **Revista de Comunicação & Mercado/UNIGRAN**, Dourados, vol. 01, n. 02 – edição especial, p. 79-87, nov 2012.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CIOTTA, Greizi; VALLE, Luciana. **Pioneiros da imprensa de Chapecó: história de vida e trajetória profissional**. Florianópolis: Insular, 2007.

ELMIR, Claudio Pereira. Uma aventura com o Última Hora :O jornal e a pesquisa histórica. **Anos 90**, Porto Alegre, v.19, n.36, p. 67-90, dez. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/31063> acessado em: 11 fev. 2021.

ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, V. XXIV, n.2, p. 269-389, dez. 1998. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/27266> . Acessado em: 07 jun. 2021.

FACCO, Janete; FUJITA, Camila; BERTO, James L. Agroindustrialização e urbanização de Chapecó-SC (1950-2010): uma visão sobre os impactos e conflitos urbanos e ambientais. **Revista Desenvolvimento Regional**. v. 19, n. 1, p. 187-215, 2014. Disponível em> <https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/2481>. Acesso em: 19 de out. 2021.

FALCON, Francisco. História e Poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, v. 1, p. 97-139.

FORNECK, Elizandra.; LUBENOW, Aline M. **De fábrica de banha a agroindústrias internacionais: a construção da cultura agroindustrial de Chapecó**. Chapecó, [s.n], 2021.

FUJITA, Camila; MATIELLO, Alexandro M.; ALBA, Rosa S. Rede de pólo e micropolos regionais no Oeste Catarinense. **REDES**, Santa Cruz do Sul, v. 14, n. 2, p. 53 - 79, maio/ago. 2009.

GOLO, Cristiomar. **Reconfigurações espaciais no Oeste Catarinense: considerações acerca do rural e do urbano (1917- 2013)**. 2013. 135 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

HASS, Mônica. **Os partidos políticos e a elite chapecoense: um estudo do poder local 1945 – 1965**. Chapecó: Argos, 2000.

HASS, Mônica. **O linchamento que muitos querem esquecer: Chapecó, 1950-1956**. Chapecó: Argos, 2013.

HASS, Mônica. As elites políticas e o poder local: conflitos na política chapecoense de 1917 a 1998. In: CARBONERA, Mirian; ONGHERO, André L.; RENK Arlene.; SALINI, Ademir M. (Orgs.). **Chapecó 100 anos: histórias plurais**. Chapecó: Argos, 2017. p. 253-279

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico**: 1º de junho de 1950. Santa Catarina. Rio de Janeiro, 1952. (VI recenseamento geral do Brasil).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Dicionário Cartográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 1993.

JUNIOR, Durval Muniz A. História e política, ou a arte de fazer escolhas. **Estudos Ibero-Americanos** (PUC/RS). v. 45, p. 186-191, 2019.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. SÃO PAULO: CENTAURO, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1994.

LUCA, Tania Regina. “A história dos nós e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 111-153.

MENDONÇA, Sonia. R; FONTES, Virgínia. História e teoria política. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, v. 1, p. 60-61.

MONTEIRO, Charles. Entre História Urbana e História da Cidade: questões e debate. **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 5, n.1, jan./jun. p. 101-112, 2012.

MORETTO, Samira Peruchi; BRANDT, Marlon. Das pequenas produções à agroindústria: suinocultura e transformação na paisagem rural em Chapecó, SC. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, V. 11, n.26, p.229-254, jan/abril. 2019.

MURARO, Valmir Francisco. Sobre fronteiras e colonização. In: RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir José; ZARTH, Paulo A (Org.). **História da Fronteira Sul**. Porto Alegre, RS: Letra & Vida, 2015. p. 167-189.

NODARI, Eunice S. **Etnicidades renegociadas**: práticas socioculturais no oeste de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2009.

OLIVEIRA, Gilson Batista. Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento. **Rev. FAE**, Curitiba, v.5, n.2, p.37-48, maio/ago.2002. Disponível em: <https://revistafae.fae.edu/revistafae/article/view/477/372>. Acessado em 08 de abr. 2022.

PATUSSI, Dino. Entrevista concedida dia 04 de maio de 2005. CIATTA, Gleizi. VALLE, Luciana do. **Pioneiros da imprensa de Chapecó**: história de vida e trajetória profissional. Florianópolis: Insular. 2007.

PESAVENTO, Sandra J. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. Estudos Históricos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro v.8, n.16, p.279-90, 1995.

PESAVENTO, Sandra J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo. Vol. 27, n. 53, jan./jun. 2007. p.11-23

PESAVENTO, Sandra J. Cidades imaginárias: literatura, história e sensibilidades. **Fênix: Revista de História e Estudos Culturais**. [S. l.], Vol 6, ano VI, n. 1, jan./fev./mar. 2009. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/vol18sandra.php>. Acesso em: 20 ago. 2016.

PETROLI, Francimar Ilha da Silva. **Um desejo de cidade, um desejo de modernidade (Chapecó, 1931-1945)**. 2008. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

PIEKAS, Andrezza A. S. **Análise da influência da rodovia BR 282 como vetor de desenvolvimento, a partir da presença de atividades econômicas industriais**. 2015. 130 f. Dissertação (Mestrado) Curso de Pós-Graduação em Administração - Universidade do Oeste de Santa Catarina - Chapecó, 2015.

RADIN, José C. Um olhar sobre a colonização da fronteira sul. In: RADIN, J. C.; VALENTINI, D. J.; ZARTH, P. A. (Orgs). **História da Fronteira Sul**. Porto Alegre: Letra & Vida – Universidade Federal da Fronteira Sul, 2015.

RECHE, Daniella. **Leis e planos urbanos na produção da cidade: o caso de Chapecó, SC**. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2008.

RECHE, Daniela; SUGAI, Maria I. A influência do capital agroindustrial na distribuição socioespacial urbana do município de Chapecó no sul do Brasil. Dez anos de mudanças no Mundo, na Geografia e nas Ciências Sociais, 1999-2008. **Anais do X Colóquio Internacional de Geocrítica**, Universidade de Barcelona, de 26 a 30 de maio de 2008. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/-xcol/257.htm>. Acessado em: 15 de fev.2022.

RÉMOND, René. (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro, 1996, UFRJ/ FGV.

ROLNIK, Raquel. **O que é a cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do Jornalismo**. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2003.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: EDUSP, 2005.

SILVA, Claiton Marcio da; HASS, Monica. “O Oeste Catarinense não pode parar aqui”. Política, agroindústria e uma história do ideal de progresso em Chapecó (1950-1969). **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 21, p. 338 - 374. maio/ago. 2017.

SILVA, Kalina V; SILVA, Maciel H. Cidade. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2012.

SILVA, Zedar Perfeito da. **Oeste catarinense**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1950.

SILVESTRIN, Alvirio. **Bodanese a geração de um pioneiro**. Chapecó, coleção biografias, 1999.

SODRÉ, Nelson W. **A História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

VITORIA, Fernando Antônio. **De “Velho Xapecó” a “Polo formador de polos”**: A construção discursiva da “Capital do Oeste”. 2011. 156 f. Dissertação (Mestrado)-Curso de pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. **Revista História e Historiografia**, São Paulo, n. 4, p. 89-102, jun. 1985. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12410> acessado em: 30 jun. 2021.

WAGNER, Altair. **E... Chapecó levantou vôo**. Florianópolis: De Letra, 2005.